

83 Democratas

132 Paratiba de D. Pedro

133 Maçonaria

134 Assua

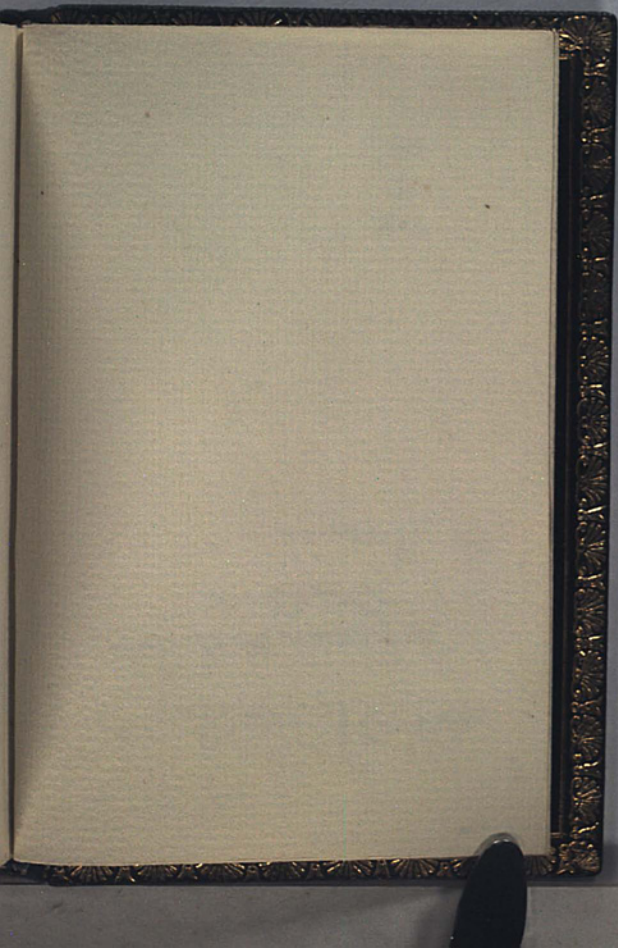
LR

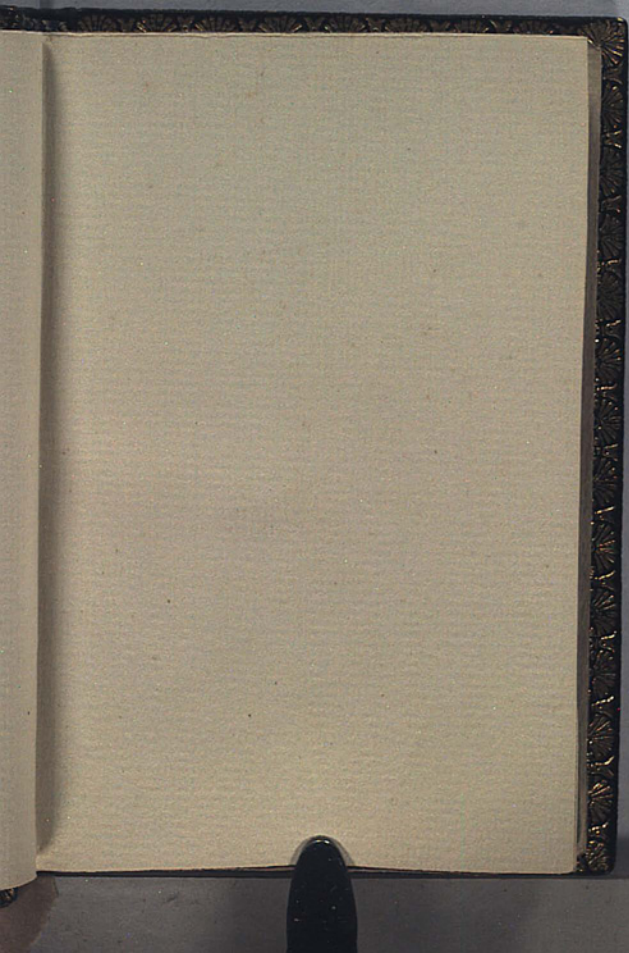
4

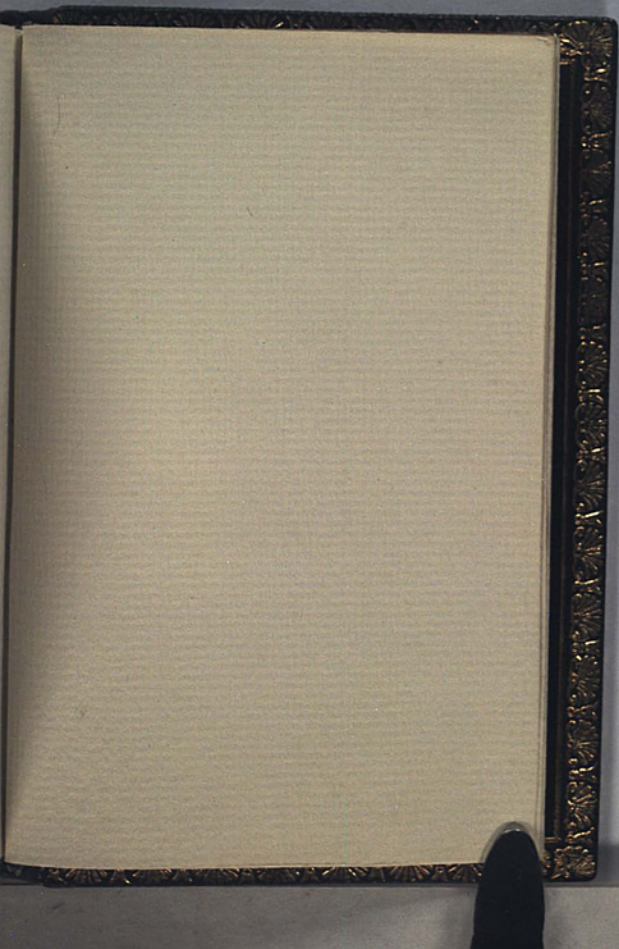
16

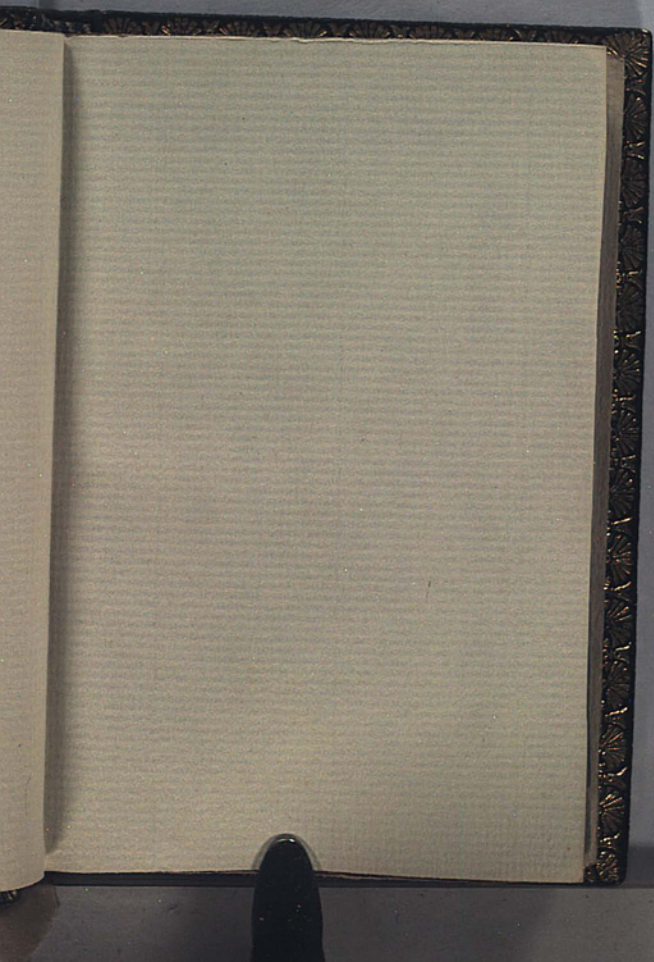
131 *Jacques Stoïck*

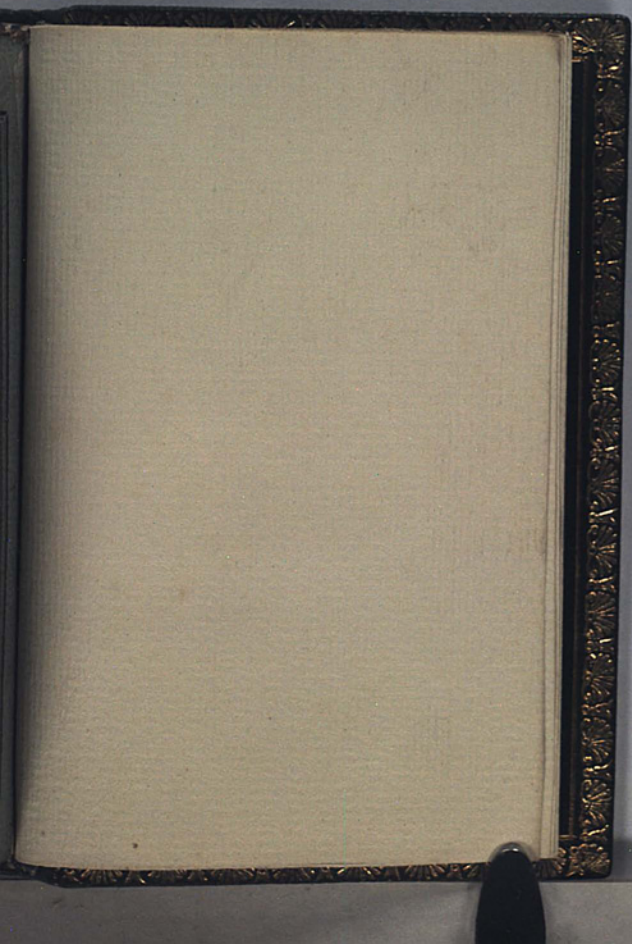
134 *Le Chevalier de
Baintot*











Os Burros,

OU

O Peinado da Sândice;

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO

EM SEIS CANTOS.

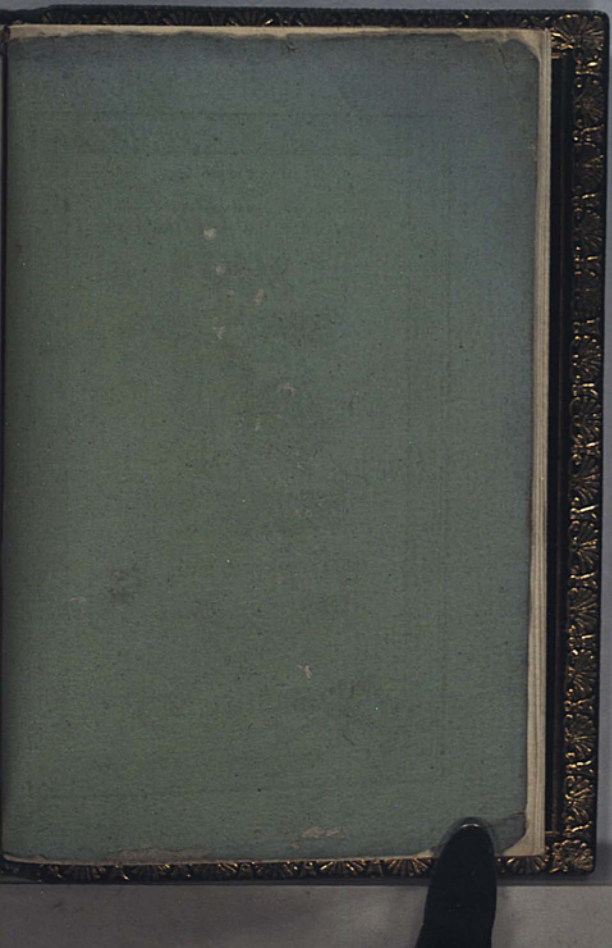


PARIS,

NA OFFICINA DE BIGNOUX,

RUA DES FRANCS-BOURGEOIS-MICHEL.

M DCCC XXVII.



Os Burros,

ou

O Pecinado da Landico

Os

O Peana

POEMA HEROICO

EN

pa

NA OFFICINA

RUA DES FRANCOIS

3322

M

Os Burros,

OU

O Peinado da Sandice;

POEMA HEROI-COMICO-SATYRICO

EN SEIS CANTOS.

Facit indignatio versum.

JUVENAL.



PARIS,

NA OFFICINA DE RIGNOUX,

RUA DES FRANCS-BOURGEOIS-S.-MICHEL.

M DCCC XXVII.

3322

Os Direitos

ou

O Príncipe da Baviera

POBIA HERON-COMO SATTINO

DE SIA CARLOS

Fach l'abbate
1777



PARIS

LA OFFICINE DE BENOIT

MDCCLXXVII

Prologo.

O Poeta que canta os Burros não tem imaginação assás forte para os descrever taes como elles são, nem um corno tam grande e tam retorcido com que pòssa tirar sons dignos de tal raça.

A expressão *Burro* em Portuguez significa o *maximo de estupidez e baixeza*: não sei se a immensa quantidade que tem existido em Portugal d'estes quadrupedes, terá influído na organização humana, para que sejam hoje tantos Portuguezes transformados em Burros: O Brasil ao menos tem-nos dado uma prova da possibilidade d'isto com os seus macacos. É tradição e constante persuasão em Portugal, que certos homens expiam certos crimes, e cumprem certos fados, transformando-se em Burros, a que hoje se dá o nome de *Lobishomens*;

e que o unico modo de lhes acabar o fado, é feri-los, ou bem chicotá-los.

Estes contos, que se perdem na historia da Sociedade, vêem-se hoje entre nós mais que nunca verificados; com a differença, que outro tempo era um, ou outro Burro que de noite andava orne-jando, chamando assim d'algum modo o soccorro, e a cura; mas hoje tem-se tornado uma molestia tam geral, que para lhes valer é preciso organizar um Corpo forte, e uma Sociedade para os zurzir e livra-los da doença; visto que, com os couces que dão junctos, nem conhecem o bem que se lhes quer fazer; nem se lhes póde valer, sendo poucos os charitativos que se acham isentos da molestia, e até muito mais difficil a cura, por se terem mettido n'isto os Touros Inglezes, que teem ciúme, que tornando-se os Burros outra vez gente, lhes sacudam algum dia o jugo.

Os Poetas Inglezes teem conhecido nos seus compatriotas um certo predominio para Touro; razão porque os teem des-

cripto em seus Poemas, ja como Touros, ja como Diabos : eis aqui porque Milton transformou no *Pandemonio* os Diabos, isto é os Touros, em Anãos: e os Francezinhos conhecendo igualmente o dominio de ligeireza, teem descripto os seus heroes ja como aves de rapina, ja como aves domesticas; e assim as outras Nações.


É constante hoje, que as nossas idéas véem todas pelos sentidos; e dos objectos com que lidámos, e de que sômos cercados, véem as nossas propensões e habitos: que muito é pois que vivendo-se a cada momento em Portugal rodeados de Burros, se acabe por fim em o ser; e que o fado de *Lobishomem* seja mais geral!

Verdade é que ha entes que teem menos affinidade para esta especie, e que mais resistem a tal doença; eis porque em Portugal ha alguns que o não podem ser.

Do cruzar das raças proveem organizações originaes e mixtas; esta a razão

porque os Portuguezes, em quanto andam n'este fado, junctam á bestialidade o atrevimento; sendo elles os que fomentaram a maior intriga entre El Rei e seu Filho, matando aos couces o primeiro, quando cuidavam da-los no segundo: sendo tambem elles os que separaram o Brasil de Portugal; e enfim os que chamaram os Inglezes para os montar, entregando-lhes os fortes, e o reino: em uma palavra, esteja certo o Leitor que n'este Poema nada ha de exagerado, nem de ficticio; mas sim phenomenos e raridades, taes como Bêstas chapadas darem conta d'uma Monarchia, como sempre taes Bêstas dêram.

Conhecido o remedio a tal molestia, faço votos os mais sinceros para que algum Magico appareça (como é tradição que ja houve outrora) para poder livrar Portugal de tal peste.



Os Burros.

OU

O REINADO DA SANDICE.

CANTO PRIMEIRO.

A Visam.

~~~~~

Ó Zanga, ó Numen que em minha alma entornas  
Fel em torrentes, que me inspiras versos  
Que são do Crime, e da Impostura açoute,  
Bafeja-me; aqui stou; que canto os Burros  
Em que de Lysia Heroes mudados foram,  
Dignos de alto cantor, dignos da força,  
Se mais azada a satyra não fôra  
A conserva-los em perpétua infamia.

Homens, homens de bem não tendes susto,  
 Que eu vil quadilha de Pedreiros zurzo,  
 E impostores hypocritas e Aulicos  
 Que as lettras, a razão, e a Patria aviltam:  
 Somente é esta a burrical caterva.

Qual de tantos Heroes primeiro, ó Zanga,  
 Me mandas celebrar? Teu guincho escuto:  
 Pampelona immortal, s'vandija illustre  
 Tu que fizestes vezes mil de Judas,  
 E mil vezes da Patria o Deus trabiste;  
 Tu, que entregastes a Macena o archote  
 P'ra a cinzas reduzir Portugal todo;  
 Tu, que outrora enforcado em statua sendo  
 Aos Burros, teus iguaes, junctar-te foste:  
 Tu, que á Patria voltando, escravizada,  
 Com Magistrados taes la deparaste,  
 Que ja tendo-te á morte condemnado,  
 Puro depois te acharam e innocente!  
 Tu que o largo trazeiro ao Rei beijavas,  
 Ao mesmo, que outro tempo, matar qu'rias;  
 Tu que até aquelles traiçoas-te  
 Que livrado te tinham do supplicio,  
 E que, primeiro Eunucho e Visir sendo,  
 Guerra entre o Pae e Filho suscitaste,  
 Separando o Brasil de Portugal,  
 E Portugal de todo destruindo;  
 Tu Burro es, e dos Infernos Burro.

Tambem tu Calhariz, malvada raça  
 Acharás o logar que te compete;

## CANTO PRIMEIRO.

3

Tu pygmeu, mas manhoso e fodaz Burro,  
Que Lysia a Albion, muito ha, vendeste  
P'ra de Burras entreteres Serralho,  
E á Paulina Palmella em Paris dares  
Duzentos francos mil, suor dos Lusos.  
Tu da casta es Burro damninho,  
D'aquella casta a quem os Portuguezes  
A cabeça tirar e pés dev'riam.  
O Araujo Ministro, que, imitando-te,  
Portugal aos Francezes entregara,  
De Vienna ao Congresso te fez ir  
Para la ostentares sabença e tretas  
De a Amos dons servir ao mesmo tempo:  
Tam voraz Burro sempre te mostraste,  
Que do dono a ração jamais te aprouve.  
Tambem tu, d'elle a par, seu digno ajoujo  
Orang-outang disforme dom Domingos,  
Que o titulo de Conde te encaixaram  
Quando descabeçar-te so deviam:  
Asno, aquem d'Albion as putas chamam  
« Horrendo, cujo e porco sodomita »  
Tu, depois d'a Franceza enxovalhares,  
(Que ao basbaque marido o Padre emprenha)  
Por mulher ao Cardoso a impingiste;  
Tu, que com o teu célebre Tractado  
Conta dos Lusos, e de tudo déstes;  
Es Burro tam matreiro, e taes e tantos  
Serviços, de forza dignos, has feito,  
Que nunca em Lisboa e Rio te apanharam:

Bem pouco se te dá que a Patria chore;  
 Embaixador em Roma agora te achas,  
 Que em manhas mahometicas te iguala.

Toma lugar aqui rasteiro Brainer,  
 Com os Lusos outrora suberbão;  
 Mas com os Francos humilhante Burro:  
 Tu, temendo que os Lusos te amanhassem,  
 Ao Rio practicar fostes baixeza;  
 Tam calejado e malhadiço stavas,  
 Que pór mais de annos tres ao Paço foste  
 Esporadas soffrer, vergalho e arres,  
 Dos Lusos, dos Macacos mofa sendo.  
 Taes mataduras ascarosas tinhas,  
 Que até mesmo o Valença te fugia.  
 Vilezas taes fizestes la no Rio,  
 E tanto em Sancta-Cruz á pata andaste,  
 Que um velho e manhoso Burro obeteve  
 Ires do Papa a Roma o pe beijar,  
 E a borla e nedio cu aos Carbonarios:  
 Sendo pelo Asno trémulo depois  
 Ás Tuilleries representar mandado  
 Aquelle que mordeste e abocanhaste;  
 Porque sempre contrario aos Borbons foste!  
 Tal a condição é da Lusa gente,  
 Que os Burros que mais couces lhe disparam,  
 De regê-la somente encontrem dignos:  
 E tal do Luso Rei era a fraqueza,  
 Que o reino arruinou por inconstante,  
 Empregando os velhaços que o trahiam.



Em a classe primeira occuparás  
Teu logar ó Silvestre ex-congregado,  
Que Lysia reformar em Coimbra q'rias,  
Mas que a não fugires para Setubal,  
E de la (graças ao Grilo Anns, e á sucia )  
No primeiro navio p'ra a Alemanha,  
A merecida paga receberas.  
Tu, o Burro ou chapado Asneirão es  
Que tantas no Brasil patadas destes  
Que, a não ser do Principe a molleza,  
Para a costa Africana te enviara.  
Evitara-se assim co'a Irmandade  
O Monarcha trahires e a Monarchia :  
Porém tal foi depois tua insolencia,  
Que do reino , a final, te sacudiram.  
Tu Candido, tambem, do Alveitar filho,  
Major das duzias, que no campo dicto  
*De Marte*, extra-portas de Grenoble,  
Para melhor a Napoleão servires,  
( Pois dous seitis de tactica não tinhas )  
C'os soldados, Dulin (r) te misturava,  
Obrigando-te á esquerda, e á direita  
A dares voltas mil no exercicio.  
Tanta raiva te tinha a Lusa tropa,  
Que, em Wagram, no maior calor da briga,  
De metralha te deu não poucos tiros,  
De que trouxeste a perna escalavrada :  
Mas tendo tu servido contra os Lusos,  
Justo era, que elles já feitos jumentos,

Governados por ti a ser viessem;  
 Pois a Burros so taes governar devem.  
 Tambem tu porealhão coronel Pêgo,  
 Que no assalto terrivel de Symólensko  
 O Luso batallião sacrificaste;  
 Porém como ahi perdeste o filho,  
 Te fez Napoleão Barão d'Imperio,  
 E com a cruz-da-honra te brindou,  
 Que agora mesmo em Portugal não largas:  
 Do hábito de Avis ao lado a trazes.  
 Pena é que de Wagram no conflicto  
 Não deixasses a ossada, mas valeu-te  
 Ficares guardando a ponte; que sem isso  
 Levaras c'os balazios no bandulho  
 Com que ha muito queriam premiar-te  
 Os teus mesmos soldados, em desforra  
 Das grandes arrojadas que lhe davas.

Tu me pedes tambem logar primeiro  
 Arrumador da bispotada immunda  
 Do bellico Hospital roubado aos Frades  
 Dictos *Capachos*, ou *Seringas* dictos:  
 Tu da esquadria apostata perjuro  
 Abrantes Verspelle, heroe dos Burros,  
 Tu, que quizeste ja servindo os Francos  
 Os tristes Lusos albardar, e albardas;  
 Tu, que apenas largastes a sotaína  
 E a chave que na cinta te pendia  
 (Com que abrias a porta do convento  
 Aos nedios e vermelhos frades Bentos)

## CANTO PRIMEIRO.

7

Logo com vis embustes em Coimbra  
A Antonia padeira seduzistes,  
E c'o suor das putas te formaste:  
De uma que o capello te alcançou,  
Com a tua pharmacia, cabo destes.  
Mais emfim c'uma torta te ajoujaste;  
A qual, pouco te dá que o Guedes monte,  
Comtantoque do pae dinheiro arranques.

Não me esqueço de ti, Lacerda, es Burro,  
Burro malvado que o Algarve e o Porto  
Com sordida cubiça rapinaste;  
Porém mais em Lisboa encheste a garra  
Quando ao trédo Pamplona succedeste.

D'elle a par te colloco ó tu Barradas,  
Que das Cannas-da-Quinta o Sultão es,  
E dos Trolhas o insigne Gran' Mestre.  
Mais apto a destruir que a edificar,  
Á ruína da Patria cooperastes.

Tambem tu bonifrate Barbacena,  
Que no *crachá* e fitas te embasbacas;  
Tu automato vil e miseravel,  
Que Boneco te arvoraram na intriga,  
E que as ordens á risca executavas  
Dos carrascos de Lysia, e teus Carrascos.

Mencionado tambem serás ó Tórres,  
Tu Burro alvar, té na figura Burro,  
E Ministro dos Trolhas duas vezes,  
Que da Patria nos últimos arrancos,  
Em partilha c'os outros, não deixastes

De extorquir, para o filho, á viuva o officio.

Chefe dos Cornos, Lancerote primo,  
Que para os lados todos couceavas,  
E ás partes mui bem zurrar sabias;  
C'o titulo de Conde te compraram,  
Porque o sóldo augmentastes aos Ministros,  
E a gran' commenda ao Pampelona déstes.

Tambem tu Burro e trémulo Saldanha,  
Que do Príncipe Inglez a libré tinhas  
Quando cabo de Lysia dar cuidavas;  
O que sempre a final obetiveste.

Vicente Pedro teu logar me pedes,  
Magro Investigador de antigos trapos,  
Da triste inutil papelada ensossa,  
Que a ti, e ao Abrantes enviavam  
Da trolha e da esquadria heroes jumentos,  
Seringadores da Vaccina immunda,  
Do Bernardino, e do Baeta asneiras.

Não me apertes Acurcio, eu te conheço;  
Vejo os volumes cinco; es Burro, es Burro:  
Irás na récuá em teu logar decente.  
Responde ao teu rival, que lá do Rio  
O célebre General vingou das botas  
De macio veludo, e a Academia  
Na entrada do Junot mostra innocente, (2)  
E ao corneo Foyos o panal empurra  
Do acertado convite ao Socio digno  
Dos Burros Academicos, quaes elle.

João Bernardo, o Bacharel ao canto

Dará principio e fim , e outros o enfeite ;  
Nunca existiu na terra outro mais asno :  
Com elle quíz Sandice em Lysia o reino  
Fundar, qual vejo universal da Asneira;  
E por prêmio depois d'altos serviços  
Elle , e infinitos mais, transforma em Burros.

Do patriota Lolé o genro e socio,  
( Que escapou por milagre á justa paga  
Que aquelle , por igual manha obtivera )  
Do Patrão a pequena inda corrompe ,  
Adjudando-o a quadrilha dos Eunuchos  
Lopes , Rendufe , Pamplona , Abrantes.  
Um ja , quanto era obsceno, produzindo-lhe;  
Outro, entretendo o pobre Pae com sustos :  
Aquelle , viajens dictando á Outra-banda ;  
Aquell'outro, purgantes receitando ;  
E este , que no Pará Sultão ja fôra,  
É hoje dos Mações o Polchinella ,  
E será para sempre o heroe dos Asnos.  
Tal outrora se viu a potestade  
Do desforme Priápo, quando expulso  
De Lampesaque foi ; porque lascivo  
As femeas desflorava aos habitantes.  
( Eterna infamia de meus versos foge ,  
Que até n'isto calar me manda a Zanga. )

Tu Gósto, tu Razão, tu Amor da Patria  
Sereis Mecenas de um Poema eterno.  
Se tem Tamisa Dunciada e Pope ,  
Se o Sena tem Lutrins, tem Lysia os Burros ,

Qual tenha mais dirá Posteridade.  
Queixai-vos Asneirões que a perda é vossa ,  
Poís quer ser Lobo quem lhe veste a pelle.

Tinha acabado da venal tarefa  
João Bernardo o Bacharel immundo ;  
Sóbre o bofete perfido empilhando  
Os feitos vis , que o Rabula perjuro,  
De nome o Simas , de instituto o Trolha ,  
Com chicana defende, e as partes rouba.  
Do Escriptorio de Anaz dando c'o vulto  
No conhecido Botequim das parras ,  
Que rege o chefe dos luminaristas,  
Que pede terras e vermelhas fitas  
Porque algum sebo c'os Bretões tem gasto ;  
Encheu de quente ponche as ermas tripas,  
Ponche almôço, jantar, merenda e ceia ,  
Com que a rallada máchina sustenta ,  
Salvo se algum dos Jumentões seus socios,  
Que as minas teem na banca aladroadá ,  
E em dado certo de chumbinho prenhe,  
Na tasca lhe vai dar chanfana immunda ,  
Humedecendo o esófago sedento  
De azêdo carrascão medido a sette,  
Com tarraçadas tres, rivaes de almudé :  
Tal lhe foi n'este dia o fado amigo.  
Elle pagando aos socios lhes repete  
Ao gentil Caracol, gentil Vimeiro,  
C'o soneto Ananaz dés odes suas.  
A voz, o gesto, a letra emtórno espalham

## CANTO PRIMEIRO.

11

Frio succo de Eglypcia dormideira.  
Na subitanea lethargia involto  
Deixa o Congresso o Bacharel, e foge;  
E no centro da fetida posilga  
Alcova, e sala, e gabinete, e tudo,  
Vai c'os podres lazarentos membros.  
Prende-lhe o somno enviezados olhos,  
Onde em viva expressão lhe falla a asneira:  
Respira, sorve o monco, e bufa, e ronca;  
O peito arqueja como arqueja um folle;  
Da verdenegra escancarada boca  
As ensanchas dos beiços se alargaram,  
Elles, e o pingo impertinente cobrem  
A mal de pellos povoada barba;  
De reconcavas ventas atulhadas  
De mormo, e de tabaco o compassado  
Retornello infernal sabe de assobio,  
Que sempre vem no fim, que sempre acaba  
A cavatina do toante ronco.  
Na semi-alma emtanto atrapalhada  
C'os densos fumos do liquor sarrento  
Mil confusas imagens se apresentam;  
Inda que pouco mais com luz distincta  
N'alma as conceba o vigilante Orate.  
A imagem de um jantar pilhado a dente  
Do Caes-da-lama na taberna escura,  
A phantasia em nectares lhe banha;  
Offerecida, casual torrada  
Com prazer se lhe antolha em manhã fria;

De simonte ou rapé pitada avulsa  
 As almejantes ventas lhe consola;  
 Como Cão que sonhando abóca a Lebre  
 Está dando no ar co'a tromba estalos.  
 De mais alto calibre ideias grandes  
 Succedem ao prazer da venta e tripa;  
 Surge-lhe n'alma o Botequim-das-Parras.  
 A Raiva em fórmula de um Cação já velho  
 Ante o Sandeu se mostra, a grenha hirsuta,  
 Com dous olhos de purpura e remela,  
 Com boca aberta e grande, os cantos cheios  
 De espuma verde-mar, co' as cordoveias  
 D'ambos os lados da guela inchadas;  
 Perfeita copia da feroz Megera.

Em meio dos Caragos, ia resurge  
 Em sonhos, (enviado por Silvestre)  
 O tolo Embaixador, que alli disputa  
 Altos planos, que so se dirigiam  
 (A fim de assegurar a paz ao mundo)  
 A entregar de Hespanha e Lysia os reinos  
 Ao engeitado filho do atroz Corso.  
 O Fernando Thomaz, Elle, Carvalho,  
 E Silvestre Pinheiro, e outros muitos  
 Gusmentos burricaes, talvez um dia  
 A Réis subir podessem, retirando  
 Aos pannos dos Bretões os seus direitos,  
 Á manteiga, á batata, á graxa, á louça,  
 Anzoes das nossas requestadas peças,  
 Que de Lusos heroes fizeram tolos



Quando o maior dos Réis que os thronos viram  
Comprou com ellas Principaes a Roma,  
Monsenhores, e Conegos, e a turba  
Que com farta pinguissima mesada  
Nutre inda agora ociosidade e putas.  
Se menos ouro aos pontapés andasse,  
Teria-mos nas mãos arado e lança,  
Houvera Magalhães, Castro, Albuquerque,  
Nenhum Futre cruzara a foz do Tejo  
A dar lições de tactica e tarimba;  
Nem rustico Bretão metteria as ventas  
Na sala de um Governo. Ah! qu'inda a Aurora  
Inda o berço do Sol c'o nome assusta!  
Peças funestas, que sem tino demos  
Por assobios, birimbaus; escovas,  
Por ver um Urso c' um Macaco em cima.

Assim corria a noite, assim sonhando  
Cosia o vinho o Bacharel Javardo,  
Té que a luz da manhã desponte e rompa,  
E penetrando o tecto esburacado  
Com raio avivador desperte o alarve,  
Saltar fazendo da moida enxêrga,  
Onde insecto roaz tem couto eterno,  
O chochino, e vestir camisa immunda,  
Que nunca viu sabão, bemcomo a cara  
Outra agua não viu mais que a do baptismo,  
(Se acaso os paes que do Jordão vieram,  
Netos de Barraz não se esqueceram  
D'esta, no gran' naufragio, arca segura.)

Eisque quasi ao romper dos ceos a Aurora,  
 Quando nem toda luz, nem sombra toda  
 Do rocio do ceo se orvalha a terra,  
 Á phantasia do Sandeu se amostra  
 Um sempre seu, mas turbido phantasma;  
 Grenha empessada traz, denso o sobrólho  
 Que os dous olhos estupidos lhe assombra;  
 O nariz achatado, as ventas largas,  
 A boca enorme e vasta, a lingua em prancha.  
 Treme o Javardo do phantasma á vista;  
 E da poída manta os descarnados  
 Sarnentos braços alongou, cuidando  
 Que afagentava o avejão medonho  
 Ja vertical á fetida posilga.

—« Não temas, filho, (lhe diz elle) attenta  
 N'este fucinho do Trigoso imagem,  
 Do meu ventre cahiste, em meu regaço,  
 Eu te acolhi contente, e tu pendeste  
 D'estas esguias aspinas tétas.  
 Olha o charco, olha a barra onde apontaste  
 C'o a dura frente para o chão nascendo:  
 Sou tua mãe, sou teu braço Sandice,  
 Tudo o que has visto em França é obra minha:  
 Surdo da França a renovar o mundo;  
 Eu puz no throno dos Borbons o Corso;  
 Trouxe á Hespanha José, e Aguias ao Tejo;  
 Eu prezidi na Convenção de Cintra;  
 Entre a prole infinita, e que eu na terra  
 D'este ventre vazei, tu te distingues

Illustre chefe, capataz dos tolos;  
Não tem rival, nem semelhante ha outro:  
Nem o tolo Linhares contigo hombraia,  
Nem é mais asno do que tu Rendufe.  
Nem serão teus iguaes meus filhos gêmeos  
Loretto e Soledade, ambos Vicentes;  
Nem Vicente o doctor mestre da turba,  
Que de Platão Republicas sonhando,  
A rapinante Grei chamara ao Tejo,  
Que maldiz a fatal Septembrizada,  
Que em vez de forca o conduzira ás Illhas.  
Vacilla o reino meu, vacilla ó filho;  
Quasi aluidas as paredes vejo  
Do gran' palacio que no Cahos tinha  
Depois que o gran' Marquez chorado agora,  
Em vida sua conhecido a poucos,  
Deu preço ás letras, aos cultores prémio,  
De todo afugentou gothicas sombras,  
Fez brilhante surgir philosophia;  
La foi achar um Prebendado gordo  
Dicto grande Vernei, que á Lusa terra  
Da sapiencia a luz primeiro entorna:  
Das leis ao labyrintho, á vil chicana  
Fez succeder um Codigo sublime:  
Era em lugar de cálculo sabida  
A taboada de Garrido apenas;  
Abriu da Geometria o templo agosto,  
Fez á terra patente a terra, o mundo;  
As boas artes arrancou das sombras:

Do seiscentismo a lingua emporcallhada  
 Dos conceitos salvou com que um Tarouca  
 Um Ericeira, e Gorgorista corja  
 A mettêra no abysmo, ou nas secretas;  
 Indaque eu fôrça fiz por conserva-la  
 Na mesma Calda com Manuel de Souza,  
 C'o profundo Cenaculo dos Nadas.  
 Ja tinha dado avivador arranco  
 Do Monarcha maior que a terra vira,  
 (Se um pouco menos dêsse ás Sacristias )  
 Com Alexandre de Gusmão ; Brochado  
 Do Cahos a tirou , faltou-lhe apenas  
 Saber um pouco basculhar Vieira.

Do Tibre a Arcadia se plantou no Tejo :  
 Carrapato Garção fetido e feio  
 Tirou do lodo a maga poesia ,  
 D'aquelle lodo que é delicias minhas ,  
 ( No qual espero chafurdar de novo  
 So contigo, e com Pato as musas todas )  
 Teve ingenho , mas pobre, e não de todo  
 Devera a rhyrna desterrar de Lysia :  
 Da vulgar poesia é base ainda  
 Quando á lyra se ajuncta o som cadente,  
 Ou canta epica tuba os altos feitos  
 Do pacífico heroe, de heroe guerreiro.  
 Alguma cousa fez magro Basilio,  
 Poeta d'arte , natureza nada.  
 Deu leis á scena perfido e tyranno  
 De meninos um mestre, involto em sombra

## CANTO PRIMEIRO.

17

Quaes costumam no Tejo os Genios raros  
Sempre ignorados ser, sempre esquecidos;  
Esté é Pimenta, que nas tábuas punha  
Nuas as Graças, natureza nua,  
Quaes as poz Aristophanes, Menandro,  
No Sena Molier, Goldoni em Adria:  
Deu cabo de Solis, cabo de Lope,  
E enterrou Calderon (filho d'esta alma!)  
Surgiu (que dor!) um Quita, a quem talento  
Fez grande sem doutrina e ensossas regras;  
Entre pentes e sebo e cabelleiras  
Seguiu de perto a natureza, e pôde  
Sem vergonha segui-la, e sem rebuço,  
De Moscho, e de Theócrito no idyllio,  
(Sabendo apenas Portuguez o monstro!)  
Reproduziu simplicidade ingenua;  
No soneto seguiu sobrio e sisudo  
Nobre conceito do epigramma grego,  
Sem empolados emphasis d'aquelle,  
Que o golpe pinta, que no Touro dera  
Co' a espada Ferrabraz Conde da Tórre,  
Que co'a ponta cavando a terra, fórma  
Na mesma terra ao Touro a sepultura:  
Algun tom liberal guarda nos versos,  
Parece que lhe cahem de facil veia.  
O Tejo deve a Elpino de Nonacria  
Reproduzido tom de versos limpos,  
Que visos teem de siso, e de harmonia.  
Com taes ideias, com sciencias d'estas

Tinha meu reino proclamado em Lysia.  
 Mas oh! que é este o seculo funesto  
 De um throno ora no ar, um throno em terra!  
 Sempre cuidei que a Pedreirada immensa  
 Que acarretara os Vandalos do Sena,  
 Mantivesse por seculos meu Solio!  
 Que do campo senhor fosse Pamplona,  
 E subalternos generaes do chefe  
 Palmellas e Patricios, Póvoas, trampa.  
 Sinto um dia importuno... acorda, filho!  
 Letras em Portugal! Javardo, acorda:  
 Mette os hombros á empresa, em ti confio;  
 Meu reino vacillante em ti repousa:  
 Té por instincto machinal es asno.  
 Toma o bastão de general dos tolos;  
 Fórma Estado Maior, Sultão (3) presida.  
 D'este Estado Maior depende tudo,  
 Te diz José Sebastião no livro  
 Feito por elle na fumosa Londres:  
 ( Um so não vai la ter que auctor não seja : )  
 Todos a eito o Principe adorando,  
 Porque a vida tirar lhe não poderam.  
 Levanta-te Bernardo, e a turba ajuncta  
 Dos filhos meus, immensos e mimosos,  
 Escrevam todos, vivirei no Tejo,  
 Porção do Globo que me escapa em parte,  
 Pois nem todo o celeste Maçonismo  
 Inda pôde illustrar, provinciias faltam;  
 En c'os Pedreiros meus um juz conservo

Á posse universal da terra toda,  
Em ferros tive a Europa em sombra involta;  
Ondequerque viver Canning, existo.  
Eu fiz no mundo reserver cabeças;  
As bases abalei dos thronos todos;  
Eu fiz sonhar Republicas sonhadas;  
Côrtes convoquei ja, mas esvairam-se;  
Ainda as chamarei, não esmoreças.  
Todo o Govêrno popular é trampa,  
Pois todo vai cahir nas mãos de um tigre  
Que entre canalha mais astuto surge.  
O Meu filho Mably, meu filho Jacques,  
O meu filho Raynal, da Europa a bola  
De fumo encheram, de esperanças loucas;  
Porque os maiores sabichões não pensam  
Como esse Machacaz que em versos canta  
Meus feitos immortaes, e os teus Javardo;  
É da cabeça aos pés Republicano,  
Mas qual fôra Pompeu, qual Tullio, ou Bruto,  
Labiêno e Catão, e os mais da sucia,  
Que nenhum Bonaparte albardar pôde.  
Para o padar de um Burro o mel não nasce;  
Deixemos isto agora. Ajuncta os *sabios*  
No gabinete do charoto e ponche,  
Que ao Grande Eolo (4) os patriotas Barros  
Entre tigellas consagrar costumam.  
Onde os *themas* se dão, e as quadras surgem.  
D'este meu ventre se escoaram todos,  
E tu sahiste parto atravessado,

Mais tolo , e mais alvar : Bernardo acorda ,  
C'os sabios delibera , eu vou contigo . »

Disse , e desfêz-se subito nos ares :  
Esquecendo-lhe ainda o Padre Foyos ,  
Atrás tornando lh'o mostrou na cella  
Que traduzia Euripedes , e foi-se.

Rompendo a taipa da remela immunda  
Abriu Bernardo esgaziados olhos ,  
E viu raiar a luz , deixa assustado  
A posilga hedionda , a manta , as pulgas ;  
Encorticaçods pés poz no sobrado ;  
Um resto de camisa ao couro ajusta ;  
Atamancando nos quadris as calças ,  
Enfia as vezes mil tombadas botas ;  
Nos hombros com sentido , e mais nos braços  
Encaixa pouco a pouco a porca e triste  
Ja sem frisa subtil sobrecasaca ,  
Ao penetrante frio escudo imbelle:  
Mas inda assim na espinha , inda amostrava  
Vivos signaes de antiga caldeirada ,  
De chocas conservando a barra eterna ;  
Que é Bernardo o Sandeu trampa por fóra ,  
Como é n'alma o Sandeu trampa por dentro .  
Da primeira pitada a caixa em lastro  
Deixa logo ficar , sorveu d'um jacto ;  
Em grossos borbotões ja corre o pingo ,  
Eis lhe accode co' a mão , suspende o fluxo ,  
Outra vez o resorve : assim do Tejo  
Na praia os cagalhões tornam , retornam



## CANTO PRIMEIRO.

21

C'o contínuo vaivem das mansas ondas.  
A tampa bacial poz na cabeça,  
Chapeo de felpa pobre, e rico em sebo.  
D'uma pernada so se poz na rua,  
Sem soffrer dous jejuns miolo e tripa,  
No conhecido botequim se enfia:  
C'o corpo emporcalhou marmorea meza,  
Todo n'ella encostando a tromba immunda:  
Veio astuto José ja mestre em contas,  
No lyceu dos Caurins doctor formado;  
Ás ventas lhe arrumou torrada e copo;  
Foi depois trabalhar c'o giz na porta,  
Sem unico *P. G.* de riscos cheia;  
Que inda até-agora nos cafés, na tasca  
Não consta que o Sandeu razão pagasse.  
Subitamente no porão da pança  
O almoço inteiro o Jacareo sepulta,  
Sem que movesse a burrical queixada,  
De cujo motu treme o farto Izidro  
Se alguma vez do jôgo a sucia o leva  
A encher de mofo o bucho anachoreta  
Onde nunca o fastio achou guarida.  
Pillhou de um lado casual pitada,  
Erma deixando a caixa ao dono absorto;  
Na venta cavallar toda a sepulta,  
Sorve os resquicios nos immundos dedos:  
A perna escaletal cruzou na perna,  
Inclinando o toutiço a barba encosta  
No arcabouço do peito; os beiços quatro

Dos rizes soltos badanando ondeiam :  
 Taes da Rozaura , Calceteira , e muitas  
 Que eu vejo andar, badanarão badanas.  
 N'estã attitudo estúpida e trombuda ,  
 Qual um Bezerro desmamado , fica  
 Co'a pança consolado o bruto immovel.  
 Baila-lhe emtanto nos miolos ocos  
 Da mãe Sandice o vulto atoleimado ,  
 Na confusa memoria inda alguns restos  
 Revolvendo do estúpido discurso  
 Que vezes tantas lhe lembrara em sonhos.

Crece, que é tempo, dos Sandeus a turba,  
 Tam basto enxame de joguinho e cepo :  
 Saúdam o Sandeu e' um viva ensosso ,  
 Como á toa se dão no caes os grossos  
 Do equilibrio europeu calculadores.  
 Fica Bernardo immovel como um corno ,  
 Qual é por dentro no juízo e n'alma.

Vai-se engrossando o fio, o assombro cresce  
 Na turba dos Sandeus vendo a viseira  
 Da venta primogenita cahida;  
 Embicam n'ella, e se lhe poem de roda.'

Entra o gran' Bacalhau , doctor em nada,  
 Que a tola filha empanzinar deixara  
 Em quanto o esposo, traductor de officios  
 No campo de Mercurio e Cornos brilha.

A cafila cresceu, o apito soa  
 Na escura estancia que chamar costuma  
 Os membros á Sessão, quando ha tigellas,

Todos embocam limiar sebento :  
Vai após elles carrancudo e triste  
Sandeu , cahida a beíça , onde almoçreimas,  
Ja cançada do cu, poz natureza.  
São na tolice iguaes , e iguaes se assentam ;  
E de um lado da tabola redonda  
N'um moxo raso se escondeu Javardo :  
E com Jorge ou com Pedro , ergue-se o panno.  
Quaes em Carthago os Tyrios , e os Troianos  
Boqui-abertas estão , pendentes ficam  
Todos da boca do velhaco Eneas  
Quando á rainha Dido a arenga embute ,  
Em que elle mais que o *Monitor* mentia :  
Taes em roda da banca os membros todos  
Tesos estão , suspensos e direitos ,  
Como assestados do Sandeu nas ventas.  
Elle então começou , dando co' a dextra  
Sóbre a meza cambaia uma porrada :  
— « Hides ouvir a Fox... *gentil* discurso... »  
Uma risada universal se escuta  
No exordio do Orador ; pallido exclama :  
« Então que é isto ? É Serra , ou Luz em scena ,  
Ou sou eu a fallar ? Arre , auditorio...  
Se vocês estão bebados , eu deixo  
Este excelso logar , podem cose-la ;  
Mas se querem ouvir-me então caluda. »  
A fôrça invicta de *eloquentes* vozes  
Conteve a sólta gargalhada em todos :  
Elle então começou : — « Roncava ó socios

Na manta involto, no covil deitado;  
 Não foi ponche ou vinhaça, era a verdade,  
 A mãe commum me appareceu, Sandice;  
 Inda lhe escuto a voz n'estas orelhas!  
 Alheio de cuidar n'alta ventura  
 De ver a Deusa tutelar da Europa,  
 Vi aquelle avejão de boca aberta,  
 ( Seu brazão, seu signal ) gritando: — Acorda,  
 Eis em Lysia abala o imperio nosso;  
 Eis a fôrça da inercia, herança minha,  
 Quasi no Tejo reduzida a nada;  
 So me resta o Telegrapho, o Mercurio:  
 Se acaso morre o Sá, e espicha Acursio,  
 E se os tractados da Vaccina acabam,  
 Que me fica, Lambaz? a Academia?  
 Mas nem todos são meus quantos a formam,  
 Nem todos que a compoem agora escrevem  
 Memórias sobre pesos e medidas,  
 Ou belidas em olhos de cavallo;  
 Nem todos fazem planos de batatas,  
 Nem todos querem dar feijões á tropa,  
 Nem todos buscam phrases de Quinbentos,  
 Nem todos Bentos são, nem Frei Luis todos.  
 Tenho um corpo de exército potente,  
 Tenho Times, e tenho Morning-Chronicle;  
 Mas contos annuaes oitenta, custam;  
 Nem menos ao Palmella emporta a mecha,  
 Que os Jumentos de Lysia acham barata.  
 Combater é preciso, ó socios todos;

## CANTO PRIMEIRO.

25

Tracta-se a nossa causa , a da Sandice :  
Vem tarde , e muito tarde um Jalapeiro  
Quando o Celtico humor no corpo é velho.  
Obstemos todos ao fatal principio;  
Opponde á nova luz sandice e trevas ,  
Escrevei socios meus , eis a victoria ;  
Escrevei qual se escreve em França agora.

Venha o dia natal dos Jorges todos,  
Ou legitimos sejam , ou bastardos (5):  
Venha , qual Cesar pequenino , ao Tejo  
O tam celebrado hoje , Jorge Canning,  
Ou mesmo de Bronswick o Jorge quarto,  
Que á America toda o jugo hão pôsto.  
Conde , Barão , Marquez , Duque , Vaivode ,  
De leve fato , de trajos tam modesto ,  
Que o povo alvar cuidou que era Paizano  
Afeito a ver os capitães da bicha.  
Oh quanto o povo Portuguez é simples!  
Se ha mais albardas n'este mundo , venham,  
É digno d'ellas , porque não conhece  
So no gesto e chapeo o heroe guerreiro.  
Nem tu tornando , como espero , ó Abrantes ,  
Tubuciana Academia acima  
Farás ir outra vez: Bivar honrado ,  
Se um voto menos te livrou da forza ,  
Não podeste evitar que em tórno d'ella  
(Porque abafava com calor o dia )  
Não d'esses vezes tres serena volta ,  
C'o pardo e liso couro ao sol patente ,

Onde ingenuo igual teu Carrasco dicto  
 Descarregou sonora sapatada  
 Que o povo de prazer deixava absorto ,  
 Pedindo ao ceo que a gargantilha tua  
 Se atasse nos paus tres , onde ondeante  
 Teu mascavado corpanzil ficasse!

Aos rapazes o Couto ensina grego ;  
 Compoz o Calhariz em francez versos ;  
 Um mestre, outro ministro : em letras ambos,  
 Inda menos que eu sou , iguaes a zero.

Oh potente, oh fatal metromania !  
 Annes Barrasco, e sabichão pedante ,  
 N'essa, que empinas , tonsurada bola ,  
 Jamais ostentarás sciencia occulta  
 Em quanto a triste viúvez debaixo  
 D'esse corpo lambaz se refocilla.  
 De Tacito profundo as promettidas  
 Versões irás deixando ao fim do mundo.

Qual do Salitre em carunchosa praça  
 Vemos o cão de filla inda açaimado,  
 Que pula e barafusta , e ja co' a boca  
 Dá dentadas em vão no Touro ao longe;  
 O Rolão preto por fallar ardendo  
 (Rabula infame , novelleiro infausto,  
 Do rapazio tragador lagarto ,  
 Do Simas successor na banca e geito ,  
 Que inda não sei porque da forcea escapa )  
 Em quanto o heroe sandeu na barra esteve  
 Dava pulos de ca, mal suspendendo

A desinteria de palavras ocas;  
O queixo em convulsões, a boca espuma,  
Pedro de Souza (diz) poe-te a meu lado:  
Se eu me vir afogado, e afogar todos  
N'este dilúvio atroador de vozes,  
Que chega a preamar no sesso e boca;  
Tu, Sandeu dos Sandeus, chefe e monarcha  
Assalvajado Agamenão dos Asnos,  
Eu Achilles serei; embora empunhes  
O bastão de Jordão, eu tenho a espada.  
Meu pae não foi Peleu, nem mãe foi Thetis;  
Um frade foi Bernardo e uma Gallega  
Que de geito pilhou na estrebaria:  
Vê que se espera de tam nobre casta!  
Eu contigo darei das lettras cabo:  
Na testa d'este exército potente  
Onde não levarei conquistas nossas?  
O heroe maior que Scipião, que Cesar,  
Não passou de Moscow, e eu so contigo,  
Os estandartes plantarei da Asneira  
No Pólo Aquilonar, no Pólo opposto.  
Da China ao Tibre, do Danubio a Java  
Irei correndo, campião dos Tolos.  
Padres Conscriptos, o meu voto é este:  
Ás armas, Asneirões!...» E o fado escuro,  
Que no mundo não quer gostos completos,  
A Sessão perturbou, poz em fugida.  
Qual piquete de Tartaros Calmucos,  
Qual do ferreo Cossaco o bando immundo,

Das altas tórres de Paris bispado,  
Cabe no Franco esquadrão, que um Duque leva  
A passar o Hellesponto, e ir ter á Persia;  
Que n'um momento a pantomima corja,  
Largando trapos, espelinhos, pentes,  
E sem rabo deixando as sacras Aguias,  
Vira de popa com ligeiras gambias:  
De paizanos assim, e granadeiros,  
C'o general de Villa-Franca á testa,  
Cahiu na sala das Sessões a turba;  
Á tabúa mandando os oradores.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.



## CANTO SEGUNDO.

*A Viagem.*

Em tanto a mãe Sandice oppressa e cheia  
Do péso enorme do voraz cuidado  
De se ver de tal sorte perseguida,  
E os planos seus de todos transtornados,  
Com os quaes dar em Lysia leis contava,  
E os Portuguezes reduzir a Burros;  
Então, sem perder tempo, corajosa,  
Nos cascos Burricaesolve o negocio.  
Assim das Côrtes os conscriptos padres  
De San' Carlos á ópera assistindo,  
Todos a par do Rei empertigados,  
Em o meio das danças e cantatas  
Cuidam na pátria, e no trampinha codigo,  
Que um piparote lançará por terra,  
Apenas um Infante em Lysia assome.  
Deixa a posilga fetida ascorosa

Em que o Javardo estolido roncava;  
 Desenrola e sacode as pandas azas,  
 Dá dous pinchos no ar, pousa no Sena,  
 Da pedreirada, e d'ella asylo augusto.  
 Por toda a parte observa as obras suas,  
 (Em Moral, em politica, em govérno  
 Tudo que for Francez cheira a Sandice!)  
 E não se pôde ter que em gôsto immersa  
 E acororando as nadegas não dêsse  
 Nas caldeiras, retortas e lambiques  
 Do mestre Vauquelin tamanho peido,  
 Que o o estampido lhe ouviu Pedro de Souza  
 No Tamisa, e no Tejo ouviu-lh'o Abrantes.  
 Um sal-fixo deixou nas ventas todas  
 Da Instituição Vaccinica, e seus Membros:  
 D'esta arte então desonerando o ventre  
 A quadro mais gostoso os olhos volve.  
 Das Tuilleries ao terraço eis voa:  
 E viu n'um canto a mãe de Bonaparte  
 Com tres velhos Abbés rezando as contas;  
 (Não ha sem devoção Puta ou Larapio!)  
 Deu no gôto á Sandice a Tartaruga,  
 E espremendo-se mais deu novo estôiro;  
 Nas salas rebombou do Paço augusto;  
 Cuidou que era um trovão tremendo a velha;  
 Bentos, por Fesch, e por Maury, dous cotos  
 A san' Napoleão devota accende;  
 Sancto que os Neris na Folhinha punham  
 Feito por elles so martyr no Egypto.

Novo estôiro  
 Soltou gosto  
 E de Mont-M  
 À vila o sess  
 Os alliados a  
 E a morada d  
 Logo para Pa  
 E do Pamplo  
 Que pela *gry*  
 Ainda juncto  
 De brancos M  
 Onde elle e a  
 Quando amba  
 Sibere o que e  
 Ramas e rum  
 Do vestibulo  
 Do rapsodio-j  
 Pela sala, ex  
 te todos os B  
 Mas pela inve  
 Que do Corso  
 Tendo bem tes  
 E as despedida  
 À rua de la Pa  
 Onde a Pauli  
 E onde de Lysi  
 Vin que em qu  
 O torpe e curte  
 O Brito, e o eu

Novo estoiro do ventre então Sandice  
Soltou gostosa, e revoou mais alto,  
E de Mont-Mart nos Moínhos posta  
Á véla o sesso poz; com trinta salvas  
Os alliados ao congresso chama,  
E a morada do filho de la vendo,  
Logo para Pantin dirige o vôo,  
E do Pamplona o tecto antigo busca,  
Que pela *gyroeta* se distingue.  
Ainda juncto á casa stava o campo  
De brancos Malmequeres guarnecido  
Onde elle e a cara esposa se entretinham  
Quando ambos indecisos fluctuavam  
Sôbre o que em Portugal fazer dev'riam.  
Rumas e rumas de papel jaziam  
Do vestibulo á entrada, virgens restos  
Do rapsodio-jornal *Contemporaneo*.  
Pela sala, em molduras se divisam  
De todos os Borbons, as fieis cópias;  
Mas pela inversa parte encaixes tinham  
Que do Corso a familia resguardavam.  
Tendo bem tudo a mãe Sandice visto,  
E as despedidas ao livreiro feito,  
Á rua de *la Paix* direita volta  
Onde a Paulina do Palmella assiste,  
E onde de Lysia se tractava a sorte.  
Viu que em quanto nos braços da Bacchante  
O torpe e curto satyro chaforda,  
O Brito, e o eunucho Rademaker

O almôço apromptavam na antecâmara.  
 Contente ja com isto a mãe Sandice,  
 O cio Burrical expor não qu'rendo,  
 La para o novo Delphos s'encaminha  
 Aonde todos os Pascasios Lusos  
 A consultar accodem em cardume  
 Sôbre a materna lingua um Francez mouco.  
 Tal a desgraça é de Lysia hoje,  
 Que a um stranho, so porque é dos Trolhas,  
 Conselhos e avisos se demandam  
 Acerca do que bem saber se deve;  
 Ou aliás so a Lusos perguntar-se.  
 D'alli á praça Carousel se atira  
 Onde ve mais gentis, mais dignas scenas,  
 E onde um casarão medonho ve,  
 Onde outrora Barrás, Marat outrora  
 Republicanas maximas dictaram,  
 Que alto e malo, a granel, a eito, a rôdo  
 Mandavam n'outro tempo á Guilhotina.  
 Riu-se de ver a habitação mimosa  
 Onde ella ouvida foi, e onde traçara  
 Da morte, e da igualdade o plano excelso,  
 D'onde o Corso tirou modêlo exacto  
 Dos Duques, dos Barões, Principes, Condes;  
 Grande episodio da epopea eterna  
 Que Luciano fez, Nolasco extracta.  
 Vai ver ao Pantheon nacional os ossos  
 De Voltaire fallador, Jacques mijado,  
 Que os caboucos abrira, onde alicerces

Teve eterna  
 Onde Fabr  
 Quaes Dant  
 As redeas a  
 Dos olhos e  
 Conhece em  
 De prazer s  
 E no Instit  
 Este o hair  
 Dos qu'inda  
 Genios senh  
 Que d'Eva  
 Promettiam  
 Da escravid  
 E a todos d  
 Genios sub  
 Cujos maciç  
 Da terra in  
 N'uma c  
 Nem cala a  
 Onde apena  
 Lanterna qu  
 Morada os C  
 D'alli vão d  
 Os debeis re  
 Vampiro ou  
 E mais corn  
 Na Sala gra  
 (Do Ariosto

Teve eterna Republica sonhada,  
Onde Fabricios sos, e ingenuos Curios,  
Quaes Danton, quaes Barrere, e o Corso outrora  
As redeas *suavissimas* tiveram,  
Dos olhos da Sandice objectos dignos!  
Conhece em tanta asneira as obras suas;  
De prazer se mijou, limpa-se e voa,  
E no Instituto nacional se chimpa:  
Este o bairro mimoso á corja eterna  
Dos qu'inda dictos são Niveladores:  
Genios senhores das cabeças ocas,  
Que d'Eva antiga aos filhos desditosos  
Promettiam salvar da sombra espessa  
Da escravidão dos Rêis, duros tyrannos,  
E a todos darem Bonaparte o *justo*;  
Genios sublimes das nações ou mestres,  
Cujó maciço corpo, e unida fôrça  
Da terra inda afugenta honra e virtude.  
N'uma caverna escura, onde inda a furto  
Nem cala a luz do sol, nem brilha o dia,  
Onde apenas do tecto humido e triste  
Lanterna quasi moribunda pende,  
Morada os Genios teem que o mundo infestam.  
D'alli vão de tropel varrer do Globo  
Os debeis restos de sciencia e pejo:  
Vampiro ou Diabão maior que todos,  
E mais cornudo que os que Milton senta  
Na Sala grande, Pandemonio dicta;  
(Do Ariosto Bretão lembrança digna!)

Tinha o fucinho chato, as ventas fundas,  
 A pelle cõr de cal, chavelhos tortos,  
 Sôbre os cornos a prumo, alta e pontuda  
 Se eleva esguia carapuça ou mitra  
 Igual áquella que empalmara outrora  
 Do Diogo Manique o substituto,  
 Que o chocolate atroz sepulta em Mafra:  
 Quando agarrando o Hippolyto espiolha  
 Da Confraria Pedreira as opas,  
 Vestimenta, avantal, luvas e trolha,  
 Ou tralhoada das visagens pécas,  
 Que em Lojas treze sustentou Lisboa  
 Co'a Loja mãe no pedreira Mosteiro  
 Dos *exemplares* Conegos Regrantes.  
 Bem no fundo da lobrega caverna  
 Sentado está n'um throno de Argamassa,  
 D'onde inspira o nivel qu'inda não viram  
 Senão na Guilhotina os homens livres,  
 D'onde deu cabo da mesquinha Europa,  
 E d'onde enchen de papelões o Tejo,  
 Que sem estranha protecção assentam,  
 Que não póde existir, ou viver Lysia.  
 Dando co'a indústria nacional em terra,  
 E embutindo o diaphano panninho,  
 E chale a tres vintens, passado um anno  
 Té da Estrella o zimbório em troca levam  
 Quando la virem que nos fica em cofre  
 Papel e patações de cobre immundo;  
 Dando leis onde outrora as leis dictara

Com hon  
 Mettendo u  
 Aos sisudos  
 Que se fina  
 Impando de  
 D'onde do  
 Dada de bo  
 (Oh memor  
 No Jornal i  
 Que á mult  
 Com papeis  
 Jornal, que  
 pescando un  
 Executores  
 Por nove m  
 Do Genera  
 Do mons  
 Fouché de  
 Que os dire  
 Com tanto  
 Á mão dire  
 Cabeçado S  
 Que com pla  
 A Bonaparte  
 N'um mocho  
 Dos Publicist  
 Philantropic  
 Cujó miólo  
 Do Social-Co

Com honra o Luso, e com valor ao mundo,  
Mettendo um corno pela boca dentro  
Aos sisudos Varões da Patria amigos,  
Que se finam de zanga ao ver patifes  
Impando de Patrões no Barco alheio:  
D'onde do Abrantes veio a repostinha  
Dada de boca ao Lobo na gaiola,  
(Oh memoria de mais!) e impressa outrora  
No Jornal impostor dos dous carrascos,  
Que á muito tempo a paciencia ao mundo  
Com papeis velhos e sedições rallam;  
Jornal, que no Rio outrora, ás nuvens ia,  
Pescando uma pensão dada a velhacos  
Executores da rapina Corsa,  
Por nove mezes ordens espalhando  
Do General em Chefe á boca cheia.

Do monstro na caverna, aos pés estava  
Fouché de Nantes com punhal na dextra,  
Que os direitos da furia, e da canalha  
Com tanto sangue sustentou na terra.  
Á mão direita cabisbaixo tinha  
Cabeçudo Sieyes, macaco infame,  
Que com planos e calculos furados  
A Bonaparte abrira a estrada ao throno.  
N'um mocho raso de cortiça podre  
Dos Publicistas se assentava o Genio:  
Philantropica gente, oca e farfante,  
Cujo miólo refervêa co' a lenda  
Do Social-Contracto escuro tanto

Como a *Carta* burrical do Canning.

O Genio Gazetal sentado estava  
 N'um sophá de papel, mentira e lixo,  
 Da boca lhe sabia loucura e phrases,  
 De que atulhadas vão cabeças ocas,  
 Que d'este Glóbo os Botéquins entulham,  
 Que tu Caes-do-Sodré ves em cardúmes  
 De tarde, e de manhã, de noite e sempre  
 Pender continuo estupidos e immoveis  
 Do labião alvâr do Jornalista trampa,  
 Que dos pobres (por ser de siso pobre)  
 Chamado é, e como tal se vende:  
 Cujas graças insulsas e arenguices  
 Delicias hoje são dos manteigueiros:  
 E se com ellas cuida inchar o ventre  
 Ao grande Lord Canning, filho da Gran,  
 Tambem o sessò a outros e' o elles limpa  
 Quando os bellos futuros prophetisa  
 Da vil escravidão aos Lusos posta,  
 A nós do Tejo filhos e senhores  
 Que o ganhámos sem futres ao Mouro ousado,  
 E ao cobarde Hespanhol tirámos sempre,  
 Calar nos manda, empobrecer nos deixa...  
 Oh Patria minha! se chegasse um dia  
 Em que devéras conhecer quizeses,  
 Que filhos teas, que em merito, em sciencia,  
 Em virtude, em valor, em genio, em artes,  
 Fanfarrões Europeus e Ilheos excedem,  
 Que senhora uma vez de Lybia, e d'Asia,

D'America  
 Ólha esta p  
 D'Albuquerque  
 Sem ricasas  
 Pescar deix  
 Em que usa  
 Que do Ind  
 E metal do  
 E embebed  
 Oh Patria l  
 E vós quar  
 Arrancas-te  
 Se então po  
 Rua, rua o  
 Não vos ch  
 Que a Patri  
 Mas eu tór  
 Tómo os p  
 Digno de E  
 Das mão  
 (Barbaro t  
 Que a vil m  
 Que pés de  
 Na Pedreira  
 Vacilante e  
 Que chama  
 Victoria di  
 Dão louro  
 Que, co' a



D'America, e de ti tens homens raros!  
Ólha esta penna, desenrola a espada  
D'Albuquerque immortal, seremos tudo,  
Sem ricaços Bretões, qu'ind'outro dia  
Pescar deixámos Bacalhau no Banco,  
Em que ufano mijou marujo honrado,  
Que do Indostão co' as perolas voltava  
E metal do Brasil, rezar o Terço  
E embebedar-se no Beato e Penha!  
Oh Patria! oh Lusos! oh Nobreza antiga!  
E vós quarenta Heroes, que a Patria escrava  
Arrancas-te do jugo estranho e duro,  
Se então podeste, quem vos prende agora?...  
Rua, rua os Arcos, que em sangue, em armas  
Não vos chegam ao cu!... É crime um voto  
Que a Patria amada em vão me arranca d'alma!..  
Mas eu torno aos Sandeus, aos Burros torno,  
Tómo os pinceis, que o Gazetal retrato,  
Digno de Horacio ou Juvenal traçavam.  
Das mãos o Genio por cardumes lança  
(Barbaro termo!) Boletins ás pilhas,  
Que a vil mentira e confusão derramam,  
Que pés de barro do Colosso immenso,  
Na Pedreiral opinião sustentam  
Vacilante existencia ao Grande Imperio,  
Que chamam sem vergonha a um desbarato  
Victoria digna da Ovação Romana;  
Dão louro eterno aos generaes Palhaços,  
Que, co' as calças na mão, d'Almeida fogem.

Estes os Genios são que entre os mais Genios  
 Teem seus doceis em levantados thronos :  
 Dos charlatães os seculos são estes !  
 Poucos havia em Portugal outrora,  
 Porque fôra o paiz de honra e virtude,  
 Bastava aos velhos Portuguezes esta ;  
 Mais pôde um siso bom que os livros todos,  
 So é preciso em governar juizo ,  
 A fôrça , a Lei, desinteresse e Patria.  
 D'este estouvado Genio é parto, é cria  
 Charlatão militar, d'alli retorna  
 Com mais mêdo no cu, na boca planos  
 De ataques, marchas, retiradas, postos,  
 General no café, cagão no campo;  
 D'alli dêlgado chicotinho trouxe,  
 E o barretinho de dormir, na rua,  
 Como quem anda passeando em casa;  
 De ferro ou de latão grossa cadeia,  
 Que a calça ao calcanhar lhe prende airosa;  
 D'alli vem semi-Inglez o Eleziario,  
 Que a tropa em monosyllabos commanda ;  
 D'alli vem mais ufano, e mais carrasco  
 O Medico impostor palavras todo ;  
 (Esta é de charlatães mais fina raça : )  
 Azote e oxigenio arrota Abrantes:  
 De assassino em receita anda ajoujado;  
 Hoje o mister de governar o mundo;  
 De Esculapio um discipulo não vive  
 Que não manqueje charlatão de planos;

Basta-lhe t  
 Que ja pôc  
 Ser Cotta,  
 Mandar á L  
 Crasso man  
 Pompeu aos  
 Que é pouc  
 De maldict  
 Sinapisar o  
 Dice-o tu p  
 N'um miser  
 Se apresen  
 O carrasco  
 E dos flanc  
 Dos nariguo  
 Sibre dous  
 Ya frente o  
 Por que dev  
 Onde se erg  
 Porém ha B  
 Doctor em T  
 Qu'inda out  
 De ordenad  
 Pançudo, ul  
 De elastico c  
 Necker se ju  
 C'um « venif  
 Bufa, e se a  
 Acaba vezes

Basta-lhe um anno de Mondego, cuida  
Que ja pôde entre Consules sentar-se,  
Ser Cotta, e Pansa, e Cicero e Metello,  
Mandar á Libya Scipião, e á Persia  
Crasso mandar, Germanico ao Danubio,  
Pompeu aos Hespanhoes, e Mario aos Cimbroz,  
Que é pouco mais que receitar Jalapa,  
De maldieta Vaccina encher rapazes,  
Sinapisar o cu, dar tom ao membro:  
Dize-o tu Pelourinho, onde encostado  
N'um miseravel sordido Gallego  
Se apresentara o corpolento Paiva,  
O carrasco levando á retaguarda,  
E dos flancos e frente a turba immensa  
Dos narigudos Phariseus escribas;  
Sôbre dous cornos solidos levava  
Na frente o *Semanario*, obrinha sua,  
Por que de vera Oriental jornada,  
Onde se erguem tres paus, fazer a bêsta;  
Porém ha Becas que parecem Paivas!...  
Doctor em Taboada o Financeiro  
Qu'inda outro dia dês moedas tinha  
De ordenado, aprendiz, d'alli ja marcha  
Pançudo, ufano, circunspecto e grave,  
De elastico chapco, hirtto perçoço.  
Necker se julga, Necker se assoalha  
C'um « *venha ca para a semana* » inteirc;  
Eufa, e se assenta, e de sommar a conta  
Acaba vezes cem, cem vezes erra.

Dous furos mais distante o torto existe  
 Genio de traducções, delicia, emprêgo  
 De muitos Sabios que apascenta o Tejo.  
 Traduziu Antonio de Araujo em verso,  
 Traduz agora de Palmella o Conde,  
 E, o *pernas d'egoa* Candido, vertia  
 Para, os das Letras e Artes, *Annaes* burros;  
 Recheiado armazem de Gallecismos,  
 E de phrases insulsas mixtiforias.  
 Traduziu Pedegache, e todos deram  
 Co' a lingua lusa nos Infernos quintos:  
 Das pestilentes traducções é este,  
 E será sempre o desgraçado fructo!  
 A tanto precepicio, a tanta quéda  
 Leva os humanos a fatal mania  
 De escrever sempre e figurar em letras  
 Sem genio original, que é dado a poucos.  
 Por muito tempo equilibrada esteve  
 Sobre um grupo de turbidos vapores,  
 Como banhada em nectares, Sandice,  
 Vendo do ar a eschola das crianças  
 Aquem dá mama no asinino peito:  
 Não lhe suspende a maternal ternura  
 Dentro do ventre a harmonica fallinha:  
 — « Oh d'esta pança puritanas crias,  
 Minha esperanza (diz) firmes columnas  
 De meus dominios na illustrada Europa! »  
 Eis a tal guincho a estúpida caterva  
 A segunda fazendo á mãe babosa

Ferro iga  
 — « Quer  
 Onde espa  
 Foram sen  
 Eu ja la te  
 De illustre  
 Que, como  
 Todos os q  
 Nem, nas  
 Incapazes  
 A gloria m  
 Patriotism  
 Eu agora e  
 Que mais c  
 Porque ma  
 Visto ener  
 Vereis a c  
 Vereis aqu  
 E a Patria  
 Ergue entr  
 Um, que p  
 Gran' Marq  
 Desde que c  
 Tinha na m  
 Tinha na m  
 Quando a s  
 É elle, é el  
 Tem cabeç  
 Eu que dos

## CANTO SEGUNDO

41

Berro igual entoava. — « Ó mãe que queres? »  
— « Quero nova conquista, outra colonia  
Onde espancada fui, onde espancados  
Foram sem compaixão Bravos de Jena.  
Eu ja la tenho rebanhado um troço  
De illustres filhos meus; brazões do Tejo,  
Que, como vós, o Corso hão bem servido:  
Todos os que este gran' Sandeu não viram,  
Nem, nas usurpações, o secundaram,  
Incapazes e ineptos são p'ra tudo.  
A glória minha é hoje, ó meus amigos,  
Patriotismo mudar em tratantisse;  
Eu agora empregar so quero aquelles  
Que mais contrarios foram aos Réis fracos,  
Porque mais longo assim será meu reino;  
Visto energicos Réis serem ja raros:  
Vereis a collecção que la vos mostro,  
Vereis aquelles que o Junot serviram  
E a Patria a Macena entregar qu'riam:  
Ergue entre elles o estolido toutiço  
Um, que por natura e fado ha muito é tredo,  
Gran' Marquez de Palmella se intitula;  
Desde que o fiz nascer o trago d'ólho,  
Tinha na mente um Burro a mãe debaixo,  
Tinha na mente um Burro o pae decima  
Quando a semente burrical vasaram!  
É elle, é elle o meu predestinado,  
Tem cabeça de corno e sem miólo:  
Eu que dos filhos meus conheço a régua

Attesto ao mundo que nenhum mais asno  
 Houve até-gora de asinina especie;  
 Ou componha, ou discorra, ou falle é Burro:  
 Nada dos cascos burricaes lhe surde  
 Que não seja de um Burro, ou couce ou dente;  
 Um bando o segue de Sandeus menores  
 Que á sombra d'elle na tolice medram,  
 Quasi rivaes alguns com elle hobreiam;  
 Mas quando a agulha burrical levanta,  
 Quando dobra e desdobra a orelha esguia,  
 Tanto d'elles acima as ancas ergue,  
 Quanto entre vines sepulcral cypreste.  
 Com todos inda espero erguer meu throno,  
 E afugentar de Portugal inteiro  
 Da importuna sciencia ainda as reliquias;  
 Mas sem vós que farei? Sem vós não pôsso  
 Entrar em campo, e conseguir victorias!  
 Surgi, vinde comigo. » Inda acabado  
 Sandice mãe de se vasar não tinha,  
 Ja da caverna fôra os Genios todos  
 Batendo as negras azas se arrojavam:  
 Turvo se fez o ar, e a Natureza  
 Sentiu no vasto corpo um forte espasmo:  
 O dia se enluctou; mais apressada  
 Surgiu a noite das eimerias sombras:  
 Pelo reino animal somente os Burros  
 Deram signal de si, zurraram todos;  
 Os de Cacilhas, e de Vallada, a pino,  
 Como por fôrça magica, elevaram

Todas a f  
 Pelas barr  
 E o rabo,  
 Nunca  
 Tardo e p  
 Quaes vee  
 Atrás da g  
 Ella lhe m  
 Com que  
 Mais algu  
 — e Árre  
 Deixai qu  
 Tu so n'u  
 Ventila as  
 Descobre  
 (que evita  
 Se quere  
 Em lodos  
 Não pinc  
 Nunca ter  
 A voz da  
 Amor d'a  
 Tudo co'  
 Com rast  
 Vereda e  
 Alli bons  
 Foram p  
 N'esse H  
 Que ás t

Todas a fluz elasticas orelhas;  
Pelas barrigas os lampreões bateram,  
E o rabo, as moscas enxotando, ondeia.  
Nunca longe da terra o vôo erguendo  
Tardo e pesado a mãe vinham seguindo,  
Quaes vêem na revoadada inda adejando  
Atrás da gralha mãe gralhas pequenas:  
Ella lhe marca o trilho, ao guincho attentam  
Com que a audacia reprime, se atrevido  
Mais algum d'elles, se remonta e sóbe:  
— « Árre la para o chão (lhe diz Sandice)  
Deixai que as Aguias c'os diabos subam,  
Tu so n'um ar mais crasso, e mais sedição  
Ventila as azas cartilaginosas,  
Descobre no Morcego a imagem tua  
Que evita um ar subtil cosido á terra:  
Se queres repousar toma folego  
Em lodosa lagoa, em charco immundo;  
Não pinches, aito não, que o precipicio  
Nunca temerã animos rasteiros. »  
A voz da mãe reprime a turba airada  
Amor d'altanaria, e da suberba;  
Tudo co'a terra se coseu n'um ponto:  
Com rasteiro andamento assim proseguem  
Vereda conhecida até Bayonna.  
Alli *bons* Patriotas Lusitanos  
Foram pedir um Rei, tendo-o tam certo  
N'esse Heroe vencedor do Rei Maluco  
Que ás tranças deu dos campos Africanos;

Na ilha ou cu de Judas escondido,  
 D'onde ás vezes se apraz de noite em sonhos,  
 Sahir, mostrar-se á jumental caterva.  
 Porém Sandice na conquista attenta  
 Deu signal de marchar; desfilam todos:  
 Ja sôbre a Hespanha a cafila voava  
 Contente de observar no estrago e sangue  
 Effeitos da Sandice, effeitos d'elles:  
 Roubos, mortes, catastrophes são suas,  
 Cidades ermas, e talados campos,  
 Extincta a juventude e velhos curvos  
 Sob o péso de cornos e cadeias;  
 Templos em cinzas, muros arrasados,  
 Sôbre as aras thuricrenas extinctos  
 O sacerdote, a candida donzella,  
 Que um sacrosancto voto aos ceos unira;  
 As Infulas vestaes inda conservam  
 Na ja pallida frente, e as mãos cruzadas  
 Sôbre o peito lhe tem da morte o gélo.  
 Pedreiros infernaes eis obras vossas;  
 Eis as vistas politicas so tuas  
 Bernardino João, doctor Bemfica,  
 Na Gazeta de Almada heroe cantado;  
 Bacharel Wanzeller, ex-Grillo e bêsta  
 Que atrellado ao Falcão viu ir Lisboa  
 Buscar (devendo a forca) Ilha Terceira.  
 Satisfeitos co'a vista os Genios voam,  
 Tocam do Coa as margens pedregosas,  
 E não podem voar, que é fino e rallo

Inda o ar q  
 Que monst  
 So podem e  
 Dos largos p  
 Deixa sahir  
 Engrossaran  
 Por onde qu  
 Vém do Mo  
 E desde um  
 Ja n'esse te  
 Depois que  
 Nas crystall  
 Transforma  
 E mudando  
 Em penna C  
 — « Temo  
 Aos Genios  
 Vamos á ca  
 Dos Genera  
 Disse, d  
 Vertical ao  
 E aborta x  
 Que ao cou  
 Quando a m  
 E a turba  
 Despejada  
 Tudo obser  
 — « É este  
 Donde vam



Inda o ar que circunda o Imperio Luso,  
Que monstros taes em flúido mais crasso  
So podem existir. Então Sandice  
Dos largos poros do pesado corpo  
Deixa sahir vapor fetido escuro;  
Engrossaram-se os claros orizontes;  
Por onde quer que passa é sombra é noite.  
Véem do Mondego ás limpidas vertentes,  
E desde um teso levantado bispam  
Ja n'esse tempo a quasi nada Athenas,  
Depois que a mãe Sandice o cu tanchara  
Nas crystallinas aguas do Mondego,  
Transformando o Museu n'um cagatorio,  
E mudando o anatomico escalpello  
Em penna Gazetal que asneiras véte.  
— « Temos vencido aqui (bradou Sandice  
Aos Genios todos que a phalange formam )  
Vamos á capital, tactica é esta  
Dos Generaes ou cardadores Corsos. »  
Disse, deu costas, e a phalange voa;  
Vertical ao Rocio expande as azas,  
E absorta no prazer busca o Javardo  
Que ao conhecido Botequim se acouta  
Quando a noite desdobra o manto escuro,  
E a turba dos Cações, e dos Caixeiros  
Despejada a gaveta ao ponche accodem,  
Tudo observa a Sandice aos Socios brada:  
— « É este o domicilio, este o viveiro  
Donde vamos tirar Conquistadores

Com que entre gente Lusa edifiquemos  
 Novo Reino que aos astros sublinemos:  
 Seja de orates Portugal a casa,  
 Anos tenha em saber que opponha á França.

O Genio então da nova poesia  
 Acotovela a mãe que se babava  
 Ouvindo o filho coxo e cego em tudo,  
 E lhe diz sussurrando: — « Ó mãe campámos!  
 Estou pasmado da colonia nossa  
 Tam florescente ja no Tejo undoso!  
 Que em mil versos fataes fermenta e arde! »  
 — « Isto tuço que observas (lhe diz ella)  
 Conquista é minha ó filho; inda não vistes  
 O que é minha potencia, o que é meu braço,  
 Ólha além para dentro, ólha o Trigoso,  
 Rosto feito ao picão, beiço cahido,  
 Caldeirada ambulante, e que parece  
 Um bacio de dentro para fóra;  
 N'este vivo monturo erguer pretendo  
 Do meu imperio o throno mais seguro,  
 E ja se eleva, e ja se immortaliza  
 Tanto no *Popular* do meu Carvalho,  
 Que em Londres tanto aproveitado tem,  
 E os outros filhos meus Borges e Moura;  
 Pois ja com Sir Robert Wilson andam.  
 Eu agora aqui fico, observar ide  
 Quanto em Lisboa immensa se offerece;  
 Ide ultimar a commissão d'asneira;  
 Charles Stuart aqui esperar devo;

Nem longa pôde ser sua demora ;  
Tudo prestes levou d'aqui, de Londres  
O Barradas, Lacerda, e o Porto-Sancto,  
Muito de dia e noite trabalharam ;  
A elles é que deveremos tudo:  
Bemcomo ao Aguiar, e mais ao Abrantes,  
Que do Rei aggravaram a molestia,  
Para assim desgostoso annuir a tudo :  
S' elle espicha, ó meus filhos ( como creio )  
Então de certo a victoria é nossa ;  
É com o Pedro que eu ha muito conto ;  
Pela cidade nova dividi-vos ;  
N'ella meu reino e esperança eu fundo.  
Da rua Augusta, Capellistas, e Ouro,  
Faqueiros, Algibebes, e da Prata  
Os Patrões convocai, e os seus Caixeiros.  
Distribuí dos Eleitores a lista,  
Que elles mui bem fazer a escolha sabem,  
E ja dos Trolhas mesmo a trampa gostam.  
Ide assim preparando o Imperio e throno,  
Que hoje comêço a conquistar Lisboa ;  
Tomando a capital, eu venço o reino.  
Vou-me escanchar no Bacharel Bernardo,  
E toda quanta sou, n'alma de trampa,  
Minha morada, meu prazer, chimpan-me.  
E pois a Noite taciturna e fria  
Vem o manto estendendo, e os astros brilham,  
Eu aqui fico ó Genios, que é chegada  
Do gran' Congresso a hora, em que alto plano

Da parvoice universal se forme :  
 Eu devo presidir, geral ataque  
 Em toda a linha da sciencia e gósto  
 À manhã se dará ; Genios sou vossa. »

YIM DO SEGUNDO CANTO.

CAN

PR

O corregad  
 Mil e mil vez  
 feito rodar e  
 das campioe  
 que em roda  
 das Artes, d  
 do genio do M  
 Can que inu  
 Mas ja da casa  
 Onde se joga  
 O conselho do  
 A ventilar d'E  
 Pois de Juda  
 Por qual das f  
 En por cima,

## CANTO TERCEIRO.

*O Congresso*

## PREPARATORIO.

O carregado ponche , o gu picante ,  
Mil e mil vezes repetido , tinha  
Feito rodar estolidas cabeças  
Aos campões do litterato beco ,  
Que em roda estavam da marmorea banca ,  
Das Artes , das Sciencias disputando ,  
Do genio do Miguel , e do chicote  
Com que mui bem zurzidos tinham sido .  
Mas ja da casa mystica á secreta ,  
Onde se joga á noite , onde se ajuncta  
O conselho dos dês qual em Veneza  
A ventilar d'Estado altas materias  
( Pois de Judas ao cu foram as Côrtes )  
Por qual das frestas não se sabe ainda  
Ou por cima , ou por baixo agudo apito .

Quaes em Gaita de corno os Réis das armas  
 Sobiam em Madrid chamar a Córtes :  
 D'esta guisa chamando a vil caterva  
 Par' o Congresso estúpido e profundo ,  
 Qual a assobio conhecido accodem  
 De Pancas na charneca ou Vendas-Novas,  
 E Espinhaço-de-Cão, ladrões matreiros:  
 Assim surgeim da banca, largam copo  
 Ao ouvir dos canhões o estampido ,  
 Que a chegada de Stuart annunciam ;  
 Ao qual, n'um escalear, além da Barra,  
 Ha muito, a mãe Sandice, esperar fóra.

Formam conselho os Asnos n'alta Córte;  
 E ja nos bancos ensebados, todos  
 Quasi iguaes na Sandice, se assentaram :  
 Preside o gran' Sandeu. Quaes do Dentista,  
 Charlatão de Paris, pendentes ficam  
 Á roda d'alta banca os Chanfanciros,  
 E os nojentos Cações do Caes-da-pedra  
 Quando elle entoa a divinal prelenga  
 Em que promete esmigalhar os queixos  
 Com permissão do Protó-Medicato ;  
 Assim de palmo abrindo enormes bocas,  
 Ficam da boca do Sandeu pendentes  
 Por largo tempo os sessos, e os sessores.  
 Elle alarga a bochecha, assopra e grita :

— « Veneraveis Varões em prosa e verso,  
 Grandes Mestres de critica e dentada,  
 Padres Conscriptos de Gazeta e ponche.

Parece-  
 me  
 ( Onde  
 Ella des  
 Que em  
 Bemcon  
 Mandou  
 Beber d  
 Ella me  
 Mas sen  
 Demos c  
 Ponha-s  
 Se a deix  
 Surja, e  
 E cuide  
 E um co  
 E não va  
 Ja que o  
 Occupad  
 Que os M  
 E que se  
 Extingu  
 Pois mai  
 Que cem  
 Mais b  
 Do Fern  
 O — Pa  
 E os cou  
 Ao Prin

## CANTO TERCEIRO.

51

Parece-me que sinto escarranchada  
meu cachaço a minha mãe Sandice;  
(Onde eu e vós estaes, por força existe)  
Ella decreta, e tinhá decretado  
Que em Lysia o Reino da Sandice expire.  
Bemcomo o nosso Jorge Canning, Clinton  
Mandou conquistador, para que os Lusos  
Beber da merda, honrados, o mandassem,  
Ella me escolhe a mim n'esta ardua empresa;  
Mas sem vós que farei? Sem vós sou nada.  
Demos cabo das lettras importunas;  
Ponha-se fogo á triste Academia;  
Se a deixámos de pe, talvez que um tempo  
Surja, e lhe esqueçam planos de batatas,  
E cuide em mais que em manuscriptos velhos,  
E um corpo inteiro dê de Historia Lusa,  
E não va mendiga-lo aos Estrangeiros.  
Ja que o Trigoso, Frei Luis, e sucia  
Occupados estão na causa nossa,  
Que os Burros todos a salvar so tende,  
E que sem elles Academia é nada;  
Extingui-la (penso) melhor fôra;  
Pois mais uma Sessão vale das Cameras,  
Que cem mil Academicas arengas;  
Mais bem nos fez á causa da Sandice,  
Do Fernandes as brutas gritarias,  
O — *Passe por la bem senhor Brasil* —  
E os couces, que o alvar Borges Carneiro  
Ao Principe atirava, e aos Brasileiros,

Que todas as arengas Bonifacias,  
 E as sommas todas que gastou Roivides.  
 Com Jumentos vinte oito, em Trolha mestres,  
 Nas Côrtes Bêstas cem, venci tres annos;  
 Estes e os outros entretinha o Chefe,  
 Como, outrora, o Corso õ seu Senado;  
 Aos primeiros conf'rindo as mores honras,  
 E os outros lançando á margem todos.  
 Assim como de Rôbepierre a morte  
 Em França a quêda da Sandice trouxe,  
 Tambem á perda do Heroe Fernandes,  
 De nosso Imperio se seguiu a perda:  
 Mas a consolação ao menos temos,  
 Que, em quanto o Heroe nosso padecia,  
 O jumento Loulé diariamente  
 Vezes vinte da parte do Rei ia  
 Indagar os progressos que a ascarosa  
 Doença, n'elle Burro, ia fazendo:  
 E que, se da Igreja cabo deu o Infante,  
 O Marquez firmemente promettera  
 De restaurar-nos procurar maneira.  
 Vós sabeis muito bem que elle foi victima  
 Do cio Burrical, e causa nossa:  
 Porém o socio nos deixou e genro  
 Que as suas e nossas manhas seguir sabe.  
 Nós os mores favores hoje alcançamos  
 D'um estranho Patrono, *Eolo* dicto,  
 Que dos Eunuchos todos é gran' Mestre.  
 O Palmella é ja nosso, e outros muitos

Fida  
 Nafte  
 Invol  
 Sem  
 De se  
 Ou co  
 E que  
 Más s  
 Do T  
 De Six  
 Que A  
 De faci  
 Pacien  
 Ja, o  
 E ago  
 Dono  
 Tamb  
 Quanc  
 Sempr  
 Porqu  
 O diab  
 Nem o  
 Pois q  
 Mas co  
 E da pa  
 Albard  
 Ja que  
 Pois fe  
 Assent



Fidalgos orelhudos; e até temos  
Naftes illuminados, que outro tempo  
Involvidos no escuro á toa andavam,  
Sem o valor e aprêço dar saberem  
De ser nutrido com batatas Burro,  
Ou com holota, como fôra outrora;  
E que os Burros cabresto em Albion não teem,  
Mas sim de forte couro liso freio,  
Do Trigoso a conquista, e a aquisição  
De Sir Charles Stuart, e da Condeça,  
Que Anadia se chama, fructos foram  
De fadigas canções e suores.  
Paciencia e corajem ter devemos:  
Ja, o velho Dono, a zurrar matámos.  
E agora a granel andámos todos.  
Dono quer ser Miguel, e quer ser Pedro:  
Tambem pela criança é lord Canning.  
Quando muitos um Burro montar querem,  
Sempre elle, do que as manhas sabe, foge;  
Porque a manha a chicote, e a espora leva.  
O diabo do Miguel não nos faz conta,  
Nem o Pedro (a ca vir) nos serviria;  
Pois que o Congresso a pontapés levou;  
Mas como longe está, zurrar nos deixa,  
E da pequena é Canning o Tutor,  
Albardados por elle antes sejamos;  
Ja que ao Pedro e Brasil tambem albarda,  
Pois feno (em caso mau) e asylo, temos.  
Assentam todos uniformemente,

Que jumentada igual nunca sabira  
De humanos cascos, de toneis de ponehe ;  
Este o maior brazão do Imperio nosso ;  
Este dilata o Reino da Sandice ,  
Dos Lusos ao saber bestial põe cunho. »

Saltando estava por fallar o Pato ;  
Levantou-se orador, grunhiu d'esta arte :  
— « Vos, Asnos, socios meus, e meus modelos,  
Sabeis ser o Theatro a eschola aberta,  
Onde aprende a Nação patifarias,  
Onde se estraga, se corrompe o gôsto,  
Onde a linguagem Lusa se emporcalha,  
Onde as mulheres se refinam todas  
Na grand' arte d'ornar de corno a frente  
Dos que lhe arrastam conjugal carroça ;  
Sabeis que alli se estuda, alli se aprende  
Como presente o pae, e a mãe presente,  
Donzella mestra na *modesta* Walsa,  
Não so cartinha embuta, encaixe e metta  
Tudo o que ella quizer grosso e miúdo:  
Como a patrão forreta empalme o gimbo  
Namorador Caixeiro, que inda ha pouco  
De Basto ou Guimarães veio em tamancos  
Co' a ceroula no cu pegada e rota,  
E ja nos Botequins, ja no Theatro,  
Em politica, em Dramas decidindo,  
Na platea alugado desaprova  
O que nunca intenden, com couce e zurro.  
Tal o macaco vemos do Gameiro

(Que qu  
Feito ho  
O Rodrig  
Vendia e  
Secretari  
Graças m  
E outras  
E ess' ou  
Lopes ju  
Os louvro  
A seu bu  
E o comer  
(Que em  
Um apos  
Ministro  
Seu filho  
De Villa  
Dos Ces  
Assim s  
E assim  
Genio  
Dos Fida  
Se os F  
Se vêem  
Dos Her  
Estes A  
Conforra  
Que, qu  
Mais no

(Que quiuquilheiro no Brasil já fôra)  
Feito hoje Embaixador; e tambem vemos  
O Rodrigues tripeiro, que outro tempo  
Vendia em Londres a cebola ás duzias,  
Secretario e secreta em Turim ser.  
Graças mil á Sandice sejam dadas,  
E outras tantas ao Sandeu Palmella.  
E ess' outro que de Priapo blasona  
Lopes jumento, que exaltava tanto  
Os louvores que Jorge (dicto quarto)  
A seu burro marzapó prodigara;  
E o como por guinés trinta comprar,  
(Que em Sancta-Cruz o Pedro lhe quebrara) (1)  
Um apostiço dente, enviado fôra  
Ministro a Stokolmo, ahi deixando  
Seu filho Encarregado, em quanto em stampas  
De Villa-Flor ao Conde mostrar veio  
Dos Cesares doze as eternas manhas.  
Assim se funda da Sandice o Imperio;  
E assim, entre nós, medrando hade ir.  
Genios dous me dominam *vil e asno*:  
Dos Fidalgos d'agora, eis a apanagem:  
Se os Francos chegam, vão o cu beijar-lhe  
Se vêem Inglezes, vão pedir-lhe albarda:  
Dos Heroes Lusos a ascendencia é esta.  
Estes Asnos agora, nova regra  
Conformes seguem; pois assentam todos,  
Que, quanto mais com Stranhos se humilharem.  
Mais nobres bão de ser, em casa, e honrados.

Nos Burros esta regra origem teve;  
 Pois, aquelles, que aõ monta-los, se acaçapam,  
 Dão em a manjadoura, grandes couces  
 A outros Burros, que p'ra carga servem.  
 Isto a Loulé, e a Brainer bem surtiu;  
 Pois se vilezas no Brasil fizeram,  
 E pontapés e arrôcho la soffreram,  
 Alcançando depois os maiores póstos,  
 Em lugar do da forza que m'reciam,  
 Vingança muito bem então tiraram  
 Um, o Real decoro achincalhando;  
 O outro, o Throno, e a Nação vendendo.  
 O vastissimo Imperio da Sandice  
 Funda-se em traducções, e estas são minhas.  
 Quero trazer eu so de novo a Lysia  
 Com traducções o imperio da Ignorancia.

Traduzi, traduzi, r'digi Jornões;  
 E depois de assolar, queimar a Patria,  
 Escrevci, publicai *Contemporaneos*;  
 Porque então vil tratante e sandea sendo,  
 A primeiro Ministro aspirareis  
 D'aquella Patria, que trabiste em tudo.  
 E até mesmo aquelle que em sotaina  
 De Porteiro servia aos padres Bentos,  
 Será dos do Conselho no Serralho:  
 Tal hoje a pedreira é Irmandade  
 D'esses Fradinhos, que o Sotaina vai,  
 A par d'um digno Padre até fazendo  
 Do juumento Patricio um Cardeal.

— « Alto lá » lhe bradou risonho, insulso  
O Major Daniel Rodrigues Costa,  
Assustador do Rapazio immundo,  
Quando insomne as recrutas farejando  
C'o terço patamal Lisboa entulha :  
Tudo (exclama com voz pausada e tola)  
A meu esforço deve o Imperio vosso.  
Quarenta annos ha já que eu pôsto em campo  
Contra a razão batalho, e contra as lettras :  
Ninguem mais graças disse, e teve menos,  
Nem zangou mais a paciencia ao Mundo.  
Roucos se fazem com meu nome os cegos,  
Nenhuma esquina se çojou sem elle :  
Volumes vinte e quatro impressos tenho.  
Eu mesmo que os compuz não sei que dizem.  
De rhymas varias dous volumes conto,  
Que cousa seja um verso inda hoje ignoro :  
Animoso atirei comigo á scena,  
(Cousa não vista mais !) As pateadas  
Vinham atrás de mim malhar-me em casa  
Depois de fartas de malhar na peça !  
O meu *Mundo, Hospital, Barco, Almocreve,*  
Podein fazer-me o General dos Burros ;  
Nem mais que desejar Sandice tinha ;  
Os dous Galenos Coimbrões seus filhos  
Em seu docto Jornal me immortalisam,  
E ambos a par de mim se acclamam Asnos !  
Ou deixai-me escrever, eu so no campo,  
Ou por mim vós seguindo a estrada aberta ,

Sêde vós Danieis , Sandíce é tudo. »

— « É grande o voto do commum ( gritava

O Silvestre Pinheiro ) mas eu vejo

O povo Luso n'outro estado agora.

É para vos instruir que a mãe Sandíce

Em Inglaterra e França ha viajado.

Foi sempre tal em França o amor ás lettras ,

Que é mui raro em París o logar hoje

Aonde se não leia, e até cague.

Os de cus Inspectores, e de cloacas

Lendo estão os Jornaes, em quanto os outros

Vão a tripã vasando ; porém logo

Para o sesso alimpar os Jornaes tomam :

Durante que o Francez a qualquer canto

A bota, ou o sapato engraxar faz,

Le o Jornal. No açougue o Carniceiro

Lendo o *Constitucional* a carne corta :

Nas Praças os Saloios Jornaes leeim ;

E tal esta mania é em París ,

Que de carga os Jumentos, que atrás se acham,

Ler todos sabem; stando assim ao alcance

Das tenções e politica dos donos :

Eis a causa porque os Francezes Burros

Se distinguiram sempre em toda a Europa :

Mas sem fallar-mos nos Albinos Asnos,

( Que acima um furo aos outros se avantajam

C'os seus longos Jornaes de duas varas )

Dizemos, que o progresso d'esta raça

Tem ja civilisado o Mundo inteiro,

A couces,  
De Consta  
Assis liçõ  
O velho B  
N'habitaçã  
Em Paris,  
Qual em  
Eu mesmo  
Nós tirem  
A não ser c  
Que não ho  
Nos corajen  
Agora um  
Palmeira é j  
Gazetas  
Que, de to  
Na séria re  
ques ja,  
In ajoujo  
Abrantes e  
Por ordem  
Para o Inve  
Em o qual  
Sobre os m  
E chegando  
As Côrtes de  
O grande  
Que dos Tre  
De que elle

A couces, e a zurrar os Réis matando.  
 Do Constancio (2) e Benthán, alvares Burros,  
 Assás lições aqui se nos mandaram :  
 O velho Burro Verdier ja temos,  
 N'habitação do qual os socios todos  
 Em Paris, á porfia se ajunctavam,  
 ( Qual em Delphos um Burro ) a consulta-lo :  
 Ea mesmo a conferir com elle ia.  
 Nós tivemos Jornaes, oh feliz epoca !  
 A não ser o rapaz excommungado  
 Que não houveramos nós té-aqui feito?  
 Mas corajem, amigos meus, corajem.  
 Agora um gran' Jumento nos protege :  
 Palmella é ja dos nossos, mãos á obra.  
 Gazetas, meus Senhores, e mais Gazetas,  
 Que, de todas, a mor Sandice é esta.  
 Na séria redacção se ajunctem todos,  
 Quaes ja, no escuro Tamisa, outro tempo,  
 Em ajoujo os dous Mestres d'alta trolha,  
 Abrantes e Nolasco se ajunctaram  
 Por ordem do Sodomico Roivides,  
 Para o *Investigador* trampa escreverem,  
 Em o qual ao Hippolyto retruquem  
 Sôbre os milhões que o Funchal sisara :  
 E chegando depois Palmella o Burro,  
 As *Côrtes de Lamego* assoalhassem.  
 O grande Padre Amaro, ou ladrão dicto,  
 Que dos Trolhas a caixa gatunara,  
 De que elle mesmo Thesoureiro fóra,

É hoje do Palmella o jornalista ;  
 Que é o mesmo (ja se entende) que ser nosso ;  
 Emfim este é o seculo das luzes.  
 Se outrora ouro faziam os Alchymistas ,  
 Tambem hoje a Gazeta poder tem  
 De os Portuguezes transmutar em Burros ,  
 Quaes ja todos vão sendo, excepto poucos ;  
 E muitas Alcobaças terá Lysia  
 Onde centos engordem de Bernardos.  
 Que será sem o *Times* o Palmella ?  
 E sem *Constitucional* o Burro Abrantes (3) ?  
 Ah sem Gazetas nunca houvera Acursios !  
 E sem Gazeta os bacamartes cinco  
 Não vieram quebrar do Mundo as bolas,  
 Nem conservar aos posteros zangados  
 De asneiras tantas a memoria eterna !  
 Milagrosos Jornaes, por onde a farto,  
 Quizeram ser Fouchés frades Vicentes,  
 Que cabo d'elles deu, mas não de todo.  
 Phrenesi Gazetal doctos Pedreiros,  
 Tonsurados, Maçons da Loja-Mestra,  
 De quem foi Veneravel o Loretto,  
 Que ao Hippolyto hospedar se gloria  
 Quando se escapuliu da tóca Bicha  
 (No Rocio existente) para Londres,  
 Onde, alfim, Redactor foi c'o Nolasco.  
 No paradouro dos illustres sabios  
 Que vão no Tejo das galés fugindo,  
 Gazeta, socios meus, Gazeta é tudo :



## CANTO TERCEIRO.

61

Da queda da Sciencia a causa é ella :  
Antes de haver Jornaes e Académias  
Viu-te na Europa o Templo da Sciencia. »  
Qual quando volve o gordurento Entrudo  
Nos Açougues se escuta alto sussurro ,  
Ou como em Maio nos floridos campos  
De Burros um coreto alto solfeja :  
Tal no immundo salão dos Asnos soa  
Clamor universal d'aplausos tolos ,  
Que o grande achado aos sessos levantaram.  
À saúde do membro aos cascos sóbe  
Almo férvido ponche em palanganas :  
Mais que todos bebeu Sandeu Bernardo ,  
E de mofo sorvendo a caixa alheia  
Da boca jumental bafordas vasa.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

## CANTO QUARTO.

*O Palacio da Sandice.*

Na conhecida enxérga esburacada  
 Tinha apenas Sandeu lançado os ossos  
 Embaínhados pela manta immunda,  
 Prompto somno lhe prende os vesgos olhos,  
 Que elle a receita de os fechar conserva  
 Repetindo a si mesmo um seu soneto  
 Que a fôrça tem da Egypcia dormideira  
 Na pesada lethargica virtude!  
 Então mais um motivo accresce e sóbe  
 Do Carrascão a dose assalvajada  
 Que sóbre as Ostras sepultou no bucho.  
 Dous roncós dava ja, qual no chiqueiro  
 Costuma dar o grunhidor Cochino,  
 Ou qual Bernardo que estirado espera  
 Que o badalo infernal toque a completas  
 N'um dia duplex de jantar Bernardo.  
 Eis que Avejão bem conhecido, attenta

Sobrestante á posilga , horrendo e feio,  
Mais alto ainda que o Doctor Sangrado!  
Dos labios deslisou sorriso tolo,  
Arregaçando os prominentes beiços,  
Qual Burro que cheirou da Barra o mijo,  
E alcatrusando o lombo o ar atroa  
Da popa e' o cachorro em salva inteira :  
— « Filho , (o Nume lhe diz ) contigo estive  
Na tasca immunda das puxantes Ostras ;  
Á Sessão presidi na sombra involta,  
Que é propria e natural da essencia minha.  
De prazer me molhei quando escutava,  
Quando dos Membros recolhia os votos ;  
De meu Imperio firmes alicerces ,  
Firmes columnas das conquistas minhas.  
Nada mais é preciso , a Europa é minha  
Depois que a praga Gazetal é sua !  
Grande empresa acabaste , ó filho , agora  
Cumpre a devida recompensa darte ,  
Bemcomo Thetis no Camões ao Gama ;  
Que depois de ceiar lhe mostra o mundo  
Dentro de bolas de crystal mettido :  
Assim eu como exordio ao prémio immenso  
Que guardo para ti , e aos outros guardo ,  
Destino os meus Alcaçares mostrarte ,  
Onde verás o que Mortaes não viram.  
O Nume assim fallou : pelo gasnate  
Ou da beija travando ao vil Javardo ,  
Em corpo e semi-alma ao ar o sóbe.

Bambaleam-lhe as pernas, de uma d'ellas  
 Logo cahiu desirmanada bota;  
 A perna lhe ficou despida, esguia,  
 Mas na côr, e no laivo igual á outra  
 Qu'inda sustem caritativo couro.

La vão fendendo espaços dilatados  
 Té chegar a um logar Pantana dicto,  
 Onde tudo vai dar quanto a toleima  
 De Morgados e Vates esperdiça,  
 Quanto ás Nações Embaixadores furtam  
 Para com luxo entreterem as Putas;  
 Quanto, trahindo a Patria, se adquire,  
 E que tambem depois leva o Diabo.

Aqui da mãe Sandice o Paço estava,  
 De mão estranha ou nova architectura;  
 Tem salas, galerias, tem janellas,  
 Qual d'Alcobaça outrora a estrebaria,  
 Antes que o facho destructor de Mássena  
 Chegasse ao Côro, á Manjadoura, a tudo:  
 Fica n'um valle dilatado, ameno,  
 Qual nos fez Dom Rodrigo o Campo-grande.

Do ar descia c'ó Sandeu, Sandice,  
 E vai cruzando o portico da Estancia.  
 — « Ás armas! (grita a sentinella) ás armas!  
 A grande Guarda se ajunctou n'um ponto;  
 Magote digno do potente Nume!  
 De aspecto vário, e de diverso trajo,  
 Da canalha composto alti-gritante,  
 Que no Caes-do-Sodré se ajuncta e vive.

Tocaram  
 Igual á  
 Reprodu  
 (Não ten  
 A todos  
 O Capitã  
 Da tatic  
 Era o Vil  
 Que esfre  
 Dando n'  
 Está para  
 Ou seja e  
 A escad  
 Aqui e al  
 Os Bustos  
 Entre col  
 Com capiã  
 Dos Hea  
 Saram, e  
 Que de Sa  
 O Fernand  
 Que fizera  
 Sura o deã  
 Os assos E  
 E o esqu  
 Os da Suc  
 Cada um,  
 Distinção  
 Visto dos

## CANTO QUARTO.

65

Tocaram rufos tres, e o som parece  
 Igual á flauta jumental, se em Maio  
 Reproduzir-se a Naturêza intenta :  
 (Não tem Sandice mor defenza que esta!)  
 A todos sobrepuja, excede a todos  
 O Capitão da estúpida quadrilha,  
 Da tactica dos Mam'ucos do Pará  
 Era o Villa-Flor nedio e asneirão,  
 Que esfregando as verilhas corre á frente;  
 Dando n'isto a intender que sempre pronto  
 Está para cubrir as Burras todas  
 Ou seja em cama esbelta, ou ja n'um charco  
 A escadaria Sandiçal sobiam :  
 Aqui e alli Javardo ia notando  
 Os Bustos dos Heroes que em nicho estavam  
 Entre columnas mil de ordem Toscana,  
 Com capiteis do Gothico pesado.  
 Dos Heroes, entre os Bustos mais distinctos  
 Stavam, em Galeria, os Paes da Patria,  
 Que de Sandeus são óptimos synonymos.  
 O Fernandes estava, e o gago Moura  
 Que fizera aó Junot d'alcoviteiro,  
 Stava o désnarigado e alvar Medico,  
 Os asnos Bentencourt, Annes, Trigoso,  
 E o esqueleto fodaz Castello-Branco :  
 Os da Sucia, alfim, todos estavam,  
 Cada um, por pilar, tendo um bacio;  
 Distineção que a mãe Patria lhe outorgara,  
 Visto dos Benemeritos a orden

Não terem outro tempo conseguido.  
 Não outra Galeria, em maior vulto,  
 O Corpo Diplomático se via.  
 Aureas grossas cadeias ao pescoço  
 O Palmella, Funchal, e o Matheus tinham,  
 Com que ha muito os Bretões os presionavam.  
 Segue-se de Villa-Sêcca o sandeu Busto,  
 Que aos Cretores fugiu para Moçamba;  
 E de la a Turim chegado havendo,  
 Secretario se fez do Anadia,  
 E pelo Meternique agora é pago.  
 Segue-se-lhe o Guerreiro sevandija,  
 Que os pratos ao Roivides alimpava,  
 E hoje, por servir a Jorge Canning,  
 É Ministro dos Cesares na Côrte.  
 Tambem do Nap'litano jaz o Busto  
 Que agora la em Nap'les Lysia advoga,  
 Porque gente capaz não ha ja n'ella.  
 Dous Bustos Jumentinhos se seguiam,  
 Que em Turim o Linhares bêsta deixara,  
 Que honra tanta lhe hão feito, e á mãe Sandice.  
 Seguia-se do Moraes Sarmento o Busto  
 Que em Copenhague a Canning ora serve.  
 Do Brito escriba, a par lhe stava o vulto,  
 Que o Brainer Jumentão substituiria;  
 De um Asno, qual elle é, successor digno.  
 Logo, em baixo relêvo, ao pe se lia  
 —*Chevalier attaché à son Excellence*—  
 Como elle se dizia e assignava.

## CANTO QUARTO.

67

Que do Havre, quebrado, a Paris fôra  
 Pr'a fazer de Mercurio ao Marialva.  
 — «Filho vais ver as maravilhas todas  
 Que meu potente braço alli junctara;  
 Obras são minhas, de meus filhos obras;  
 Aqui seguras vão da Eternidade;  
 Duras são ellas que nem traça as chucha.  
 Ves esta sala, que de espera é dicta,  
 ( Chamam-lhe os bons criticos palheiro )  
 Estas estantes toscas e grosseiras,  
 De calhamaços ensebados cheias,  
 (As mesmas moscas se aqui pousam dormem!)  
 Não sabes de quem são? Olha este Busto  
 Da cabecinha leve e venta larga,  
 Capitão d'alabardas, e d'archeiros,  
 As obras todas são do Palmellinha;  
 São do Camões a *traducção* famosa;  
 São as *Cartas ao Times* dirigidas,  
 E assignadas — *Um Brasileiro em Londres* —  
 Cartas que ao *Times* muito bem renderam.  
 São *Memorias* escriptas na *Minerva*,  
 No *Investigador* peças differentes,  
 E no *Sovêla*, ou *Campeão* insertas:  
 Tudo quanto aqui ves, elle o escreveu.  
 Anda meu filho, não detenhas muito  
 Teus estupidos olhos n'esta sala,  
 Tens muito mais que ver: são bagatellas  
 Do Foyos, do Cenaculo as asceiras.  
 Olha immenso salão de Vates cheio;

A estante — *Portugal* — tem mais que todas!

Ólha n'este recanto as obras todas

Que o gordo, traduzia, Padre das hervas ;

D'agro-mania possuído a eito ,

Aos Lusos deu theoreticas batatas,

Planos de arroz e mel, cevada e milho ,

Fazendeiros da America e mellaço,

Co' as estampinhas mil, (trabalho inutil)

Que a Dom Rodrigo o bom, milhões custaram

Na abertura das chapas e matrizes

Das letras calcographicas de trampa.

O tractado da *Abelha* aqui conservo,

Que ensina so despovoar colmeias.

Ólha a par d'isto como brilha ufana

De tomos cinco pejadinha estante!

Historia Augusta da Invasão se chamam

Os inuteis gelados bacamartes ;

Não precisam na frente auctor pintado,

Dizem por fóra e dentro *Acurso*, *Acurso*!!

Ora agora vem ca, Sandeu, chegaste

Á grande sala que uma vez somente

Servey no anno á Pedreirada nossa. (r)

O veneravel Maldonado mudo,

Zarolho Costa, que dos filhos mestre

Do Seabra se diz ; doctor Vicente

O consultado oraculo dos tolos ;

Rodrigo Pinto, thesoureiro d'elles ;

E os mais abysmos da sciencia ou trolha,

Que o volcanico Hippolyto salvando,



## CANTO QUARTO.

69

Ficaram na esparrella, ás Ilhas foram;  
Aqui tinham Sessão do Grande Oriente.  
Ólha a rica armação franjada d'ouro;  
Ólha o docel de veludillo negro,  
Os ricos avantaes, e as luvas brancas,  
A espada, a caveirinha, a trolha, o prumo,  
A esquadria, o compasso, a mitra, os cornos.  
Os d'alto grau na Pedreirada mestres,  
Que igualdade sonbando, e idades de ouro,  
Do estouvado Francez não conheceram  
Essa fatal Revolução de sangue:  
Fiaram-se em Ladrões que ao Tejo vinham,  
Mais alarves que os Vandalos, que os Hunos,  
Roubar somente, e desprezar Pedreiros:  
Cheios de ideias vãs Republicanas,  
Reproduzir no Tejo imaginaram  
De Catão, de Pompeu dourados dias,  
Elles chefes ficando, os mais escravos,  
Mijaram-lhe na escorva os Protectores,  
Alimparam-lhe a bolsa, ás trancas deram,  
Erma deixando no meu Paço a sala:  
Tal é o que os Bretões fazer pretendem.  
Fique outra vez fechada, ávante vamos.  
Desarqueia o sobrolho, eu sei que triste  
Te ficou n'esse corpo a alma de Corno;  
Alguma cousa dos Pedreiros ocos  
Esperavas obter, tem paciencia!  
No Museu do Palacio agora entremos:  
Aqui tenho o meu throno, e sou Rainha.

É este o Busto do Sandeu Vandelli,  
 Aquella estatua Bonifacio Andrade;  
 Os tres Reinos aqui classificaram,  
 Ordenadores Commissarios ambos.  
 Vai vendo, filho meu, sôbre os armarios  
 Dos subalternos na sciencia inutil  
 Os Bustos, em argilla, em greda, em humas,  
 Dos correios da morte em longo fio,  
 Aqui ves os retratos na direita;  
 Do Museu da Sandice enseites dignos!  
 Acolá o Ricardo tens, gran' Trolha,  
 Que em Coimbra a Catherina divertia,  
 Ao que Reitor dos Nobres ser devera,  
 E á Maçonica depois dignidade,  
 Agente d'Albion, dos Lusos Régulo;  
 Fazendo-o eu d'Estado Conselheiro,  
 Pois tal gente compete a tal Estado.  
 De Mello Franco a estatua envernizada,  
 Co' a essencia da Vaccina, aqui contempla;  
 De ranhosas crianças rodeiado  
 Este assassino está, co'a lancetinha  
 Mettendo o pus, e consolando a Morte,  
 Pois sem ella as trazer, bexigas fórma.  
 Ólha a estatua do Medico Delgado  
 Por timbre tem na base o Cemiterio,  
 Por lança tem nas mãos a sura e tibia  
 De um medonho esqueleto a quem matara  
 Com vinte grãos de tartaro chumbado.  
 Do Xavier alli ves a negra estatua,

## CANTO QUARTO.

71

Farada barretina tem por casco;  
Da Hygiena obra-prima, e invenção sua,  
Com que, nos hospitaes, ou la no campo,  
A moleira ventila dos soldados.  
Do Constancio eisaqui o grosso Busto:  
Elle diz nos Annaes ter vaccinado  
As crias do Martins, Genioux, e Lannes:  
É elle que de Lysia expulso sendo,  
Por tambem vaccinar querer a Patria,  
Mandado, em meu reinado, foi á America,  
Para tirar o ventre de lazeira:  
Repara na encarnada fita da Ordem  
De Christo, que os Sandeus Trolhas lhe deram;  
Ordem, que elle em París hoje não larga,  
Mas que tanto algum dia achinealhava,  
Da Raposa, co'as uvas, á maneira.  
Tal a cartilha é d'estes meninos,  
Maldizerem os Réis, e as Jerarchias  
Quando d'elles o cu nem cheirar podem.  
Dessecados, tambem, alli tens Asnos,  
E as tripas do Fernandes em conserva,  
Preciosa reliquia para os Burros.  
Vai no Reino animal mettendo a tromba,  
Aqui tens Mochos-tres embalsamados,  
Virados para o cu conservam bicos:  
Imagens são dos criticos que ao senso  
Dos Escriptores bons dentada atiram.  
Ólha Lagartos mil, Cobras seiscentas,  
Que o veneno da Satyra cuspiram

Na virtude e saber de homens honrados.  
 Aqui de Escarabeos cardume immenso  
 Guardo em frascos d'espírito-de-vinho:  
 Zuniram nos ouvidos, e quebraram  
 Com sussurro importuno ao Mundo as bolas;  
 Bemcomo aturdem novelleiros ocos,  
 Por praças e cafés, theatro e tudo,  
 Com mentirosas burricas noticias.  
 Oito Lobos-cervaes, de palha cheios,  
 Fóra d'aquelle armario as trombas lançam;  
 Imagens são dos Commissarios destros,  
 Que a immensa pança abarrotando, folgam  
 Co' a fome e descalcez de Heroes da Patria,  
 Que o nobre sangue e generoso entornam,  
 E marchando em jejum mastigam louros,  
 Quaes no Oriente seus Avós colheram;  
 Os mesmos são que o Indo avassallarain;  
 Teem braço os Lusos, mas não teem cabeça:  
 Se houvera um Albuquerque, adeus ó Bifes!  
 Ólha agora o paiz da Ornithológia:  
 De milhafres tu ves cem mil especies.  
 Nos cantos do Museu tenho em poleiros  
 Alguns de garra e bico mais adunco,  
 Imagens são dos rapinantes finos:  
 Bilhetes e guineos, patacas, tudo  
 Que a fome vende, a ladroeira compra.  
 Alguns no ninho estão muito anafados;  
 Retratos são dos usurarios duros,  
 A quem contractos exclusivos nutrem;

Teem  
 Teem  
 Qu'inc  
 De can  
 Em qu  
 Banha  
 Mas ten  
 Que us  
 De F  
 Alli tem  
 Sio de  
 Inagen  
 E teem  
 Lisboa  
 Cem m  
 Mudave  
 Sio mai  
 Dentro  
 Retrato  
 Que mu  
 Jacobin  
 Porém  
 Se o Ra  
 Se da T  
 E o pre  
 De Villa  
 Que tan  
 Os vesti  
 E a casa

## CANTO QUARTO.

73

Teem quintas, teem jardins, coches, palacios,  
Teem argentea chapada em peito immundo,  
Qu'inda outro dia se encurvou c'o péso  
De canga em que levou caixa de assucar;  
Em quanto o benemerito gemendo  
Banha o pão com suor, se acaso o come;  
Mas tem honra, que excede em preço os cofres  
Que usura vil e monopolio atulham.  
De Ratazanas de fucinhos varios  
Alli tenho um caixão pejado e cheio;  
São de dente roaz, cauda comprida:  
Imagens são dos que nos outros mordem,  
E teem rabo de palha e baldas muitas;  
Lisboa cheia vai d'esta ratada!  
Cem mil Camaleões de aspecto e côres  
Mudaveis sempre como o ar se muda;  
São mais leves que o ar, d'elle se nutrem;  
Dentro d'aquella vidracinha os tenho:  
Retrato vivo de tratantes muitos,  
Que mudam rumo como sopra o vento;  
Jacobinos, ladrões, rebeldes, falsos:  
Porém se os Hespanhoes em Lysia entram;  
Se o Rapaz em Lisboa feito é Rei;  
Se da Trolha o Reinado e Reino expira,  
E o preto veludo em rubro muda,  
De Villa-Franca as variegadas fitas,  
Que tanto, em outro tempo, se pediram,  
Os vestidos, a flux, s'encherão d'ellas,  
E a casaca virar hão de q'rer todos.

Abrantes d'este lote, e Abrantes outros ;  
 ( Cujo nome immortal não cabe em verso )  
 Mastigam n'este Reino a dous carrilhos ;  
 E as Galés com bolor! ... e a Força ás moscas !...

De Cigarras aqui conservo um cento ,  
 Que inda assim mesmo em balsamo enterradas  
 Das cantiguinhas as não deixa a teima  
 Nas quentes séstas do calmoso Agosto,  
 Quando o ar se esbrascia e escalda a terra,  
 Racham có'a linda voz té séccos troncos!  
 Poetas são dos Botequins de Lysia.

Deixemos animaes que n'estes Paços  
 Nunca teem fim quadrupedes e insectos ;  
 So Aguias no Museu nunca aninharam !  
 A meu jardim botanico encaminha  
 Agora os longos pés, que ás hervas corres:  
 Nenhuma planta exotica vegeta  
 N'este meu logradouro, apenas cardos,  
 Pasto mimoso de esfaimados Burros.  
 Para os Vates aqui de herva-babosa  
 Coroas immortaes, grinaldas crescem ;  
 Com minha mesma mão lhes cinjo os cornos ;  
 Cingi com ella a cabecinha ao Pato  
 No Elogio fatal chamado o *Nome*,  
 Foi vergonha de Arthur, de Lysia opprobrio ;  
 Nuno a par de um Bretão no esforço e glória  
 Inda é menos que o Carcome em proezas !  
 Oh Galés, onde estais ? Força, que fazes  
 Que não penduras em teus paus o Pato !

## CANTO QUARTO.

75

A planta que entre todas multiplica,  
E mais me cresce aqui, prospéra e sóbe,  
É Sandeu dos Sandeus a parasita;  
Pega-se ás outras, e lhe chucha os succos:  
Que emblema, filho meu, de tudo, e todos  
Quantos em Lysia alvar vegetam troncos!  
Não vivem do que é seu, vivem dos outros.

Do reino mineral contempla agora  
Alguns nobres metaes; ólha ouro em bruto  
Pegado a terra inerte, e a duras pedras,  
Que nunca se empregou da vida em usos:  
La tens na sociedade imagens d'isto,  
Tens cofres de milhão pegado a pedras,  
Que insensíveis aos aís, ao pranto, ao lucto,  
Eternamente ferrolhados jazem;  
Não servem para si, nem para os outros.  
Ólha cem barras de pesado chumbo;  
Imagens são de corpolentos Burros  
Tardos de corpo, e de miôlo tardos,  
Da humana sociedade inutil pêso:  
Taes Conegos da Sé dizimos comem,  
Do côro á tasca vão, da tasca ás Putas;  
O corpo arrastam rochonchudo inerte,  
Com rezas machinaes zangando as almas  
Dos defunctos que á Sé seus bens deixaram;  
Com rezas machinaes, que em quanto a boca  
Salmeia e desafina, a alma voando  
Ou lhe anda na taverna, ou na mesada.  
São pesados qual chumbo os Impostores,

Que os tomates ao Mundo andam quebrando,  
Ou com longo aranzel de heroes fidalgos,  
Ou com subidas ideaes valias.

Basta ja de jardim , vamos á sala  
Onde conservo apuros de gravura.  
Tens muito que admirar nos Quadros-Mestres:  
Ólha bem p'ra o Congresso de Vienna:  
Nota a postura , e ve como em cadei. a  
O cagão do Palmella está sentado;  
E como logo á frente se fez pôr,  
Qual , se de todos , o primeiro fôra.  
O garbo com que mostra na cadeira  
Aos outros um papel , que ninguem ólha.  
Qual seja esse papel , talvez , perguntes?  
É a vil concessão , que fez a Castlereagh ,  
De os Vasos serem nossos visitados  
Dos mares , por Albion , em toda a altura ;  
E ser defeso aos Lusos o comprarem  
O que bem lhes convenha em seus Dominios.  
Ólha aquelle que ao Lord beija o trazeiro,  
O Saldanha ou Conde é de Porto-Sancto:  
O outro o Lobo é , Prusso de origem :  
Por servir ao Congresso , todos Condes :  
Eis a Cafila , que expediu o Araujo;  
E de expedição tal os resultados:  
A todos no Congresso o cu beijando;  
Pedindo a todos o cabresto e albarda;  
Cayana dando aos que nos roubam tudo ;  
Ficando sempre nós sem Olivença :



## CANTO QUARTO.

77

E ousa este Bugio inda pintar-se  
 Em Quadro tal, que de todo bórra,  
 E aquelles que taes Bêstas la mandaram ?  
 Ólha aquella parede, é toda cheia  
 De Lords grandes, e pequenos Lords,  
 Meio corpo estes teem, e aquelles todo;  
 Um corre em Talavera, outro é sentado  
 No mais alto da Linba a ver Francezes  
 Jogando no Sobral bola e chinquilho :  
 Este ao Porto chegou depois que o Franco  
 Carregado de alampadas s'esgueira,  
 Com tigelinhas José Pedro o mostra,  
 O Senado entre paus com tres bogias,  
 O Barão do Sobral com vidros varios :  
 Ei-lo n'um lenço de tabaco expresso ;  
 ( Isto agora é mais fino, é obra d'elles  
 Ticianos, Britanicos Carraches ! )  
 N'um marotinho a Badajoz escala ;  
 N'um chale a Burgos o castello toma ;  
 N'uma caneca em Salamanca ceia ;  
 N'um tableiro de Xarão bastardo  
 De victoria em victoria, obtem victoria :  
 La vai n'um bule caminhando a França ;  
 Na manteigueira se aquartela em Vera ;  
 N'uma escovinha o Bidassoa passa ;  
 Ataca Arispe n'uma carteirinha.  
 Anglia d'esta arte o Heroe produz em tudo ;  
 De Lamparinas n'uma Caixa expresso  
 Lança os pontões nas aguas do Garona ;

Em Panninho estampado, ei-lo em Tolosa;  
N'um *Bidet* de amarello entra em Bayonna...  
Sem que elle ao rabo d'uma chuça lance  
A mão robusta, os ossos desconjuncte  
A tanto artista que o produz em cacos,  
Em lenços, em papeis, em gesso, em trapos.  
Ora fechemos a revista ó filho,  
Que estou cançada de fallar-te agora;  
Outro dia verás os Monumentos. »

FIM DO QUARTO CANTO.

## CANTO QUINTO.

*Os Monumentos da Sandice.*

— «Quero ó Sandeu satisfazer-te essa alma,  
Dando-te a ver eternos Monumentos  
Do meu potente braço e mente obtusa:  
Tu sabes quem eu sou, sabes que a Europa  
Ha muito tempo minhas leis accêita.  
Que eu n'alma dos Philosophos mettida  
O grande architectei projecto insano  
De desterrar do Globo honra e vergonha:  
Eu me encaixei dos Sabios no miôlo,  
N'elles a ideia lisonjeira excito  
De uma frugal Republica assisada:  
Soube que em França o reformar Govêrno  
Era na areia apresentar e'os Bodes:  
Do dicto ao feito vai grande intervallo;  
Era bella Republica sonhada  
Em meu filho Mabli, meu filho Jacques:  
Se os costumes são bons as Leis teem fôrça,  
E se teem fôrça as Leis iguaes são todos:

As Leis n'uma Republica teem fôrça  
 Se os Chefes annuaes do Throno passam  
 Para a charrua, para o campo herdado :  
 Fiz que Jacques fallasse em Curio, em Bruto,  
 Em Cincinnato, Scipião, Serrano ;  
 Fiz-lhe dizer que o titulo — *Virtude* —  
 Inda era mais que Principe, que Duque ;  
 Que so no tempo de uma justa guerra,  
 Empunhasse o bastão justo guerreiro,  
 E que acabada a escarapela, logo  
 Depozesse o bastão, findasse o mando,  
 Fôsse couves dispor, cavar na vinha,  
 E comer nabos com presunto em casa,  
 No tribunal das Leis, igual aos outros,  
 Que uns impalpaveis átomos se dizem  
 Qual se diz um Poeta, e um Jornalista !  
 Oh ! que cousa tam boa e tam piquante  
 Em miôlo Francez, que serve ó filho,  
 Que so na superficie embica e pára,  
 Que em calculos moraes manquêja sempre,  
 Que os homens so na plebe apalpa e observa,  
 Que das paixões a progressão não sente,  
 Que tirado da *Quadrilha e Pirouette*,  
 Da moda e *Calembourg*, o resto é nada.  
 — « Tóca a fazer Republicas nos ares  
 (Disseram todos) e surriu-se o Jacques  
 Do Pantheon Nacional na cova escura :  
 De Ovidio o cahos retornou meu filho,  
 Do Estado-social os elementos

## CANTO QUINTO.

81

Andaram todos em continua guerra:  
Dos Estados-Geraes fui eu correio,  
Eu lhe elevava os destampados Membros:  
Convenção-Nacional foi obra minha;  
Aqui tens em relêvo as Sessões suas:  
Rebentam bandos de partidos loucos,  
Maratistas são meus, e os Brissotistas;  
Ólha o partido da Montanha em grupo,  
Tudo em pedra infernal gravado eu tenho.  
É cria minha o gran' Robespierre;  
Aqui tens n'este grupo o seu retrato;  
O mais notavel Monumento é este  
Que em França fez, e que aturou Sandice;  
As frentes duas, que lhe ves dos lados,  
São San' Juste, e Coton, mimosas crias  
Dos Moralistas de Paris os Mestres,  
E Professores da *Igualdade* foram;  
Quasi os homens iguaes iam fazendo  
Pelos pescoços cerceiando a todos!  
Ólha em pedra volcanica esculpida  
A Guilhotina de um Galeno invento,  
Ligeira qual um *reçipe* no golpe,  
Ferrinho abaixo cabecinha em terra:  
Aqui me tens em marmore sanguineo  
Retratada a mim mesmo, e os meus Juizes,  
Votando á morte no processo infausto  
O misero Luis!... Ólha de enxofre  
Este grupo rarissimo, que eu guardo,  
É todo o Reino do terror em péso!

Tudo acaba ó Sandeu na Guilhotina:  
 La vai n'um carro o Dictador dos Tigres  
 Que ia deixando a França sem Francezes;  
 La vai co' a tromba e queixos amolgados  
 Robespierre o *bom*; ólha o carrasco  
 Como contente está, como estirado  
 De barriga no chão deixa o marmanjo,  
 Mostrando a frente ao Povo soberano  
 Que se deixa albardar de mais quinhentos,  
 Com cinco *Paes da Patria* os Dictadores.  
 Eu dei aos Alemães chefes Pedreiros;  
 Mack é meu filho, meu pãrente Melas;  
 Abre á Victoria a Pedreirada a porta;  
 E sem Pedreiros que vencera o Corso?

Um grupo em papelão te mostro agora;  
 É este, filho meu, Padres Conscriptos;  
 (Eu presidi no seu Congresso augustol)  
 A louca Egypcia expedição decretam:  
 La vão suberbas naus, Chymicos marcham,  
 Naturalistas vão, Barbeiros correm.  
 A Canzoada sabichona uivando  
 A eschola vão abrir de Alexandria,  
 De Jupiter Amon medir os cornos,  
 Calcular das Pyramides a altura,  
 Abrir canaes do Nilo ao mar da Persia,  
 Para ir buscar lencinhos de Surrate,  
 Deijar fóra os Bretões da aúrea Malaca,  
 A Marselha trazer canella a rôdo,  
 Conquistar o Indostão, tomar Bengala,

E a Marítima paz firmar d'esta arte.  
Oh que projectos meus! Que asneiras minhas!  
Eu ia triumphar, destino avesso  
Fez voar a Abukir Nelson n'um sópro;  
Eis a cambada dos Barbeiros toda,  
Os Chymicos de trampa, os Impressores,  
Tudo em vasa-barriz dentro em tres dias!  
Ficaram por medir cornos de Jove;  
Foram-se os lenços de Surrate, e foram  
Oitenta mil Francezes pelos ares.  
Com minhas azas o cobri, na praia  
De França o puz, e merecendo a força,  
Consul ficou, deu cabo dos Quinhentos.  
Meus maiores tropheos d'aqui brotaram,  
Com que esta casa enchi de Monumentos.  
É feito Imperador, e a Terra é minha!  
Regalei-me Sandeu de ver Francezes  
Democratas da França ha so dous dias,  
Da Liberdade c'o barrete esguio,  
Mudando o *Calendario* o nome aos mezes,  
Das Tuilleries nos Jardins alçando  
Ao Creador Omnipotente altares,  
E um Sacerdote de casaca pondo  
Sôbre elles para azeite, e por esmola  
Tres francos e tres soldos, tres espigas,  
E do Champanha um cangirão vidrado;  
Alçando templos á Velhice, e a Marte,  
Elevando um Courão Sacerdotiza  
Da Natureza ao Templo c'um chouriço,

Como emblema allegorico que mostra  
 Esse canal que multiplica os Entes!  
 Regalei-me Sandeu de ver a corja  
 Que as leis fraternas de *Igualdade* abraça;  
 De antigos pergaminhos queimadora,  
 Que buscava anciosa última tripa  
 D'um Conego ou d'um Frade esbarrigado  
 Para enforcar um Rei que inda existisse...  
 Sujeita a Condes, a Barões e Duques,  
 Que vira na taverna, ou nos açougues,  
 Medindo vinho, um porco espatifando,  
 Ou com ligeiro pente, e com pomada  
 Dar lustro a caracoes, e a *gaforines*;  
 Ou quando muito em theatraes alcouces  
 Serem do Sena os Borges, e os Fernandes,  
 Em baixo sóco Theodorico, e Sanctos.  
 Regalei-me de ver suberbo o povo,  
 Mais que o de Roma soberano e livre,  
 Com ferreo jago, com servis cadeias,  
 Puchar de Bonaparte o carro, e os cornos.  
 Ólha n'um camapheu Bastilhas oito;  
 Da *liberdade* monumento augusto!  
 Alli sentada está *Philosophia*:  
 Coçando o cu, Republicas sonhando,  
 Mabli, Montesquieu, Jacques n'um canto  
 Choram seu tempo, espediçado em livros,  
 Que em dormir, em beber melhor gastaram;  
 Porque os Francezes, dançarinos sempre,  
 Tanto sentem o pêso ás vis cadeias



## CANTO QUINTO.

85

De estranha servidão como as doçuras  
Da liberdade, sem vergonha saltam  
Na taverna, e no carcere contentes.  
Se teem theatros viva Bonaparte;  
Se theatros não teem, morrerão todos  
Indaque fartos, e que livres sejam,  
Como era um tempo o Bátavo bojudo  
Deitado em queijos nos milhões cuidando,  
C'o cachimbo na boca, o cu nas calças,  
Em quanto a frota do Borneu lhe chega,  
E desenrolha de Constança o vinho.  
Ólha n'um grupo os toleirões do Rheno,  
Reisinhos de mão morta, e vis bonecos,  
Que Bonaparte na maromba escancha:  
As Leis da Convenção dictou meu filho  
Que a porrada fatal do horrendo Russo  
Mesmo dentro em París metteu no abysmo.  
(Inexoravel Alexandre e duro,  
Mais generoso que Alexandre antigo  
Da França me enxotou; talvez do Globo.  
Corramos a cortina ao quadro triste...  
Bonaparte no chão, Saudice em terra! )  
Deixemos grupos taes, que são mysterios,  
Em que tu Sandeu-mor, não mettes dente.  
Da margem do Danubio ao Manzanares  
Agora vira a proa, ou vira a tromba;  
Que aqui junctos verás bocados d'ouro,  
Obras do braço meu na Côte Hispana.  
De sette palmos n'este corno observa

De embutidos de corno a Historia toda ,  
 Do sabido Godoy, Godoy montado  
 Muito a seu salvo n'um Courão ja duro :  
 D'este cano Real correram todas  
 As desgraças da Hespanha , e até da Europa.  
 Aqui joguei de mão ; ve que bolada  
 Tam vantajosa á Pedreirada minha !  
 Liança fraternal , Carlos , e o Corso!  
 De septi-palmi corno o lado opposto  
 Contempla agora com buril de Mestre;  
 Ólha esculpido La-Romana , e tropa  
 Que aos gelos vai do Baltico perder-se;  
 Sangria que atenúa , e que enfraquece  
 O corpo colossal dos vis Caragos.  
 Ólha á surrelfa as praças empalmadas ,  
 Do sangue Luso a preço hoje remidas.

Pódes crer meu Sandeu , que eu quasi toda  
 Me espremi , me yasei por cima e baixo;  
 Metti-me toda de Godoy nos cascos;  
 Toda em Fontainebleau me vim co'a fôrça  
 De meus discursos burricaes na sala  
 Em que a grande partilha e reinos novos  
 Traçou de toda a Lusitania o Corso :  
 Á Rainha tocou , que foi d'Etruria ,  
 Porção septemtrional do Luso Imperio :  
 Ao zarolho Godoy dos Algarvios  
 A terra fertil de alfarroba é praga:  
 Tal dos Orphãos Juiz foi Bonaparte:  
 Mas não tiraram cartas de partilhas.

Co' a cornea frente annue baboso Carlos,  
E a farrapagem Girondina 'marcha.

Todo este arcaz de Monumentos cheio  
Conservo da jornada, e effeitos d'ella.

Desde que o mundo existe, e eu sou no mundo,

Nunca victorias e triumphos tantos

Eu pude conseguir da especie humana,

Quantos em Lysia consegui co' a entrada

De um bando de ladrões descalços, rotos;

Até da asneira resentida estava

A madre Natureza, encheu de lucto

A carantonha com trovões e chuvas.

Eu tinha preparado a entrada sua,

Que não podia ser mais que obra minha,

Co' a Pedreirada estolidá e vasia,

Que desde a Capital mandava em tudo:

Poucos eram de fóra os bons Juizes

Que meus não fóssem se Pedreiros eram;

Quasi todos por inarca, e por bitola

Eu medi de Manuel Borges Carneiro

Aguazil de Vianna em Alemejo,

Que aos quatro de Gibão Vereadores

Discurso Cicerónico repete,

Que estimo e guardo na redonda lettra.

Estes os Pais da Patria; á Patria abriram

Vastos canaes para a ruína e morte.

Ei-los no barro do Doctor Milagres

Effigiados Generaes observa,

O Gran' Duque Junot, Maneta, e Sucia.

Oh que soberbo grupo em greda fina  
 Da casa do Quintella, e do Bandeira!  
 Que papa fina os capatazes acham!  
 Ve como em roda de Chinez bofete  
 Peruns atacam, Patos atassalham,  
 O Carcavellos, e o Bucellãs fumam,  
 Quando attento copeiro a rolha arranca.  
 Ves Cações de Excellencia e Senhoria?  
 Fazem honras da casa, as honras deixam,  
 Que a opinião foi pôr nas pernas d'ellas.  
 Ve dos Castros os Netos, dos Saldanhas,  
 Beijando o cu dos Histriões da França!  
 Ah! nunca eu tanto conheci quem era!  
 Ólha n'um casco d'Ónagro silvestre  
 Dos Tres-Estados a Sessão gravada;  
 Eu, que Sandice sou, tal não podia  
 Soffrer, levar á cornea paciencia!  
 Que orações, filho meu, que cumprimentos  
 Prepara a Súcua que hade ver Bayonna!  
 Do Barão do Sobral la vai o filho,  
 Que o povo Luso representa todo!  
 O Lettradinho Frota, auctor da Arenga  
 Foi, que o Pastrano recitou contente:  
 — « Eu mestre da aduela um Rei proponho  
 Como os Polacos n'outro tempo tinham;  
 Rei de tirar epôr, Rei de tarracha  
 Se acaso servir bem, sirva no Officio;  
 Se acaso servir mal, quartos na rua:  
 Palmella quer Junot, outros Eugenio. »

Oh Irmandade da borracha e copo ,  
Do milagroso San' Martinho Bispo ,  
Nunca em vossas Sessões tanto se asneia  
Como os Confrades que o Reisingo pedem !  
N'esta pelle de um Burro retratados  
Os Asnos todos ves que até Bayonna  
Foram pedir um Rei , pedir esmola ,  
Depois de feita a Commissão d'asneira.  
Acolá ves um grupo de Fidalgos ,  
Que , sem os obrigarem , se alistaram  
Para o Corso servirem contra a Patria :  
La os ves em Grenoble encurralados ,  
Para instruidos serem , quaes recrutas ;  
Tam ignorantes Béstas elles eram :  
Porém sempre dizendo ( apezar d'isso )  
—«Que mais gostoso lhe era um Heroes servirem ,  
Que ao basbaque, seu Rei, frade de Mafra (1).»  
E isto , porque enforca-los não mandara ,  
Como elles , ja de muito , mereciam.  
Enviados depois á Hespanha foram  
Para conductores e linguas serem  
Dos que so assolar Portugal q'riam.  
E , idiotas taes , e taes tratantes  
São , mais tarde , dos Lusos os Ministros ?...  
Um Dom José do Lavradio em nome.  
E muito mais no amor do vinho d'elle ;  
Que Deputados dous !... Volta meu Asno ,  
Ve n'esta tampa de um bacio a effigie  
Do guerreiro Junot de pe na sala ,

Qual pae (Lagard o diz) entre os seus filhos;  
 Nas mãos *reaes* os osculos recebe:  
 (So lh'os deram Cabrões, lh'os deram Putas;  
 Tambem lh'os dava illuminado Abrantes !)  
 Os parabens do seu Ducado acceita;  
 A Conselheiro do La Garde exalta  
 Reicend o'patifão, chefe de Espias,  
 Policarpo Manuel seu Jornalista.

N'este bispote de meu uso observa  
 Um caso todo meu, digno e famoso.  
 Dom Pedro peregrino o Heroe da peça,  
 Digno pastor de Salvaterra, o tolo;  
 (E o foi por certo, porque foi Vicente)  
 Olha-o no sancto pulpito escanchado,  
 De San' Napoleão prégando a vida,  
 E as virtudes do Sancto achando impressas  
 No grande Imperador, que é de seu nome;  
 Porém não teve por esmola a Forca  
 O eloquente Chrisostomo de merda!  
 Ve n'este cagalhão petrificado  
 Com arte mestra retratado ao vivo  
 Dos tres bons Principaes o Consistorio,  
 C'o braço alçado fulminando raios  
 De excommunhão maior, se alguem nas ventas  
 Dêsse c'um corno dos heroes de Jena,  
 Monumento immortal que é meu, que é d'elles!  
 Se demandados a desculpa embutem,  
 Disfarçados em si fugissem antes,  
 Que quer dizer, se escamugissem Burros.

## CANTO QUINTO.

91

De Potassa gelada ólha estes Bustos ;  
 Da direita Junot, da esquerda Stockler,  
 Sentado o Franco, acororado o Luso,  
 O ar pensante de um profundo sabio,  
 Ou tolo, mostra alvar Naturalista.  
 — « Olhe Vossa Excellencia ( em tom gelado  
 Lhe dizia o Sabujo ) é este o bairro  
 ( E as Pedras negras lhe mostrou c'o dedo )  
 Dos Joões dos Josés, mais das Marias,  
 Gravadinhos ao vivo em metal louro :  
 Aqui pôde cavar que a beta é certa ;  
 Quasi aqui todo o Potosi descança ;  
 Rios do Sena para aqui correram,  
 O Serro-frio e Cata-preta jazem ;  
 Aqui mande cavar Herman mineiro,  
 E mande que Timtim lhe cobre os quintos.  
 Ora va Rua abaixo á Magdalena :  
 Aqui jaz outra mina em terra porca ;  
 Indicio é d'ouro um presuntinho á porta.  
 La vai correndo um fio, e pare aõnde  
 Lhe der o cheiro de bacalhau nas ventas :  
 Aqui acha grãos de ouro, e grãos de carne,  
 Se os quizer apalpar, taludos globos !  
 La vai a veia escorregando á praia ;  
 De ser porta de mina é certo indicio  
 Ter alcofinha de feijões á porta :  
 Entre pilhas de arroz jazem cartuxos.  
 Se for com facho acceso á terrea alcova,  
 E vir enxérga esburacada, apalpe,

Que sobre burras jaz pejudas de ouro.  
 Vire de bordo, venha aos Capellistas,  
 Alguma prata teem, platina muita,  
 Oiro-pel quasi tudo, e talco immenso;  
 Pois nem tudo o que luz na mina é ouro.  
 Vamos ávante farejando as minas,  
 Um repiquete subterraneo faça;  
 Surja de um cano pela Augusta-Rua,  
 Se Chaves, Bastos, Guimarães, Viannas,  
 De môça e quinta em fofas se não mettem,  
 ( Em theatro tambem ) não falha a mina,  
 Mandé depressa que o Timtim cirande,  
 Verá que d'ouro na gamella fica,  
 De lâ vendida, e tosquiados tolos.  
 Nas travessas de um lado, e d'outro lado,  
 Veja se ha terra de Israel, que é certa  
 Colheita de metal, *com que abundança!*  
 Bemdicta terra de Judeus, que é farta!  
 Aonde existe Synagoga ha ouro:  
 Das palhas a travessa aponta o Mappa;  
 Da Tribu de Izacar esta a morada;  
 Não é possivel, não, cavar mui fundo;  
 Teem poucos trastes, roupa de Francezes  
 Os errantes Judeus; mas teem *quatrine*,  
 Estes adoram como um Deus da terra:  
 Não sei se teem razão; mas deu-lhe o sestro  
 Desde o momento que o Bezerro d'ouro  
 Puzeram n'um altar, no cu beijaram.  
 Prosiguã-mos a viaje, ouro busquemos;



So este é d'um Francez Idolo e Nume.  
Por esta encosta do Chiado, as betas  
Grandes e fartas são, pósto que occultas.  
Debaixo de chapeos de agouro e morte  
Onde a *Folhinha* se fabrica e aponta  
Um San' Napoleão de Agosto a quinze,  
Ha ouro em barra, espherica chapinha.  
Não basta so cavar á superficie,  
Que esta mina é manhosa, e tem recantos:  
Se não bastar Timtim que cobre o terço,  
Do La Garde nas mãos se entreguem todos,  
Que os ha de espiolhar com mão de mestre.  
Deixemos esta scena; ólha em coquilho  
Duas matronas como as mães dos Gracchos,  
Ambas Cornelias são, Cornelios fazem,  
Anna Felicia, e Madre Catherina;  
Esta do Pinto, do Seabra aquella  
Dignas esposas, d'este reino Harpias;  
Uma em versos cuidando, outra em presentes;  
Ambas cardando pretendentes ocos.  
D'ellas a par verás la outro par;  
Do Mangoalde Rendeiro é uma a filha;  
A outra do Brainer é myrrhada cria;  
Em Italia e Lisboa Cações célebres:  
Á nymphomania ambas tam sujeitas,  
Que até mesmo la uma no Theatro,  
(Sem caso algum fazer dos que a miravam)  
Ao collo do Rendufe se lançou.  
Ólha aqui n'esta lamina de gesso

Da Morcegal Caterva, ordem do dia  
 Do novo General Luso-Britano;  
 De meia lingua os Batalhões mandando,  
 Onde nem todo Inglez, nem Luso todo,  
 Mas tolo estreme, se nos mostra o tolo!  
 Inda mais esta nos annaes da Asneira,  
 Depois das luminarias, e dos chuços,  
 Á gran' Lisboa guardadinha estava!  
 Menos foram do Egypto antigas pragas,  
 Ja faltam cornos que metter na bocal!!  
 N'este craneo de um Burro ólha esculpida  
 A Juncta toda da Vaccina immunda:  
 Na testa Mello, e Franco, e nas queixadas  
 Escarranchado Bernardino guincha.  
 De ranhosas crianças um cardume  
 Alli berrando está, porque a lanceta  
 Ja lhe anticipa o contingente achaque,  
 Que nem a todos Natureza impinge,  
 Nem leva a todos bexigal contagio.  
 Ah! quem podera nos costados d'elles  
 Inocular-lhes putrida maligna!  
 E dizer-lhe — «que é bom, porque as malignas  
 Não tornam mais, se uma maligna veio  
 Com arte medical jazer no corpo!»  
 O Secretario da Vaccina envia  
 Aos mata-sanos o Diploma horrendo  
 Que o negro Pus nas gerações espalhe:  
 Se o Bispo chrisma, vaccinando chrisme;  
 E se o Cura prégar, prégue a Vaccina;

Té na taverna o Bacalhau se venda  
 Com mólho de Vaccina; os Jornalistas  
 Todos, todos a fluz Vaccina empurrem:  
 Vaccine o José Pedro as luminarias,  
 Talvez não pegue o moedor contagio:  
 Levante-se um Commum no Parlamento,  
 — « Que quer Cerveja vaccinada » (grite).  
 Vaccina é dom do ceo, Vaccina é tudo:  
 De Londres, de Paris, e de Lauzanna  
 Vém, té do Inferno, escriptos de Vaccina:  
 E vaccinem no Porto até mulheres;  
 E ja co' a Sancta-Unção triste o doente,  
 A não ter sido vaccinado, engula,  
 Linda que seja em pirulas, Vaccina;  
 Não passe sem Vaccina á Eternidade  
 D'este trimestre o Secretario o manda!  
 O tempo vai correndo ó filho, e a noite  
 Quasi cedendo á luz seu manto enrola;  
 Muito tens visto ja, muito te resta:  
 M'numentos nacionaes mostrar-te vou,  
 E o quanto hoje macacos são os Lusos.  
 Observa uma Regencia, e os que a compoem:  
 É o Souto Maior, Carvalho escriba;  
 E, o synonymo d'Asno, Frade Bento;  
 É o servo do Junot, Conde San' Paio;  
 A orelhuda Bêsta do Brancamp,  
 E o célebre Francisco Maximiano,  
 So, porque avantal, taes Burros cingem.  
 A Camara alli stá preparatoria

Aonde os Jumentões váres de Lysia.  
 Assentado acolá tens o Congresso,  
 Em o qual ha Brissots no Pedantismo.  
 Aquella nau que ves n'aquelle quadro,  
 De João sexto, a chegada, a Lysia indica:  
 Aquelles que na popa descortinas,  
 Um dos Regentes é, e um Secretario,  
 O Conde de San' Paio, e o Maximiano:  
 Ambos scollhidos foram pelas Córtes  
 Para serem d'El Rei os carcereiros,  
 Ao desembarque oppondo-se, no dia  
 Proprio, em que elle chegou; não obstante  
 Ser ainda mui cêdo, ou vir molesta  
 De tam longa viaje a Real Familia.  
 Este so, da Convenção, passo tam digno,  
 Chorar me fez de gôsto, vendo o óptimo  
 Princípio, que levava a minha Corja,  
 E stupidos ficando os Lusos todos!  
 Alli á *Comissão de Saúde Pública*,  
 Que Robespierre dominava outrora,  
 Subsistuida verás da *Constituição*  
 A *Comissão*, que o Fernandes presidia,  
 Conseguir pretendendo, so com ella,  
 O que o outro, com aquella, executara:  
 Ahi do Luso Povo o bem invoca,  
 Quando, unicos, seus fins obter cuidava;  
 Qual ja o Mestre Robespierre fizera;  
 Pois morte dando ao Povo o incensava.  
 Um Lettrado alli tens tambem Danton,

## CANTO QUINTO.

97

É o Ferreira Borges peralvilho,  
 Que, bem como elle, sem gravata andava;  
 E o qual, se ao Fernandes immolado,  
 Como o primeiro a Robespierre, não fóra,  
 Na seguinte eleição elle não entrara.  
 Um Barraz alli ves, um Robespierre,  
 Que, se á Guilhotina o Rei não enviaram,  
 Foi porque d'elle obetiveram tudo:  
 Se mortes, quaes os Mestres, não faziam,  
 Nem ávidos de sangue se mostravam,  
 Era porque disposta não acharam  
 Toda a majoridade da Nação  
 A se regenerar ás bordoadas;  
 E que os Conscriptos Padres preferiam  
 Antes bolsas encher que cemiterios.  
 Se os Mestres, San' Domingos (2) sublevaram,  
 Tambem nossos Heroes Brasil perderam.  
 Se a França, de tripeiros e lacaios  
 Embaixadores fez e Generaes,  
 Tambem Lysia tendeiros, peralvilhos  
 Em Plenipotenciarios transformou.  
 O Marat eis dos Lusos, e é o Moura,  
 Que, quando bem tudo ia, um Catão era,  
 E que o Diabo fallava, gaguejando;  
 Mas, que da Cria, desmaiou no enterro.  
 Fouquieres verás, Peres, Duchesnes,  
 Gobels, e outros apóstatas chapados;  
 Verás, enfim, por tudo macaquice;  
 Mas, o que elles queriam, era comer.

Em Hespanha eu então stava entretida  
 Às Côrtes dos Caragos presidindo;  
 Eis o porque animar não pude a Corja,  
 Que as mais bellas esperanças dava:  
 Quantas vezes me não molhei de gôsto  
 Co' as moções burricaeas que então faziam,  
 Como, entre outras, a do Soares Franco  
 P'ra-a creação da *benemerita ordem*;  
 Lembrança qu'escapou aos Sandeus Francos!  
 Da Facção os Ministros tens ao lado,  
 A distincção, entre elles, merecendo  
 O ex-professor tysico de Logica,  
 Ja quando congregado Jacobino  
 Que em nome de El Rei officia  
 Em Londres, p'ra ceder o throno aos Trolhas;  
 Mas travêssô Rapaz aguou tudo;  
 Rapaz, que da Sandice é o flagello.

Agora o penhor último de affecto,  
 De amor e se te dou por despedida.  
 Vem ver o Gabinete onde eu trabalho,  
 Logar d'onde atirei comigo ao mundo  
 Desde que ha Réis, Republicas com Doges,  
 Logar d'onde entornei na França a asneira,  
 Que inda hoje por la prospéra e medra,  
 Onde tenho o bispote, e d'onde mando  
 De trampa a Portugal a dose immensa,  
 Desde que a turba Pedreira se alçara  
 Fazendo da Gazeta unico estudo.

Do cabresto lhe pucha, anda o Jumento

Atrás da mãe com costumado choto.  
 No meio do Palacio escura estancia  
 A Divindade estolida tem pôsto.  
 Á entrada estão de marmore dous Burros:  
 Entre as orelhas teem como pennachos  
*Investigador, Times, e Sovêla:*  
 Dous columnas lateraes em cima  
 Dous incios corpos teem de massa ignota,  
 O Rademaker são, e o pintor Cruz.  
 Em dous Bacios se sustenta e pousa  
 Oval um medalhão de alto relêvo,  
 Uma Figura tem que anã se mostra;  
 Emblemas varios tem em toda a roda;  
 São as *Cartas ao Times* dirigidas,  
 E os que, da escravidão, nos fez *Tractados*.  
 — *A convenção secreta c'os Inglezes*  
 (Em baixo diz) Em cima — *Obras do Anão* —  
 Quem o Palmella não conhece em feitos?  
 Abriu-se a porta, e s'encaixaram dentro:  
 A gran'cadeira da Sandice estava  
 Na meza, em que medita uma Gazeta,  
 E na parede o Conde de Palmella!!!  
 Abre a boca de palmo o vil Javardo,  
 O Gabinete da Sandice vendo,  
 E, mais que tudo, embirra no Palmella:  
 A mãe, que o Burro viu de orelhas froxas,  
 E os quatro beiços seus postos nos rizes,  
 Signaes de pasmaceira, assim lhe exclama:  
 — « Causa-te assombro, ó filho, este retrato?

É meu maior braço não por Ministro;  
O Canning o pediu, sstem-no Canning;  
Patifaria elle ha deixado incerta ;  
Ja, na dos Francos invasão, salvando-se;  
Ja co' esta, hoje dos Anglos, ganhando. »

Disse : ao gaznate do Sandeu lançando  
Robusta e longa mão , nos ares voa ,  
E mansamente foi a pés e pélla  
O Javardo outra vez pôr na posilga :  
Inda o deixou dormir, foi-se , e sumiu-se.  
Entre silencio e escuridão profunda  
Cuidou no prémio que aos Heroes destina.

FIM DO QUINTO CANTO.



## CANTO SEXTO.

*A Transformação.*

Em quanto os Asneirões a pança enchiam  
De vinho carrascão, de podres ostras,  
Nunca os deixara a mãe, bemque o Javardo  
A seus passos levou: d'ella foi obra  
Do gran' Palmella o traçadinho plano  
Que ella, ha muito, realizar cuidava,  
A todos dando o merecido prémio,  
Digno d'altos Heroes, columnas suas,  
E de seu throno firmes alicerces.  
Vai agora ajunctar profundos Genios,  
Que espalhados mandou correr Lisboa,  
Qual foi de Bonaparte antiga usança,  
Quando empolgar queria algum Estado,  
Introduzir o enxame de farrapos,  
Que nos veio trazer miseria e fome,  
Encaixar de antemão Pedreiros altos,  
Que os mais honrados animos corrompam,  
Que futuros brilhantes promettendo,

Os pulsos vão dispondo aos duros ferros;  
 Tal Sandice comsigo os Genios trouxe,  
 Que ao despenho fatal levaram França,  
 Dando em vasa-barriz co' as Artes todas,  
 E que o fulgor da antiga Academia  
 Na trampa do Instituto converteram.  
 Os Sabios em Farcistas se mudaram,  
 E os paes da Poesia, os paes da Scena,  
 Boileau, Corneille, Crébillon, Racine,  
 Em Fabre d'Églantine se transformam;  
 É do Liceu-Central Picar o Mestre!

Á conquista mandou dos Portuguezes,  
 Assinalou-lhe os póstos, e ficaram  
 Ja senhores do campo, e da victoria;  
 E quer Sandice organizar o reino  
 Em tres minutos, qual Junot fizera,  
 Com Ministro dos Cultos e Finanças,  
 Intendente d'Archivos, e das Mattas;  
 E, transformado em A' Court Junot sendo,  
 Torne a ter Portugal logar no Globo;  
 E se Hérman, ou La Garde ora, não temos,  
 Possuímos Brancamp, e o Xavier Candido;  
 E se nós Lusos o Brasil perdemos,  
 Porque assim nossos protectores querem,  
 Uma *Carta* possuímos e duas *Camaras*,  
 Da Hispanica influencia tambem livres.  
 Assim formava o Reino, assim Sandice  
 As bases lança do seu vasto Imperio,  
 Dando aos Genios que trouxe emprêgo e estado,

Querendo que os que mais Junot serviram,  
Tambem sirvam A' Court, e Canning sirvam.  
Araújo, Cabral, Gravito, e Castro,  
O Jumento dos Bentos, dos Synonymos,  
E o Sotaina Abrantes Mor-Eunucho,  
Do Conselho d'Estado sejam todos:  
O Trigoso ja o é, e outros muitos;  
Pedro de Mello Brainer, o Palmella,  
E tudo o que mais ha de sevandija  
Quer por força que empregados sejam,  
So, porque além de Bêstas, são Tratantes:  
Quer que nas Eleições s'escolham Nobres;  
Mas so Nobres bastardos e pedantes,  
Taes como um Saldanha, ou um Almeida,  
E o gran' velhaco Conde de San' Paio;  
Isto, para impôr á Burrical turba.  
Ao conhecido apito accodem todos  
Co' a mesma promptidão com que em Theatro  
Os carpinteiros bastidores mudam.

Não mui longe onde Aguas-livres nascem,  
Enorme casarão deserto existe;  
Entre as velhas do paiz é fama antiga,  
Que um, que do Pará volvera, Bode,  
Vinte e seis cornos retorcidos tendo,  
Alli viera parar, e alli ficara.  
É fama que em cardume as Bruxas todas,  
C'o Bode mestre Synagoga tinham,  
Todas, uma por uma, indo bem pagas;  
Mas ficando alfim prenhe a Superior.

Neste palacio pois, digno das Fadas,  
 Fez profundas Sessões, traçou seus planos  
 Quadrupe de Ministerio de Lisboa;  
 Todos quatro manhosas alimarias:  
 Um ja vendido a Patria tendo ao Corso,  
 E a casaca depois mudado ao mesmo;  
 Outro, que tanto para um novo Rei,  
 O req'rimento promovido havia;  
 Mas que, depois, de Vienna no Congresso,  
 P'ra a extincção do Corso, foi da Sucia,  
 Porque ja a esse tempo Albion pagava:  
 Aquell'outro o Maçonico Patricio,  
 E o, finalmente, dos Bretões Caixeiro.  
 D'esta Sñcia tambem era o Rendufe,  
 A quem Sandice, sem olhar a gastos,  
 Fazia de noite vir, com mudas oito,  
 Para mais impôr, melhor do Bode  
 E das Bruxas o tesão servir, e o cio;  
 Por companheiro tendo uma das Bêstas  
 José Vas, ou Vasconcellos Brigadeiro.  
 Sandice este local ainda escolhe,  
 Porque allj grandes cousas se passaram:  
 La a Corja, e'o Stuart, ao Rei extorquem  
 A, do Throno, e do Reino, espoliação,  
 Com que, ao infeliz Monarcha, a morte deram.  
 Aqui pois n'um Salão assás immundo,  
 Onde amos, amas, e os criados mijam,  
 E onde, para a meza o jantar indo,  
 Bispote encontra, que á janella vasam,

Subito á voz imperiosa surgem  
Os Genios d'asneita e tratantice :  
Fez-lhe aceno a mãesinha , e se assentaram.  
Na Poltrona maior Sandice estava,  
Ergue a voz de um Courão, berrou dest'arte :  
— « Filhos d'esta barriga , onde anno e dia,  
Quaes os Burros vegetam , vegetastes ,  
Dai conta do que vistes , e do estado  
Da minha e vossa capital dai conta.»  
Do Congresso de Vienna o carrapato  
Fallador sempiterno , assim começa :  
— « Ó mãe alambazada , ó mãe roliça ,  
De Lisboa a conquista era ja nossa ,  
Mas tudo hoje transtornado vejo;  
O Rapaz , que d'aqui sahir fizemos,  
Começa a dar-nos que fazer; á lerta !  
É preciso que a mãe , e os Burros todos  
Os podêres me deem illimitados,  
Para que aos nossos Socios orelhudos,  
Tanto de França , d'Austria , d'Albion tanto,  
Os asnaticos planos communique ,  
Que a Burrical Sucia hoje medita.  
A maior guerra , meus amigos, crede  
Que , com fructo , fazer-lhe hoje possamos ,  
É declarar á Irmandade toda ,  
Que nem é Trolha , nem amigo d'ella;  
E para que nem mesmo se suspeite  
Fôra d'Eunuchos , e Serralho victima ,  
É preciso faze-lo um regicida.

Se em outro tempo o assassino Abrantes,  
 Que transplantado no Tamisa fôra  
 De Lysia á custa, la dizendo d'ella  
 Cobras, Lagartos, maldição e raios,  
 Os planos meus, á risca, assoalhava,  
 E so de Lançarote, ora servindo,  
 Com nossa utilidade, emprêgo exerce,  
 Burro e Burro alvar em Lóndres temos,  
 Que, qual o Abrantes, de perjuro ha feito,  
 E tambem, como elle, é bem pago:  
 Este, no seu enosso Padre Amaro,  
 Todas quantas asneiras produzirem  
 Os Trolbas jumentões, enxirirá.  
 Se em Londres *Investigador* não temos,  
 Dinheiro existe p'ra comprar o *Times*,  
 E todos quantos no Tamisa escrevem:  
 O Canning mesmo, ja de muito, é nosso:  
 Não, não ha Burro que mais alto orneje;  
 E, qual outrora a protecção do Corso,  
 Será hoje tambem a do novo Eólo.  
 Se não temos em França *Annaes fedentes* (1),  
 Ou, da Sandice mãe, *Contemporaneo*,  
*Constitucional*, *Correio*, do *Commercio*,  
 E dos *Debates* o Jornal são nossos:  
 Tudo que na *Minerva* parte tinha  
 Benjamin, Étienne, e a Corja toda  
 Da Sucia Pedreiral, é partidista:  
 Que mais nos falta ó mãe? Não foi d'esta arte  
 O nosso Imperio confirmado em França?

Os *Papeis-periodicos* conservam  
 Em si virtude de fazerem tolos  
 Os, n'outro tempo, portentosos Lusos. »  
 — « Ah! não teriam dobradiça orelha,  
 Se aos *Papeis-periodicos* so dados  
 Eu os podera descobrir ( bradava  
 Das tediosas traducções o Genio )  
 Quadrupedante turba de Jumentos,  
 Suada a orelha, o lombo em carne viva,  
 Cangalhas e ceirões de livros trazem;  
 Atrás o Burro traductor caminha:  
 Desde o triste Academico vasio,  
 Até a um vérmes cirzidor de trovas,  
 Tudo traduz, traduz, traduz e véрте.  
 Traducções tambem faz Pedro de Souza,  
 Do Calhariz pygmatica trampinha;  
 Como em Roma nasceu, e é bastardo,  
 Emporçalhar quiz os Lusos classicos,  
 Em pessimo Francez Camões vertendo;  
 Tal a mania é da Burra especie,  
 Pretender explicar aos Estrangeiros  
 O que elle mesmo traductor não sabe.  
 Em perfeito lethargo o Gôsto existe,  
 Coripheus, sabichões, traduzem, vertem;  
 N'isto se escoa, e se consome a idade:  
 Estudo é traduzir, verter ingenho;  
 Até de Castelhana os Livros gordos,  
 Eu não sei para que, tambem se vertem;  
 O mesmo Reino traduzido existe,

Não é original, verteu-se todo :  
 A lingua um tempo pura, agora é porca,  
 Mascavado *jargão*, que não s'intende :  
 Tinha os costumes sãos; mas traduziu-se  
 Em Loulés, Palmellas, Villas-Flor, e os mais  
 Por quem chora o Garrote, e a Forca berra.

Depois que eu dominei, ( tornava ufano  
 O Genio Pedreiral ) eu nos abysmos  
 C'os Costumes preguei, preguei co'as Lettras :  
 Eu fiz dos Lusos toleirões malvados.  
 Com ar sombrio e estúpido caminha  
 Ingente turba de Sandeus Mondegos,  
 Que debaixo da borla asneiras guardam,  
 Com que planos politicos traçando  
 A Seita a que prezido inda dilatam;  
 Ella nos corações véрте a maldade,  
 E de tolice dessorados deixo  
 Sempre em lastro volcanicos miolos.  
 Eu treze Lojas em Lisboa tinha;  
 E tinha a Loja mãe, d'onde surdira  
 A turba que apupada ás vélas dera  
 A ver o gran' Castello, onde algum dia  
 Vegetar se mandou o Sexto Afonso.  
 Depois que em Lysia levantei meu throno  
 Da terra afugentei Vergonha e Lettras:  
 A Cartilha se leu de Bonaparte;  
 Opprimir e roubar, este o talento,  
 Que intentei dar aos nobres Lusitanos.  
 Eu presidia á Loja dos Vicentes;



Huet, o gran' Chanfana, o gran' Loretto,  
 Leitores eram meus: oh! que discursos  
 De Fradesca eloquencia eu lh'escutava!  
 Que facundos Demósthènes d'asneira!  
 Que provas d'igualdade, e de miseria,  
 A que eu procuro reduzir o Mundo!  
 Com que vontade eu fiz que recebessem  
 Os Protectores inclytos da Terra!  
 Que prazer, minha mãe, no rosto eu via  
 De cada papelão Frade Vicente  
 No dia em que pediu milhões quarenta  
 Da fresca Abrantes Duque Esganarello!  
 Que Vicentes, oh mãe! co'as Lettras deram  
 Dentro em vasa-barriz: ó mãe, que Frades!  
 Um so Vicente que nos reste, existem  
 N'elle dous animaes—*Pedreiro e Burro*—  
 Da Fradaria a jumental Caterva  
 Tam alto não zurrrou como os Vicentes:  
 Se entra o *grande Junot* vendem a péso  
 A luminosa Ordenação do Reino;  
 Se os Francezes se vão, compram Fragatas,  
 Com que a si Burros paes, Pedreiros mestres,  
 Na requestada America se salvem,  
 E la vão transplantar bazofia e trolha.  
 Tambem faz sucia do Lacerda a Cria;  
 Maiormente depois que o Pae e Barradas,  
 Da Sé da Guarda o fizeram Conego:  
 Parente algum não bouve, ou *ser dourado*,  
 Que de Pedreiros taes não conseguissem

Qualquer logar, e até sobrevivencias;  
 Chegando a tal o seu descaramento,  
 De, a Londres, fazer ir o Irmão Thomé  
 Para delapidar as Lusas Tropas  
 Do que lhes tinha bem e bem custado;  
 O Bulhões não esquecendo ao Barradas:  
 Tal o patriotismo é d'esta gente,  
 Quando nos logares stão e la se acham!  
 No Grego Botequim tenho um palacio,  
 Que no Caes-do-Sodré cem portas abre,  
 Por onde os Tolos vém, Bebados surdem:  
 D'alli novas fataes Pedreiros lançam;  
 Alli se fórma exército potente  
 De cabouqueiros mil, d'enxofre e ferro,  
 Que Canning expedir faz da Ilha d'Álbion,  
 A testa d'elles vem, restaura a trolha,  
 E logo, para os Tórys trahir, volta.»  
 Dos Membros Academicos a conta  
 Aqui chegava ja, e a mãe Sandice  
 Por entre as pernas se babava toda  
 De gósto, e de prazer, vendo os progressos  
 De seu Imperio, da influencia sua:  
 Nada mais quiz ouvir. E vendo a Lysia  
 Povoada de estolidos Jumentos,  
 Vendo turba infinita de Pedreiros,  
 Por quem braga e galés de balde choram;  
 Vendo atulhados Botequins de tollos,  
 Cuja vida é so ponche, é so Gazeta;  
 Vendo as ruas, as praças, e as tavernas

De infindas traducções abarrotadas;  
 E vendo a Corja do Sandeu Javardo,  
 Do vasto Imperio seu firme columna,  
 Ir incansavel batalhando sempre  
 Aos couces na Razão, Sabença e Gôsto;  
 E o verdadeiro exército das trevas  
 Trazendo a Lysia a noite da ignorancia;  
 (Mas so elles se dizem sclarecidos,  
 Os mais todos são cegos e profanos )  
 E vendo quasi a magra Academia  
 Como arquejando c'os ilhaes na areia,  
 Toda empregada em planos de batatas,  
 E nos legumes militar *étape*,  
 Que encham de vento a Lusitana tropa;  
 Vendo a sciencia reduzida a zero,  
 E universal emprêgo dos talentos  
 Vaccina de manhã, Vaccina á tarde,  
 Com Vaccina ao jantar, Vaccina á ceia;  
 Vendo que Conselheiros são d'Estado  
 Silvestre o patifão, Brainer o trêdo,  
 O Candido alveitar, Sotaina Abrantes,  
 O charlatão e apóstata Trigoso,  
 No Serralho e compasso todos mestres,  
 Que é o que destingue os Lusos hoje;  
 Como Cesar bradou, bradava ufana:  
 —Eu *vim, vi, e venci*; são meus os Lusos! —  
 Vós, (aos Genios bradou) vós formais todos  
 Alli meu vasto Imperio, ergueis meu Throno:  
 De meu podêr comvosco hoje pretendo

Mostrar a Lysia que sem Canning é nada ;  
 Que se a vinha , e os pomares cavámos ,  
 E , o que o Pombal creara , destruimos ,  
 Chitas , espelhos e batatas temos :  
 Que se ao tímido Rei o salariado  
 Ministro , aos Bretões vendido em Londres ,  
 Quanto ordenava Álbion , extorquia ,  
 Hoje de Burros haverá Congresso ,  
 Para , infamia dos Lusos , servir Canning ;  
 Burros que a sua scavidão confirmem ,  
 As chaves entregando-lhes dos Fortes ;  
 Que as Burras pelos Bifes montar deixem ;  
 E , que antes mesmo que na relva pastem ,  
 N'ella mijem Inglezes , n'ella caguem .  
 Não pôde ( Ovidio o diz ) Neptuno um dia  
 Co' a pancada do mádido Tridente  
 Fazer sahir da Terra um bom Cavallo ?  
 Não são as Béstas produções dos Numes ?  
 Eu Divindade universal da Terra ,  
 Desde que em povo os homens se ajunctaram ,  
 Não sou principio das asneiras suas ?  
 Quem os conduz ao Campo , e á morte os leva ?  
 Quem Politicos faz , e os faz Poetas ?  
 Quem compõe Periódicos no Mundo ?  
 Quem das Conquistas o furor atiza ?  
 Quem nova trampa , e Carta deu aos Lusos ?  
 Quem Ladrões Pares do Reino ha chamado ?  
 Quem Ministro fez Trigoso , e o Brancamp ?  
 E aquelle tam bazofio arganzaz Candido ,

Da Patria o maior tratante e escandalo?  
 Quem no Caes-do-Sodré rebanha os tolos?  
 Quem fez julgar que os Bodes Congregados,  
 Porque a Folhinha dão de reza e porta,  
 Porque entortando estúpida cabeça,  
 Sejam vastos Lyceus das lettras todas?  
 Quem foi que ás Côrtes assistiu de Cadix?  
 E ao Tio succedeu Orang-outango?  
 Quem nos Tractados permittiu aos Anglos  
 Que em alto mar papeis nos visitassem?  
 Quem na *Minerva*, e *Times* escrevia?  
 A sã rotina do Pombal mudou  
 E a dos Lusos, extinguiu indústria?  
 Quem mandou a Paris Embaixador  
 O que, mais que ninguem, o cu beijava  
 A Junot, a La Gard, e a Futres outros?  
 Dizei não são religiosas Béstas,  
 De Arroios o Prior, Prior dos Anjos,  
 Veneravel da Loja-da-Concordia,  
 Das Putas d'alquiler Ministro e Guarda?  
 Dizei não são propagandistas Burros  
 O Rocha, o Wanzeller, Carvalho, ou Annes  
 O traductor de Tacito não visto,  
 Doctor dos Grillos, Thomarista agora?  
 Póde haver, existir, pastar na terra  
 Burro maior que o Historiador Acurso?  
 Não é Burro immensissimo o Bayard,  
 Que ao Corso remetteu modelo exacto  
 Dos ligeiros Barquinhos de Oleado,

Que Heroes conduzam de Bolonha ás Dunas,  
 E arvorem no Tamisa a Passarola;  
 Que em prémio recebeu caixa e ratrato  
 Do Carrapato Gengiskan cornude? »  
 Disse, e muda ficou; mas abaixando  
 Um pouco á terra a estolida viseira,  
 Deixou cahir as languidas orelhas:  
 Por entre os dentes murmurando, escuras  
 Magicas vozes que escutara aos Fados,  
 Remuge emtórno o ar, de espessas nuvens  
 Mais e mais se encapota a horrenda noite;  
 Uivam todos os Cães dos Bairros todos:  
 Como ajustadas porcas cuzinheiras  
 Todas a um tempo subito lançaram  
 Aboboradas podres caldeiradas;  
 Qual o Diabo-Coxo á voz potente  
 Se levantaram subito os telhados,  
 E se viram reconditas alcovas:  
 Mais poderosa que os Diabos todos,  
 Mandou Sandice, e elevou n'um ponto  
 Desde a immunda posilga o vil Javardo;  
 Os socios todos do Sandeu voaram;  
 E como Astolpho ao concavo da Lua,  
 Dos Botequins ao Casarão vieram  
 Quantos Doctores Gazetaes dormiam:  
 Vem da Terceira o bando tenebroso  
 De mitra, d'avantal, compasso e trolha.  
 Tal o poder da voz da mãe Sandice,  
 Que, quanto é Burro, em Portugal, lhe accode:

Em Sé nenhuma os Conegos ficaram;  
 Véem Medicos, e vem o Burro Abrantes;  
 Véem estanqueiros Judeus, véem os Campos,  
 Dos Tribunaes véem Bêstas, e véem Becas;  
 San' Paulo, e Pedro, Militares mandam  
 Collegios tres, os Burricas alumnos;  
 Innumeraveis Papelões de farda;  
 Tudo, enfim, que compasso e trolha tem,  
 E que do Burro Mestre o cio affaga,  
 Sem freio e cilhas ao Congresso correm;  
 E correios s'expedem ao Estrangeiro,  
 P'ra que os Burros, que no almargem andam,  
 Para seus postos, o mais breve, venham:  
 Tambem ás Ilhas se despacha um proprio  
 Para, ao Doctor Vicente (2), se intimar  
 Dos zurros burricas Redactor seja:  
 Mas quer tambem, e manda a mãe Sandice,  
 Que duas estrebarias separadas  
 P'ra as Sessões burricas logo se formem;  
 Para os Burros de raça uma mais alta;  
 E p'ra os damnhinhos Burros outra rasa;  
 E que os Jumentos de cabresto a esperem,  
 Em quanto d'os da raça á Sessão assiste.

Como Sandice promettido havia  
 De dar mostra de si, quando passasse  
 P'ra a abertura das Secções asnaticas,  
 Ás Bêstas todas da cidade nova,  
 Dos Fanqueiros, Augusta, e Algibebes,  
 Dos Capellistas, da Prata e do Ouro as ruas

Juncadas de cevada e feno estavam:  
 Entre zurros todo este bairro corre,  
 E do Rocio ao Palacio logo chega,  
 Onde á espera d'ella tudo estando,  
 Nas ancas, para a grande sala, a levam,  
 E cada um, por sua ordem, vai seguindo-a,  
 Seus logares competentes occupando.  
 Dos Jumentos a mãe estava, e Dcusa  
 N'um throno ricamente trabalhado  
 De cascos burricaes tam bem pulidos,  
 Que corno transparente parecia,  
 E de Orelhas de Burro, no ar, por cordas  
 Do gran' *Midas* ao cu suspenso estava  
 Em, o da sala tope, rubro Asno  
 Com mitra na cabeça e orelhas quatro.  
 No banco dos Tratantes, e dos Souzas  
 Á direita o Roivido Bugio  
 S'avista primogenito velhaco,  
 Que de General mono, outrora sendo  
 Em grande Diplomatico mudado,  
 E, em segredo, de Turim expulso,  
 Dous Asneirões de marea la deixara,  
 Porque assim o pygmeu Cunhado qu'ria;  
 A Paris de passage espiar fôra  
 P'ra serviços fazer á Irmandade.  
 Seguia-se-lhe o José Mathens Morgado,  
 Que os Lusos aos Bretões tambem veudera,  
 E, da Constituição, o Conde, e Cria;  
 E a banqueta tambem dos Ladrões nobres,



## CANTO SEXTO.

117

Que tanto ornejavam na Assembleia ;  
De San' Miguel o Conde , que na França  
Particulares roubava , e ao Góvêrno ;  
E que , se não voltasse o Attila Corso ,  
A cabeça o carrasco lhe arrancara .  
E juncto d'elle o Coronel (3) e Conde ,  
Que do primeiro regimento a caixa  
E os caixões empalmara tam bizarro :  
Depois o banco dos mitrados Burros  
Aonde *Tayllerands e Pradts* estavam :  
Seguiam-se os Burrinhos , que em pinotes ,  
Em couces e ornejar se distinguiam ,  
Da Ponte , e Lumiâres dignos Junentos .  
Feitas , do uso , todas as cerimoniaes ,  
E a tarefa a cada um designada ,  
Assim como , do zurrar , modo , e tempo ,  
Ao grande som de couces e patadas ,  
Levantado o vermelho Burro , disse :  
— « Dignissimas Bêstas Pares do Reino ,  
Longo tempo ha ja que nós soffremos  
O não despedir couces , nem orneios :  
Dos Burros a destineção das boas raças  
Muito ha , que em Portugal , se não fazia ;  
Mesclavam-se os filhos d'Egoa , e Burra .  
A grande casta dos Francezes Burros  
Que a Revolução tanto adjudaram ,  
Pelos Burros ordinarios e plebeus  
Espancados e *massacrados* (4) foram :  
Desde então burricaes e dignos Pares ,

Tem, dos Asnos de Dom, a grande raça  
Em esquecimento e oppressão estado.  
Com mágoa era profunda, e gran' tristeza,  
(Razão porqu'os Burros se diziam tristes)  
Que os nossos burricaes direitos via-mos  
Ultrajados de todo, e esquecidos;  
Pois macacos e monos attentava-mos  
Reconhecidos ser com Parlammentos,  
Sendo, aliás, tam ligeiros e volantes;  
E nós outros, por natureza, Béstas  
Pensativos, meditabundos, ser-mos  
Condemnados a levar, e a dar couces,  
E a puxados ser por um cabresto:  
Certo é que a teima nossa nos perdia,  
Pois que os Nicos, muito ha, eram Mações;  
E nós nunca de Burros sahir qr'endo:  
Os Álbinos Cavallos, que são girios,  
Desejando tirar dos Monos lucro,  
Em affaga-los e vestir cuidaram,  
Constituição e Rei subministrando-lhe;  
E para indemnisar a perda nossa  
(Tam justos elles são è providentes)  
Constituidos á sua guisa fômos;  
Camaras tambem alta e baixa tendo,  
Mas, como Burros, d'elles lei nos venha,  
E que, a cavallos ser, nunca aspiremos:  
A Canning é a quem devemos tudo,  
E quem tam ricamente nos albarda;  
Os que, ja démos, couces, obra é sua;

## CANTO SEXTO.

119

Com elles, não ha muito, um Rei matámos;  
E Sandice e intemp'rança hoje entretemos;  
Mas elle exige que de raça Burro  
O character manhoso conservemos:  
Que, ao mais leve signal d'espóra e látego,  
Os couces e pinotes prestes ténhamos;  
Quer mesmo, que do Archanjo so á ideia,  
Altissimos pinotes, couces dêmos.  
Porque, se elle o Diabo ha subplantado,  
Muito mais facil domará os Burros;  
Visto que Burro algum quer sem cabresto,  
Nem que em serviço choutem, ou ornejem;  
Forçoso é logo obedecer-lhe em tudo:  
Pois, de França a Guillhotina, talvez faça  
Assim, um dia, entre nós, progressos,  
Republicas, Imperios, tambem tendo.  
Titulos temos ja de toda a laia,  
Quaes em França tambem agora existem:  
A não serem Mações, e a mãe Sandice,  
Cardeal eu não fôra, ou Par Botelho.  
Tam custoso não é, como antes, hoje  
Codigos tecer, ornear em Côrtes;  
E bemque o Povô em nós se não confie,  
Em nada receiámos seus Agentes;  
Pois, como a nós, governa-os Canning.  
Nem João segundo, ou Pedro o Justiceiro,  
Causar nos poderão hoje cuidado:  
Crime era outrora a influencia estranha,  
E hoje estranhos são quem nos domina,

Quem ao Rei, e Cria nossa, também regem :  
 — Seja comer, zurrar, nossa divisa. » —

A turba Burrical applaude toda,  
 E fecham a Sessão a zurros, couces.

Mui gostosa, com isto, a mãe Sandice  
 Ao Terreiro-do-Paço s'encaminha,  
 E la juncto da arcada immunda e fetida  
 Onde, outro tempo, seu Imperio fôra,  
 E hoje a Burrical caterva zurra,  
 O costumado signal c'o apito faz,  
 E logo os Burros a galope entraram.  
 No vestib'lo da sala um Busto estava  
 Do sordido Patriarcha o Fernandes,  
 E, qual Mafoma em Meca, suspendido :  
 Este, em virtude do íman, se sustinhu ;  
 Aquelle, pelo ar espesso e fetido,  
 Que a asc'rosa burrical chusma lançava.  
 Sentados, la no fim da sala, estavam  
 Dous Jumentos de carga juncto á meza,  
 E, um pouco mais alto, em meio d'elles,  
 Com meios atáfaes um negro Burro,  
 Que de Roma, *obrepticios*, vindo tinham :  
 Barro, do qual as manchas, vistas sendo,  
 P'ra a nora da Batalha o enviaram ;  
 Mas, buscá-lo hi foi o *architecto* Stúart,  
 Para dos Asnos restáurar o Templo :  
 Para um e outro lado os olhos pondo,  
 Burros novos e velhos la se viam ;  
 Os quaes, contra o Brasil, contra o seu Chefe,

## CANTO SEXTO.

121

Altamente zurrado, outrora, tinham,  
So porque expor-se aos couces não queriam;  
Mas ventas e fucinbo hoje alargando,  
Monumentos ao som de couces votam,  
Como em França, outro tempo, ao Rei fizeram,  
Antes de á Guilhotina o conduzirem.  
O'gran' Borges, que mais então zurrava,  
E ao Principe mais couces despedia,  
Hoje, mais pertinaz, n'isto era, que outros.  
Entre a récua dos Asnos velhos, via-se  
O, das Ilhas gran' Burro, Bentencourt,  
Que, ao Amigo, furtara, outrora, a Burra (5):  
Via-se o desnarigado, tambem, Medico,  
Que escrúpulo não tem de envenenar:  
Das Hilariás se via o tal sobrinho (6),  
Que, de Mor-Asno, que dos Francos fôra,  
Para Burro dos Álbinos passara:  
Via-se das N'cessidades o Jumento,  
Ao qual sempre a mãe d'ólho trouxera  
Dês qu'elle no Mondego couceara,  
E que a galope p'ra Berlin fugira:  
Elle, depois de pretender co'a Sucia,  
Com Lisboa e Brasil dar em Pantana,  
Para o Sena pastar mandado fôra.  
Burros de Trás-os-Montes se notavam,  
Burros velhos, e na malícia Zorras.  
Do Lavradio, tambem, via-se o Asniinho,  
Que la no Sena co' a Franceza andava,  
E que hoje do A' Court o rabo sêgue:

Via-se o Burro arganaz, o magro Feio,  
 Que na França tambem versões fizera,  
 E que hoje embirra em jumental Republica.  
 O Barrasco Castello-Branco via-se,  
 Que no Rocio queimar mandava a gente;  
 Mas em casa mui bem reproduzia-a.  
 O Mozinho Asno estava, que a Paris,  
 Da cataracta, á extracção fingida,  
 Do Sogro Burro zorra, assistir fôra,  
 E no Sena tambem d'auctor fizera.  
 O orelhudo zurrador Trigoso via-se  
 Que, dos *bem cazados*, por via da Burra,  
 Dos Burros conselheiro Stuart alçara.  
 Via-se o Hollandez maçõ Brancamp,  
 Que outrora deputado ao Corso fôra,  
 Para de Lysia se dar cabo e conta,  
 Á manjadoura alta hoje aspirando.  
 La jazia tambem o Asno Sarmento,  
 Que zurrar tanto á Ingleza affecta,  
 E tanto á Angla albarda e freio aspira.  
 Depois de coucearem á porfia,  
 E co' as orelhas tesas ornejarem,  
 O Incenso bestial tendo exhalado,  
 Logo aberta a Sessão foi declarada.  
 Que memoravel e estrondosa epocha  
 So da Prosapia dos Jumentos digna!  
 Era tal o barulho, e os couces tantos,  
 (Pois zurrar cada um primeiro qu'ria)  
 Que a não ser o chocalho do Asno negro,

E os zurros mestres do Sarmento Burro ,  
De Canning , Stuart , e de Palmella a Cria (7)  
Morta ficara a couces , e a patadas .  
Mas elle ser ouvido conseguindo ,  
Entre ventosas salvas , couces , zurros ,  
Elle orneja d'esta arte , e assim começa :  
— « Faltam-me as expressões , amigos todos ,  
Inda a nossa fortuna crer não pôsso !  
Quem diria que agora aqui nos veriamos ?  
E que , aquelle que mais escouceámos ,  
Comnosco se portára de tal modo ?  
Sirva-vos pois de regra , meus amigos ,  
Que pouco , ou nada ganham Burros mansos :  
O grande passo , que de certo démos ,  
Foi o Princ'pe encaixar na Confraria ,  
E , o fazer-lhe crer , que é formulario ,  
Que sem nós nada pôde , e nada vale :  
Muito o Anglo Góvêrno fez ao caso ;  
Maiormente Stuart , e o grande Canning ;  
Tam habeis elles são , e tam politicos ,  
Que mal no Rio aquelle desembarca ,  
Logo a amiga do Principe procura :  
Elle (como s'es'p'rava) trouxe tudo :  
Os que ao Throno e Nação contrarios eram ,  
Na erecção do Góvêrno entrá-los fez .  
O Brainer do Conselho d'Estado é ;  
Igualmente os Heroes Candido , Abrantes ,  
O Trigoso ; e o foi Silvestre , e Pámplona :  
É n'isto que consiste a nossa dita ,

E que se mostra da Sandíce a fôrça:  
 Elles Rev'lucionarios todos são,  
 (Ou descontentes, como chama Canning)  
 Mas é uma tal gente que nos serve.  
 Cuidado não vos deem as duas Camaras;  
 Basbaque muito (bem sabeis) que ha na outra,  
 Que a casaca a voltar sempre estão prontos,  
 Hospedando mui bem os estrangeiros:  
 Se Francos entram, logo são bons Francos;  
 Se Inglezes, logo são seus Adjudantes:  
 A que nós aspirâmos, como aquelles,  
 É comer, putear, mandando á turba;  
 Pouco emporta aos Bretões obedeçâmos;  
 Se os bem servir-mos, pagos bem seremos:  
 Que importa que p'ra Queluz, ou Windsor,  
 Se transporte dos Lusos o dinheiro?  
 Nós somos os fiscaes, é quanto basta,  
 E o mundo ir deixemos como vai.  
 Conselheiro murmuram ser o Abrântes;  
 Mas, a meu ver, razão não teem p'ra isso:  
 Quem a trampa da Vácina inocúla,  
 P'ra d'Estado Cons'heiro assás é apto;  
 Pois iguaes são Vaccina Trampa e Carta.  
 Irmãos da tratantisse e pedantismo,  
 Eis porque o Candido e Brainer também são.  
 Sem saber como, e so por rebem dita  
 Contribuiu, trabalhou mais que ninguem  
 P'ra a nossa restauração o Pamploná:  
 Os Delegados seus o despícaram,



## CANTO SEXTO.

125

Porto-Sancto, Barradas, e Lacerda ;  
 Por isso paga boa ja tiveram,  
 Um chupando o ordenado por inteiro;  
 A corda, os outros, do cruzeiro tendo.  
 Para hoje melhor impor ao público,  
 Da macaquice o segredo temos,  
 Que é a um Bispo ter no Ministerio:  
 Com esta bugiganga e incoherencia,  
 Conseguir dous grandes fins pod'remos;  
 Um ao povo tirar desconfiança  
 Dos planos, que ha ja muito, meditámos;  
 Outro pôr na Doctrina Sancta o Schisma,  
 E a Nação, desde então, ja preparar-mos  
 P'ra a mudança da Religião antiga;  
 Pois que *Revoluções* fazer sem isto,  
 Em frio ferro é malhar, perder o tempo.  
 O grande ponto, Socios meus queridos,  
 É da Sandice o parto ter vingado:  
 Um Padre ser Ministro da Justiça,  
 Isto é que se chama o supra-summo!  
 Porque, se outrora, os Francos, na Republica  
 Tinham Bispos e Abbades por Ministros,  
 Apóstatas, ao menos, elles eram;  
 E os nossos, hemque o sejam, não o mostram:  
 Por isso é maior philaucia e merito  
 Ja tres Bispos contar-mos na Justiça;  
 Bispos, que quando a Deus o culto fixam,  
 Da fazenda tambem dispoem, e vida;  
 Depois de consagrar, e antes, mandando

Ao proximo tirar os bens , e a vida:  
 Finura é esta que bem poucos vêem;  
 Finuras em que são Sandeus mui fortes :  
 Oxalá que o profano as não perceba ,  
 Pois aliás tudo ao cu de Judas torna.  
 Canning , Ministro quer seja o Palmellá:  
 Outrora , quando havia entusiasmo ,  
 Seria isto razão de nos oppormos;  
 Mas hoje, que o que qu'remos é comer ,  
 Seja Ministro quem for , seja o Diabo :  
 A vez terceira é que Canning o pede ,  
 E , a que no Ministerio entra , é a terceira ;  
 É verdade que n'elle se não temos ,  
 Não so porque se oppoz no Rio a tudo ,  
 Mas , porque foi por nós , depois , proscripto:  
 E visto que em Sessão secreta estamos ,  
 Que vos traga á memoria será justo ,  
 Quam pouco a este systema elle é affecto;  
 Que da volta depois de Villa-Franca ,  
 Na Commissão a que elle presidia ,  
 P'ra outra , se redigir , *Constituição* ,  
 Fôra elle um dos que mais a isto se oppoz ;  
 Resultando por fim seu despotismo :  
 Dominar foi a que elle aspirou sempre ,  
 E , a superior não ter senão os Álbinos:  
 Certo é , que elle mais do que nós , inda  
 Compromettido se acha com o Infante ,  
 E , que tudo fará , por ea não vê-lo ;  
 Mas pensai que se obter não poder isto ,

E sou  
 Negocia  
 Afiança  
 No caso  
 Isto, po  
 Da frequ  
 Portate  
 E que, a  
 Um, ter  
 E o outr  
 Este o v  
 O que a  
 A Sessão  
 D'aqu  
 E a casa  
 Que uns  
 Outros, l  
 Entrou r  
 O Villa-E  
 E tambem  
 Em pe t  
 Feitos os  
 E empina  
 C'um chi  
 —« De ce  
 E o que r  
 É por iss  
 E fazer-ll  
 Nós não

E souber que por fim governar vem,  
 Negociará com elle á custa nossa,  
 Afiançando Canning ficar impune,  
 No caso que Regente seja o Principe;  
 Isto, porque elle mesmo é boa prova  
 Da fraqueza dos Réis, e inconsequencia (8);  
 Portanto, bom será que em nós cuidemos,  
 E que, a carrilhos dous, tambem comâmos;  
 Um, teremos servindo em tudo a Canning,  
 E o outro, á Nação mui bem impondo:  
 Este o voto meu, Senhor Presidente. »  
 O que a Burrical Corja apoiando,  
 A Sessão adiaram p'ra outro dia.  
 D'aqui sahiu Sandice ás gargalhadas,  
 E a casa vai direita do Saldanha,  
 Que uns, diziam doente de uma sova;  
 Outros, fingida co' a invasão do *Chaves*:  
 Entrou no Gabinete, onde se achava  
 O Villa-Flor, e o gran' General Clinton,  
 E tambem c'o marido a Ingleza estava;  
 Em pe tudo se poz, sophá lhe deram;  
 Feitos os cumprimentos de costume,  
 E empinadas um cento de garrafas,  
 C'um chicote na mão começou Clinton:  
 —« De correr as Provincias todas venho,  
 E o que no povo vi foi indifferença;  
 É por isso preciso intimidá-lo,  
 E fazer-lhe o que na India já fizemos;  
 Nós não queremos dar-lhe o que não temos,

Mas queremos que um simulacro tenham  
 Que hoje julgamos ser-nos muito util:  
 Se o povo, qual o nosso, respingar,  
 E pelas leis antigas insistir,  
 Faça-se o que em taes casos practicamos,  
 Matar cem ou duzentos individuos,  
 E tudo logo foge e s'accommoda.  
 É preciso mudar o Ministerio,  
 E que, em tudo, do partido Inglez seja.  
 De M'nistro ja expulso vezes duas,  
 Por servir, foi Palmella, a nossa causa:  
 Ha muito, co' elle, e os Souzas nós contamos;  
 Cumpre, e urgente é ja faze-lo vir,  
 E que, o Cunhado, va substituí-lo;  
 Porque somente é co' esta familia  
 Que o Governó Inglez sabe intender-se;  
 Pois quem albardas faz, bem as sustenta:  
 Eu n'isto fallarei mesmo á Princeza;  
 De vossas Excellencias stou eu certo.»  
 Isto ouvindo, tal salva den Sandice,  
 Que desmaiada ficou a Ingleza toda;  
 Porém sendo levada para dentro,  
 Ergueu-se o Villa-Flor (9) e assim disse:  
 — « Eu sou do voto do General Clinton;  
 É preciso servir-mos quem nos serve:  
 Eu a Londres ja fui, e ahi fiz saber  
 Que ninguem servirá como eu Inglezes,  
 Pois que assim sirvo a mim, e a minha pelle:  
 La saber fiz ao cumplice Palmella,

Que, aq  
 Por ham  
 E por inf  
 Digno m  
 Mal acab  
 Foi tal a  
 Qu' do Sa  
 E a Clint  
 Faracão t  
 Foram, a  
 E depois  
 Decretos  
 Mas algu  
 Ministro  
 O que a I  
 Tal a tact  
 Nomear P  
 E quando  
 Chamar e  
 Bonifrate  
 Que, por  
 Esta ne  
 Ao das P  
 Victoria t  
 Nas palan  
 Deputaçã  
 P'ra que  
 O Diplom  
 Ide agora

## CANTO SEXTO.

129

Que, aqui de modo algum, convinha o Infante;  
 Por bamburrio General hoje me acho,  
 E por influxo d'aquella que alli ves:  
 Digno me farei d'ella em todo o tempo.»  
 Mal acabado tinha a última phrase,  
 Foi tal a bufa que largou Sandice,  
 Qu' do Saldanha os bigodes se molharam,  
 E a Clinton embaciaram-se as dragonas,  
 Furacão todos crendo ser da Barra.  
 Foram, acabado isto, para o Paço,  
 E depois de fallarem á Regente,  
 Decretos, aos novos Membros, s'expediram;  
 Mas alguns, qu'inda á antiga, pensar qu'riam,  
 Ministro ser do Erario recusaram,  
 O que a Duarte Coelho off'recer foram.  
 Tal a tactica é dos Sandeus hoje  
 Nomear p'ra Ministros, Paritanos;  
 E quando isto acceitar elles não queiram,  
 Chamar então das Côrtes os serventes:  
 Bonifrates, alfim ter, é o plano,  
 Que, por quanto lhe mandam, tudo estejam.

Esta nova levou Sandice logo  
 Ao das Parras Café, onde a aguardavam:  
 Victoria filhos meus! ( ella lhes brada)  
 Nas palanganas, hoje, ponche quero;  
 Deputação va a Villa-Flor, e a Clinton  
 P'ra que amanhã aqui receber venham  
 O *Diploma* que tanto elles merecem.  
 Ide agora pastar, vivei tranquillos,

Ja livres das Galés, vivei quaes Burros.  
 Se atrevido ainda algum surgir um dia,  
 Que vos queira albardar, junctai fucinhos,  
 Fazei praça vasia, e da garupa  
 Despedi-lhe incessante artilheria;  
 Couces nas Lettras, couces nas Sciencias:  
 Este o dever de verdadeiros Burros.»  
 Disse: atrás d'ella os Genios revoando  
 Foram cear c'os Conegos Regrantes.

FIM DO SEXTO E ULTIMO CANTO.

(1) Co  
 (2) O  
 miliação  
 daeta em  
 que foi  
 novemb  
 assolar  
 da muit  
 elogio,  
 (3) VI  
 (4) N  
 Canning  
 discurso  
 ra de de  
 (5) O  
 atriz, e  
 (P. 3  
 soez Re

OS.  
uaes Burros.  
rgir um dia,  
anetai fucinhos,  
upa  
heria;  
nas Sciencias:  
s Burros.»  
ios revoando  
egranter.

IMO CANTO.

---

---

## Notas.

---

### CANTO I.

(1) Commandante da praça.

(2) O Stockler foi ao Brasil fazer todas as humiliações para obter o perdão da sua boa conducta em 1807; e não so foi elle o primeiro que foi ao encontro ao Junot a Sacavem em novembro de 1807 cumprimentá-lo por vir assolar Portugal; mas foi igualmente o orgão da muito leal Academia, repetindo o célebre elogio, que se teceu ao usurpador.

(3) Villa-Flor.

(4) Nome que se dava ao ministro Inglez Canning depois do famoso e revolucionario discurso que elle fez na Casa-dos-Communs a 12 de dezembro de 1826.

(5) O Ministro Canning era filho de uma actriz, e o pae ignoto.

### CANTO II.

(P. 31, v. 23.) Esse livreiro é o baboso e toez Rey, o qual comprou ao Pamplona a casa

de campo que este possuía em *Pantin*, quando partiu a primeira vez para Portugal.

## CANTO III.

(1) O Príncipe, hoje Imperador do Brasil, tirando na quinta de Sancta-Cruz em 1819 um dente postiço ao Lopes, que fazia de sevandija e bobo no Rio de Janeiro, e quebrando-o com uma pedra, este se poz a clamar, dizendo — « Que era um dente pelo qual tinha dado em Londres 30 guineos! »

(2) Benjamim Constancio, membro da Camara-dos-Deputados, e um dos corypheus do Liberalismo.

(3) O sotaina Abrantes mandou pôr no Jornal francez o *Constitucional* quanto aranzel ha imaginado, sahindo-se por fim com uma grande *Carta* dirigida a Sir W. A' Court, em que parece fallar com carta branca da parte do público Portuguez. Desgraçado público com tal advogado! E como quer á fôrça ser Conselheiro d'Estado, nomeação que obtêve no Serralho do Rio (repartição em que é assás forte) toda a sua azafama é querer mostrar que o Infante D. Miguel não pôde ser regente, mandando outra *Carta* anonyma ao tal *Constitucional*, em que se sai com *dilemas* proprios da sua cabeça empoadá: e o mais galante é,



m *Pantin*, quando  
Portugal.

## II.

erador do Brasil,  
Cruz em 1819 um  
fazia de sevandija  
quebrando-o com  
mar, dizendo —  
ual tinha dado em

membro da Ca-  
dos corypheus do

ndou pôr no Jor-  
quanto aranzel ha  
com uma grande  
urt, em que pa-  
da parte do pú-  
público com tal  
fôrça ser Conse-  
que obteve no  
em que é assás  
querer mostrar  
pôde ser regente,  
ma ao tal Consti-  
dilemas proprios  
mais galante é,

## NOTAS.

133

que ao momento, que com *Monsieur Fritôt* na  
mão, quer mostrar que a Regencia não pôde  
pertencer ao Principe D. Miguel, (ja se sabe,  
porque não lhe faz conta) sahe-se em dizer  
— « que isto não é por falta de consideração e  
respeito que tenha ao Principe; pois quando  
elle estava abordo da nau Ingleza Windsor-  
Castle, lhe ia beijar todos os dias a mão. » Que  
tal o brejeiro! um tratante que se ia la, era  
mandado pela Facção e Irmandade para espiar  
o Principe no estado mesmo em que se  
achava!!!

## CANTO IV.

(1) É de tal natureza a *Maçonaria* de Por-  
tugal, e tam differente d'aquella que se ve em  
Inglaterra, em Alemanha, e nos Estados-Uni-  
dos, que quando algum se acha em artigo de  
morte, se confessa de ser Mação, e entrega as  
insignias ao Confessor; dando com isto a in-  
tender que seguia uma seita contrária á Re-  
ligião, aos costumes, e ao Estado; isto acaba  
de fazer o Marquez d'Engeja, e fez o ex-regente  
Souto-Maior em 1822.

## CANTO V.

(1) Entre os honrados fidalgos que volonta-  
riamente se alistaram para irem a França servir

Bonaparte, se notavam o Marquez de Valença, o Conde de Sabugal, o Visconde d'Assêca, e outros taes. Esses Campeões assim mesmo sem pessoa alguma fazer caso d'elles em Grenoble, diziam la — «Que ao menos no meio das privações que tinham, lhes fazia mais gôsto servir um heroe como Napoleão, que a um *basbaque!!!*»

(2) Ilha de San' Domingos.

### CANTO VI.

(1) O escriba Brito, ex-ministro em Holanda, mas então residente em Paris, tinha composto uma Memória sôbre o *estérco*, e levando-a aos *collaboradores dos Annaes* para que estes a inserissem em um dos tomos da mesma Obra, respondeu-lhe o tratante Candido; — «Ja n'este volume vai a minha Memória sôbre as *commuas innodoras*; a de V. S. ficará para o seguinte, porque aliás seria muita merda juncta.»

(2) O doctor Vicente, chamado hoje o *velho liberal*, é o que quiz dar conta d'El Rei em 1806, e da Monarchia em 1808.

(3) Ao Conde da Taipa se fez um Conselho de guerra pelo que elle desimava ao Regimento, que commandou; porém o maior castigo que teve (como se costuma practicar em Portugal com esta boa gente) foi ser demittido do serviço.

(4)  
trici  
reiro e  
Franç  
hoje d  
gnage  
fôrça  
Cardes  
Reged

(5)  
contad  
casame  
muito  
sentad  
cuidou  
qual e  
metten

(6)  
(7)  
(8)  
soffrer  
que ell  
Carolin  
intriga  
Ministr  
D. Joã  
os out  
(9)  
é, em

(4) Expressão de que usou o Patriarcha Patrio no seu famoso discurso de 12 de febreiro de 1827: expressão que até os jornalistas Francezes sublinharam. Tal é a *litteratura* hoje dos nossos homens d'Estado! Tal a linguagem e os gallicismos dos Frades, que á força de pôrem avantal se acham erectos em Cardeaes, Patriarchas, Ministros de Justiça, e Regedores!

(5) Tendo um sujeito, amigo do Bentencourt, contado-lhe as ventajens que tinha com um casamento, que ia contrahir com uma senhora muito rica, e sendo o dicto Bentencourt apresentado á tal senhora pelo seu amigo, aquelle cuidou em a seduzir, e casar com ella; com a qual conducta, melancholisado o sujeito, se metten Frade.

(6) Bento Pereira do Carmo.

(7) A Carta do Canning.

(8) O actual Rei de Inglaterra nunca poud soffrer Jorge Canning, principalmente depois que elle quiz fazer de Conselheiro da Princeza Carolina sua espôsa: no em tanto depois (por intrigas e terrores) veio a ser seu primeiro Ministro! e diziam os falladores — «Que D. João VI era um fraco.» E que teem sido os outros?

(9) A anarchia que se ha visto em Portugal é, em grande parte, obra do Conde de Villa-

Flor pessoa das mais compromettidas, e por isso fazendo todo o esforço para encaixar na scena bonecos de que se serve para os seus fins, taes como um João Carlos de Saldanha, um Marquez de Valença, um Candido, e ultimamente o bonifrate Conde da Ponte! Que Ministros d'Estado não tem produzido a *Carta!* Isto é que constitue o Reinado da Sandice! Que não rirão os estrangeiros em quanto os Portuguezes chóram!!!

Transcreve-se aqui fielmente o que se lê nos jornaes Inglezes *New Times*, e no *Courrier* de 11 de agosto. — «João Carlos de Saldanha, sendo Pedreiro e favorito da Irmandade, fizeram todos os esforços nas *Lojas* para excitar o Povo em seu favor; de maneira que a 24 de julho se fizeram postar muitos vadios, de que Lisboa abunda, á porta do Intendente da Policia Bastos, dando-se a cada um seis vintens, e aos rapazes tres, para gritarem contra o Intendente, e em favor do Saldanha!!!»

FIM.

---

PARIS. — NA OFFICINA DE RIGNOUX,  
RUA DES FRANCS-BOURGEOIS-S.-MICHEL, N.º 8.

mettidas, e por  
para encaixar na  
para os seus fins,  
Saldanha, um  
dido, e ultima-  
Ponte! Que Mi-  
luzido a Carta!  
o da Sandice!  
em quanto os

o que se lê nos  
o *Courrier* de 11  
aldanha, sendo  
e, fizeram todos  
o Povo em seu  
filho se fizeram  
isboa abunda,  
Bastos, dando  
os rapazes tres,  
te, e em favor

o segund  
o ostend  
o 17 out  
Saldanha

RIGNOUX,  
ICHEL, n.º 8.



